

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO

TEATROS VERDES:
O FUTEBOL NA CIDADE E A CIDADE NO FUTEBOL

Fabício Cardoso da Silva

São Leopoldo

2021

Fabício Cardoso da Silva

**TEATROS VERDES:
O FUTEBOL NA CIDADE E A CIDADE NO FUTEBOL**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade do Vale do
Rio dos Sinos – UNISINOS, como
requisito para obtenção do grau de
Mestrado em História.
Orientador: Prof. Dr. Jairo Rogge

S586t Silva, Fabrício Cardoso da.
Teatros verdes : o futebol na cidade e a cidade no futebol /
Fabrício Cardoso da Silva. – 2021.
118 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.
“Orientador: Prof. Dr. Jairo Rogge.”

1. Cidade. 2. Estádios de futebol. 3. Futebol - História. 4.
Urbanização - História. 5. Fotografia. 6. Paisagem esportiva. I.
Título.

CDU 796.332(81)(091)
CDD 796.3340981

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

Aos meus queridos pais

João (*In memorian*)

Maria (*In memorian*)

AGRADECIMENTOS

Quando um projeto termina começamos a fazermos uma depuração daquilo que nos foi importante. Como um trajeto de vida esse ofício de falar das cidades, começou bem longe de um centro acadêmico. Creio que começou naquele olhar de criança que, estupefata, conhecia o mundo pela primeira vez e que ousou transformá-lo em dissertação.

Mas, o meu caminho não se fez sozinho. Sim, eu começo pelos meus pais, afinal, sem eles eu não estaria aqui escrevendo. Seja pelo destino ou um acaso biológico e social, os agradeço profundamente pelos ensinamentos, os erros e os acertos que eles tiveram para comigo. Hoje, nestes dias não os tenho próximos a mim, nem puderam ver o caminho ao qual trilhei. Porém, ao fechar os meus olhos, os encontros em minha memória e cumprimento a minha herança com o meu passado. Contudo, nem só de lembranças este texto seria redigido, também agradeço a companhia de minha irmã, que mesmo com altos e baixos construímos nossa caminhada e seguimos adiante. Aos olhos de minha sobrinha que ainda poderá ver o que o seu tio escreve e ao meu cunhado que também me acompanhou.

Fundamentalmente para que esse projeto caminhasse tem uma pessoa especial que não poderia ser deixada de lado neste relato. Ela foi a minha primeira motivação quando comecei a rabiscar os primeiros indícios de pesquisa, a inspiração para muitas de minhas ideias e como minha mestra tive a alegria nos dias em que aprendi com ela. Para Eloísa Capovila que dedico as melhores páginas deste trabalho. Sem a presença dela pouco ou quase nada poderia ter se tornado real. A mestra que me guiou por estas ruas, com sua sabedoria e talento me fez acreditar em meu próprio sonho.

Ao querido professor Jairo Rogge, que, aceitou de maneira rápida a difícil missão de me encaminhar pela Banca de Qualificação e nesta caminhada final. De suas falas lúcidas me deste a segurança para que o caminho pudesse ser trilhado. Não teria como me esquecer de Luciana Oliveira, que como professora, avaliadora de minha banca se tornou uma das pessoas que mais admiro no trato com as imagens. Suas contribuições, conhecimento e vivacidade sempre foram uma inspiração para a construção de minha dissertação. Ademais, foi na figura simbólica de Paulo Moreira, aquele personagem apaixonado por futebol, meu primeiro orientador, aquele mestre

que nos ensina sempre, as suas contribuições seguiram-se nesse mestrado e me ajudou a enxergar as ruas que por vezes passavam despercebidas ao meu olhar.

Agradeço profundamente a Capes e aos seus sistemas de bolsas, pois, um país que não incentiva a sua pesquisa morre. E, em tempos de Coronavírus essa máxima nunca foi tão verdadeira.

Entretanto, aqui gostaria de deixar espaço para um conjunto de pessoas, aos quais fui privilegiado de encontrar em minha caminhada de vida e na academia e que sem suas intervenções o Fabrício de hoje não estaria aqui. Começo pela minha querida amiga Pricila, vivaz em todos os sentidos, uma escritora sobre a história da alimentação que se juntou a um escritor do futebol, muitas de minhas ideias surgiram em conversas nossas regadas a café, e, sou grato por estarmos trilhando juntos os nossos sonhos de sermos historiadores de assuntos peculiares aos olhares da maioria.

Entretanto, é em Augusto Blume que deposito uma grande quantidade de agradecimentos. Sua inteligência notável e lucidez me faziam perceber o que eu não conseguia. Em conversas, reflexões me permitu crescer como pesquisador e ser humano. Claro, que aqui viriam Alana com sua inteligência, Bárbara com sua inspiração e Samanta que como queridas amigas puderam me apoiar neste percurso. E, também, deixo aqui palavras para marcar em especial a Ananda Stumm que como uma grande amiga se tornou ouvinte e acompanhou desde o início essa jornada, cada angústia, cada dúvida, cada gota de suor ela pode acompanhar. Cada sonho, dividimos um bom tempo, e, nestes segundos, minutos, horas e dias pude a ser um ser humano melhor, e, mesmo longe, me apoiou. Aos meus grandes amigos um agradecimento especial.

E, para fora dos corredores da academia marco meu irmão Jonatas, que se o destino não nos deu o mesmo sangue foi um erro dele, porque sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, bons e ruins, foi a mão que me manteve no caminho muitas vezes. Além da Luana sua esposa e uma querida surpresa para a vida. Também, a Murilo outro irmão que a vida me trouxe, apaixonados pela História compartilhamos esses tão difíceis dias de pandemia. Mas, quis a realidade que essa caminhada tivesse muitos percalços, então agradeço nos últimos meses de escrita todo o carinho e o apoio que recebi de minhas tias Afonsina e Lucimar.

Assim, cada letra aqui escrita tem um poquinho de vocês que me ajudaram a compor este cenário das cidades do futebol. Também, a cada torcedor e amante do

esporte que sem eles não dariam vida aos estádios. Ao Grêmio, ao Internacional e a cada jogo que me motivou a escrever mais sobre esse objeto tão complexo de pesquisa.

*O mundo não é **futebol**, mas no futebol há uma porção de **mundo**.*”

Ror Wolf

Escritor e poeta alemão

(1932 – 2020)

RESUMO

A presente dissertação analisa, através das imagens das construções dos Estádios Olímpico (1954) e José Pinheiro Borda – Beira Rio (1969), em conjunto com os periódicos *Jornal do Dia* e *Diário de Notícias*, como o futebol participou da construção da imagem da cidade. As fotografias aqui utilizadas são as mais expostas por ambos os acervos dos clubes, bem como as matérias dos jornais contribuem para compreender o enredo que conduziu essas obras arquitetônicas. Dessa maneira, abordamos essa temática através do olhar conceitual de John Bale (2003), historiador e geógrafo inglês que desenvolveu o termo de *paisagem esportiva*. Esse conceito procura compreender os espaços que se encontram nos arredores dos estádios e se constituem em peças participantes do próprio momento esportivo. Assim, captamos a cidade de Porto Alegre e suas transformações urbanas nas décadas de 1950 e 1960, período de um crescimento urbano que proporcionaria a imagem que a cidade hoje possui. Entre disputas sociais, moradia urbana e poder político, os estádios de futebol se entrecruzam com as dinâmicas sociais da urbe, construindo um imaginário próprio e mudando para sempre a face da cidade. Se integrando ao traçado da cidade, a paixão pelo futebol motivou duas obras arquitetônicas de grande envergadura, modificando os espaços da urbe, seja na remoção de uma vila no caso do Grêmio ou na alteração de uma paisagem ambiental, como no caso do Internacional. Assim, a cidade e seu imaginário se relacionam com o advento dos estádios e provocam um olhar sobre a *cidade do futebol* e seus *teatros verdes*.

Palavras-chave: Cidade, Estádios de futebol, História do Futebol, História Urbana, Fotografia, Paisagem Esportiva.

ABSTRACT

This dissertation analyzes through the images of the buildings of the Olympic Stadium (1954) and José Pinheiro Borda – Beira Rio Stadium (1969) alongside with the newspapers *Jornal do Dia* e *Diário de Notícias* how football participated in this construction of the city's image. The photographs used here are the most exposed by both collections of the clubs, as well as, the articles in the newspapers contribute to understand the plot that led to these architectural works. We will approach this theme through the conceptual look of John Bale (2003), English historian and geographer who developed the term *sports landscape*. This concept seeks to understand the spaces that are found around the stadiums and that are pieces that participate in the sporting moment itself. Thus, we can approach the city of Porto Alegre and its urban transformations, in the 1950s and 1960s, a period of urban growth that would provide the image that the city has nowadays. Between social disputes, urban housing and political power, football stadiums intertwine with the urban dynamics of the city, building their own imaginary and forever changing the face of the city. Integrating with the layout of the city, the passion for football motivated two architectural works of great scope, modifying the spaces of the city, either in the removal of a village in the case of Grêmio or in the alteration of an environmental landscape, as in the case of Internacional. Thus, the city and its imagery are related to the advent of stadiums and provoke a look at the *city of football* and its *green theaters*.

Keywords: City, Football stadiums, Football history, Urban history, Photography, Sports landscape

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Entender a cidade	17
2. ANDANDO PELA CIDADE	20
2.1 Os Teatros Verdes	22
2.2 Porto Alegre entre ruas, traçados e sentimentos	29
2.3 Entre Jogos, o espetáculo na cidade	33
2.4 Um lugar, várias moradas	37
3. TEATROS, PALCOS, TEMPLOS: O ESTÁDIO E A CIDADE	48
3.1 Política e Futebol, um jogo interminável	53
3.2 “Um Monumental Colosso”: quando a hipérbole entre em campo	61
3.3 Sociabilidades de fim de tarde: o estádio mostra a cidade	71
4. A CIDADE DO FUTEBOL	81
4.1 Entre as águas e a cidade	86
4.2 “Aqui todos seremos iguais”: futebol em tempos de ditadura	95
5. CONCLUSÃO	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

1. INTRODUÇÃO

O que Fernand Braudel (1965) e John Bale (2003) têm em comum? Talvez, pouco ou quase nada, entretanto, este trabalho tem por objetivo criar um espaço de diálogo entre o historiador francês da „longa duração“ e o geógrafo inglês dos esportes. Como toda boa conversa de botequim depois de uma resenha esportiva, este diálogo não é linear, ele é, antes de tudo, uma colcha de retalhos que os historiadores tanto gostam de costurar. É neste recorte que apresento minha proposta de Dissertação. Ela quer analisar, no contexto amplo da cidade de Porto Alegre, como os estádios de futebol da dupla Grenal¹ contribuíram para a transformação da própria cidade, seja em seu mapa urbano, em sua imagem como urbe, ou em sua relação com a sociedade.

Perceber estas nuances é a tarefa a que me proponho. Quero andar pela cidade observando suas camadas como um arqueólogo contemporâneo, digno de um Indiana Jones², ou, como diria Pierre Nora³, busco nas camadas de memória do concreto, reconstruir uma cidade dos anos 1950 e 1960. Repletos de transformações e reflexões, estes anos significaram uma virada nos aspectos da modernidade do século XX, em especial na arquitetura e no crescimento das cidades latino americanas, dentro de uma nova conjuntura política resultante do pós-guerra. Mas, também significaram, para o esporte mais popular do planeta, o futebol, uma alteração de seus padrões. Não era mais o esporte semiamador do início, pois o profissionalismo já havia alcançado pleno desenvolvimento, onde os aficionados cresciam em número e os palcos do espetáculo necessitavam se adequar aos novos padrões estabelecidos.

Nascidos dessa vontade, estádios surgem em concreto pelas cidades ao redor do mundo. Essa efervescência arquitetônica chamou a atenção e o olhar de John Bale (2003), geógrafo e historiador inglês que percorreu a Inglaterra, os Estados Unidos e a Austrália observando as mudanças que os complexos esportivos produziam nas grandes cidades do mundo anglo-saxão. Os locais de esporte fornecem uma fonte

¹ Grenal é o nome dado a partida entre os clubes Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e o Sport Club Internacional, maior clássico futebolístico da cidade de Porto Alegre. A alcunha data sua origem na imprensa da cidade a partir dos anos 1920 e é atribuída ao jornalista Ivo dos Santos Martins.

² Indiana Jones personagem ficcional da série de filmes homônima criadas por George Lucas e Steven Spielberg tendo a primeira película lançada em 1981. A personagem se notabiliza por ser uma figura que vincula as atribuições de aventureiro e antropólogo de mistérios ficcionais da história.

³ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Yun Khoury. *Projeto História*: São Paulo, 1993.

potente de afeição. Sentidos diferentes – principalmente visão, mas também cheiro, som e nostalgia – contribuem para um senso de lugar (BALE, 2003, p. 19). Foi dessa forma que o autor cunhou o conceito de “paisagem esportiva”, algo primordial para este trabalho e que outros autores também definiram assim:

Paisagens esportivas são locais onde eventos esportivos e atléticos são realizados. Campos de golfe, estádios de baseball, arenas esportivas, vilas olímpicas e a pista de corrida da escola local, são apenas alguns exemplos de paisagens esportivas. Tipicamente, por serem locais de reunião pública, paisagens esportivas incorporam as memórias compartilhadas de uma sociedade. Comunidade, festas, vitórias e decepções são experiências coletivas de paisagens esportivas. (BASS e GIBSON, 2015, p. 3).

Os autores norte-americanos Bass e Gibson (2015), analisando as transformações de campos de baseball na costa oeste americana ampliaram o sentido de paisagem esportiva. Entretanto, Julio Frydenberg (2011) ao analisar a história do futebol argentino chamou a atenção para os arredores dos complexos esportivos, mostrando que eles estariam em correlação com a paisagem esportiva. Entendemos, assim, por *paisagem esportiva*, não somente o já referido pelos autores acima, mas, todo o conjunto arquitetônico, de infraestrutura e comercial em torno dos estádios. Nesse conjunto, uma parte está ligada a outra e todas são peças de um cenário maior que é a cidade.

Vale ressaltar, ainda, as questões relativas ao tempo. A pesquisa longitudinal auxilia na observação pormenorizada das transformações do espaço urbano em um longo período histórico. Isso nos aproxima do conceito de „longa duração” de Braudel que, observando as sociedades no Mediterrâneo, apontou para o fato das modificações da sociedade estarem intimamente ligadas a distintas temporalidades. Economia, política, sociedade - cada campo com seu ritmo – ajudam a colocar concomitantemente o cenário geohistórico em movimento.

Observar o que aconteceu entre as décadas de 1950 e 1960 em Porto Alegre, nos estádios de futebol e em suas regiões, pode ser considerado um período curto dentro do campo histórico. Entretanto, o volume das transformações operadas pelo esporte e na sociedade ao longo do século XX nas cidades, aponta para continuidades e rupturas bem marcadas. O futebol conheceu seu auge construtivo e arquitetônico nessas décadas, principalmente no contexto pós 2ª Guerra Mundial, na América do Sul. O Mundial de 1950 no Brasil, tendo como carro chefe o Estádio do Maracanã,

impulsionou o modelo para as próximas décadas. Nas cidades europeias destruídas pela guerra, os novos estádios ou a remodelação dos antigos também se expandiram. Cada vez mais espectadores acompanhavam os jogos, e públicos como o do final da Copa de 1950 entre Brasil e Uruguai chegaram a 200.000 em um só lugar, para um só jogo⁴. Popularidade, dinamismo e crescimento econômico elevam o *status* desse esporte, cada vez mais, na sociedade.

Já as cidades – e falo aqui no plural mesmo, pois, é uma pequena generalização – se comportam como o grande cenário, um palco onde se desenvolvem o futebol e os estádios. Sobre as cidades, buscamos conceitos significativos para interpretá-las em autores como Munford (1982), Santiago (2000), Lepetit (2001), Pesavento (2007), Romero (2009) e Monteiro (2006), entre outros. Todos eles nos apresentaram panoramas movediços, na história das cidades que estudaram.

Entretanto, partindo do local, Charles Monteiro (2006) alia fotografia – uma das fontes deste trabalho – com o cenário citadino de Porto Alegre, e esta abordagem se constituiu numa preciosa aproximação. Escrever sobre Porto Alegre é ao mesmo tempo vivê-la, senti-la e apresentá-la. É dessa maneira que Sandra Pesavento chama nossa atenção para os sentidos e afetos dessa cidade que é ao mesmo tempo local de morada e capital administrativa do Estado do Rio Grande do Sul. É nessas imagens e imaginários que Pesavento e Monteiro trazem uma narrativa de como a cidade se viu e se faz ver. O futebol nesse quadro urbano, se apresentou como mais uma forma de interpretação do espaço no período estudado, e mostra como a cidade deveria aparecer para o resto do Brasil. Mesmo que de modo transversal, o esporte bretão já se inseria em planos locais, regionais, nacionais e mundiais nos anos 1950/1960.

Romero (2009) nos faz lembrar que as cidades brasileiras compõem uma matriz cultural latino americana. Essa experiência é vivida em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Montevidéu ou Bogotá, onde os dilemas citadinos, as congruências políticas e a maneira de vivenciar o espaço são características próprias de um continente que observou praticamente do zero a elevação de espaços urbanos. Diferentemente das cidades europeias que se reconstroem sobre camadas de prédios, pedras, madeiras, ruas que ora brotam e ora se desfazem, as cidades latinas mantêm a amplitude dos espaços abertos, da possibilidade latente de construir sobre a vegetação nativa. O

⁴ Jornal dos Sports, 18/07/1950.

Novo Mundo, lembrando Gruzinski⁵ (2012), é não somente um imaginário político, mas, também um imaginário geográfico e isso segue presente em nossas construções.

Bernard Lepetit (2001) se refere ao espaço urbano como um traçado que, visível a olho nu ou criado a partir de uma ideia de cidade, constrói e demarca territórios dentro da própria territorialidade da cidade. Assim, o mapa da cidade se transmuta em uma tela em franca reconstrução, com o período da década de 1950 sendo marcado por movimentos migratórios do campo para a área urbana, impulsionando o desenvolvimento econômico e cultural, bem como a expansão viária e demográfica da cidade.

Numa perspectiva histórica, a ideia de cidade é apresentada muito antes da concepção moderna, do século XX. Talvez, como Mumford (1982) explica, ela permeia o imaginário humano desde as primeiras ocupações territoriais, construindo nexos. Da *pólis* grega às modernas megalópolis, a palavra cidade tem diversos sentidos e usos que abrangem desde um habitado espaço físico até espelhos de si e construções contínuas de identidades.

Assim como uma obra, a cidade é uma construção artística. Ela pode ser entendida politicamente, culturalmente, religiosamente, economicamente, geograficamente e, ao mesmo tempo, pode compor com todos estes elementos um mesmo cenário. Ela pode ser a Constantinopla conquistada pelos muçumanos em 1453; pode significar o progresso de uma enfumaçada Londres do século XIX; e pode ser a terra dos sonhos de uma Nova York do século XX. Ou seja, a cidade é o lugar onde as pessoas vivem, porém é, também, o espaço onde elas constroem seus vínculos. Sendo assim, nunca temos apenas uma cidade, mas, várias dentro de uma mesma.

Neste sentido, qual o lugar do futebol e do estádio no espaço urbano? Para Gilmar Mascarenhas (2013), o estádio de futebol é pertencente ao espaço-tempo da cidade. Ainda que num ambiente contemporâneo, Mascarenhas (2013) observa a potência dos estádios e os entende como microcosmos do universo urbano. Já Huizinga (2015) aborda uma faceta da temporalidade e sacralidade do espaço esportivo: o futebol, a cultura e o tempo se produzem para muito mais do que os 90 minutos estipulados pelo jogo. O futebol, diferente da prática dos outros esportes,

⁵ GRUZINSKI, Serge. *Que horas são ... Lá, no outro lado? América e Islã no limiar da época moderna*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Autêntica Editora: Belo Horizonte, 2012.

precisa de um lugar próprio na cidade. Então, trata-se de um modo de apropriação do espaço. Isto é essencial para se definir os grupos sociais e os interesses que envolvem a organização dessa atividade esportiva (Santiago, 2000, p.1).

Quanto às fontes, elas são a porta de entrada para qualquer pesquisa. São elas que vão permitir conversar com o tempo pretérito. Quem são ou o que são essas fontes? A primeira vem do jornalismo, uma vez que existe uma larga relação entre o futebol e a mídia jornalística. Um dos periódicos mais consultados para esta pesquisa foi o *Jornal do Dia*, hoje disponibilizado pela plataforma digital da Hemeroteca Nacional. O jornal escolhido era, nesse sentido, aquele que continha, até o momento da pesquisa, o acervo com maior disponibilidade para consultas. Contudo, sabemos que nem de longe ele era o veículo de maior circulação na capital gaúcha nos anos 1950. O principal jornal do Rio Grande do Sul, naquele momento, era o *Correio do Povo*.

Entretanto, o *Jornal do Dia* circulava a princípio, por vontade de seu fundador, nos círculos católicos e conservadores da cidade de Porto Alegre. Fruto dos ideais de Armando Pereira Correia da Câmara (1898 – 1975), esse veículo de imprensa por mais de vinte anos fora o bastião das ideias e correlações desse personagem que fora também um político, professor e primeiro Reitor da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUC-RS).

Falando sobre jornalismo no Rio Grande do Sul, Francisco Rüdiger (1993) analisou as transições que atravessaram esse campo de trabalho no Estado. Sobre o *Jornal do Dia*, o autor desenvolve duas linhas de raciocínio: a primeira diz que o veículo de imprensa fundado por Armando Câmara representa, ainda, um suspiro da imprensa partidária que movimentou a primeira metade do século XX. A segunda, mostra que o mesmo periódico fazia parte de um contexto competitivo da imprensa nos anos pós1950. Sobre o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias*, diz que ambos

formavam, então, a vanguarda de nosso jornalismo, seja pelos moldes verdadeiramente capitalistas de sua organização empresarial, seja pelo novo conceito jornalístico que, respondendo as novas demandas do tempo, estavam se consolidando na sociedade. Para ambos, os jornais eram apenas veículos imparciais de informações, responsáveis pelo registro nervoso dos dias em curso e a divulgação profissional e verídica dos acontecimentos. (RÜDIGER. 1993, p.57).

Esse modo de registro do cotidiano que se fazia pela imprensa, também estava

presente no Jornal do Dia. Assim, temas econômicos, políticos e esportivos se misturavam às falas dos padres e do arcebispo da capital, sendo acompanhados de perto pela equipe do jornal. Especificamente sobre o jornalismo esportivo, estudos como os de Hatje e Carvalho (1996) mostram como na década de 1950 houve o surgimento dos setoristas dos clubes, em razão da repercussão que certas entidades clubísticas adquiriram e pelo crescimento exponencial do interesse público. Couto (2016), no Jornal dos Sports, observou, também, a veia literária presente na cobertura esportiva, se apresentando com um modo específico dentro do campo jornalístico.

Já para o contexto dos anos 1960, nosso recorte nos levou para o citado acima Diário de Notícias, também disponível na Hemeroteca Digital e que possui um acervo amplo dos anos 1960 e 1970 digitalizados. Criado em 1925, esse periódico ganhou forma mesmo quando passou a fazer parte do conglomerado comunicativo de Assis Chateaubriand⁶. Tendo como principal rival periodista o Correio do Povo, ambos se destacaram pro sua modernidade gráfica e popularidade nos anos em questão. Se, para o Jornal do Dia seu caderno de esportes estava principiando, o mesmo não podemos dizer do Diário. Entra neste período uma maior estilização e destaque das matérias esportivas, ganhando mais páginas e uma cobertura mais rentável respondendo ao aumento da procura por este tipo de matérias.

Com este cenário que a obra responsável pelo Estádio Beira-Rio ganhou destaque e ganhou uma larga cobertura no ano de 1969. Momento esse que já despontava no declive do periódico dado ao falecimento de Chateaubriand e de sucessivos desgastes que o jornal adquiriu entre os anos 1950 e 1960⁷.

No entanto, Elmir (2012) recorda que nas relações entre o historiador e a fonte jornalística há diferenças entre as temporalidades, a veracidade e os discursos. O jornal como veículo se popularizou após a segunda metade do século XX tendo como fundamento a imparcialidade. Essa “imparcialidade” pelos estudos do Jornalismo, da História e da Linguagem estão repletos de significados e significantes o que aponta para uma cadeia de referências e interferências diretas ou indiretas. Cabe ao historiador compreender nestas linhas, que o jornal faz parte de um discurso.

Outro trabalho que aborda a imprensa como fonte é o de Monteiro (2006). Ao

⁶ Assis Chateaubriand (1892-1968) foi um grande empresário brasileiro das comunicações, dono da Diários Associados e responsável pela vinda da televisão para o Brasil, foi em sua época um dos homens mais influentes do país.

⁷ Ver: DE GRANDI, Celito. *Diário de Notícias: o romance de um jornal*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

refletir sobre a Revista do Globo nos anos 1950, esse autor observou a construção de uma imagem de cidade, através das fotografias publicadas na revista.

Palavras escritas são muito importantes. Quando impressas em documentos são o que comumente denominamos fontes, mas, para lermos um cenário, o visual, o fotográfico é tão importante quanto os textos escritos. E ambos são igualmente necessários. O século XX proporciona ao historiador investigar a fotografia como um elemento a ser considerado no momento da análise histórica. Dessa maneira, podemos contar com o auxílio das fotografias que visibilizaram a construção do Estádio Olímpico, do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense e do Estádio Beira Rio, do Sport Club Internacional. Ambas sequências fotográficas estão entre as mais vistas nos acervos dos referidos clubes.

Observamos que por mais que se tire uma fotografia de uma paisagem conhecida, naquele segundo a realidade é recortada (MONTEIRO, 2006) e logra muitos sentidos. Para Mauad (2008), as fotos permitem adentrarmos numa temporalidade própria, num cenário próprio ainda que guardem características do mundo conhecido. Ao tratarmos da fotografia, não devemos perder de vista que ela é, também, uma construção em si. Seja pela produção do autor, o fotógrafo, a máquina, o local, ou os motivos que a levam a ser produzida. E sem perder de vista a técnica, a luz, as pessoas e os locais onde serão armazenadas. Nesse caso, pode ser em álbuns de família, numa sala de estar, nos museus, nos álbuns comemorativos ou, como no nosso caso, nas páginas dos periódicos. Sua disposição não é um mero detalhe, mas um intento informativo ao olhar do leitor.

Já os estádios, sendo grandes obras arquitetônicas, obras da pujança esportiva, nos permitem adentrar no contexto citadino. Ademais, o esporte, em especial o futebol, por sua potência e importância social nos permite transitar pela história do futebol, mas, também pela história da cidade e seus lares, suas memórias e sociabilidades, o que inclui as imagens fotográficas, entre outras. Ao fim e ao cabo, nosso intuito é levantar novas questões, novas perguntas para entender a relação entre a cidade e o futebol.

1.1. Entender a Cidade

Entender a cidade e como ela se relaciona com o futebol é a premissa deste

trabalho. Contudo, o aspecto que se torna central nesta investigação é o espaço, como os estádios de futebol nos permitem enxergar esse quadro relacional. Ora expandindo o mapa urbano, ora o transformando, a capacidade é imensa de apropriação dos espaços na urbe, porém, a cidade e o futebol como produtos humanos coabitam o mesmo ambiente, dividindo seus interesses. Uma obra dessa envergadura não pode passar desapercebido pelos olhares daqueles que vivem e fazem da cidade a sua morada.

Neste sentido, o estádio como território, também o é ocupado por pessoas e elas o apropriam a sua maneira. No espetáculo das torcidas, nas partidas de futebol, no seu antes e no seu depois. Surgem os espaços de sociabilidade, lugares da memória do cotidiano, da flauta com o rival. O entorno do estádio também faz parte do mundo movido pelo futebol.

Para isso, minha busca levou aos estádios Olímpico e Beira-Rio, atravessados por quase duas décadas de realidades urbanas distintas, as duas obras se relacionam com a cidade e, uma e a outra, traçam uma linha temporal das praças esportivas no sul do Brasil. Dentro de campo os clubes continuaram as suas “sendas de vitórias” como se encontra no hino do Internacional. Porém, em seu ambiente externo, um conjunto de fatores foi preciso ser movido para que ambos clubes detivessem novos espaços da prática futebolística.

Fica aqui a ressalva que está não é a única forma de leitura das praças esportivas, entretanto, ela se constitui num esforço acadêmico na busca de fomentar as pesquisas que relacionem o espaço geográfico, o tempo histórico e o futebol. Pois, nenhum deles se faz sozinho, todos pertencem a uma mesma realidade conjuntural e dadas as circunstâncias promovem um reflexo de seu tempo.

Assim, promovemos uma discussão partindo da cidade, procurando entendê-la em seu ambiente histórico e como o futebol se insere na problemática dos espaços. Convidando a todos para exercitar o flaneur de Walter Benjamin nas ruas de uma Porto Alegre dos anos 1950, encontramos muito mais do que os Anos Dourados poderiam se manifestar. Entre o centro e a periferia, óticas de viver e sentir a cidade se constituíram, antes de ser o Estádio Olímpico, aquela região fora a Vila Caiu do Céu. Uma ocupação que nos leva a refletir sobre a luta pela moradia urbana, o exodo rural nos anos cinquenta e o impeto de modernidade que acompanharam as narrativas da construção do estádio do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

Mas, a história do Estádio Olímpico também nos faz transitar pelos gabinetes da política e que, culminará em seus arrabaldes. Para erguer a obra que ficaria conhecida como “Monumental”, muitos personagens participaram. Nesse terceiro capítulo almejamos um cenário amplo de imagens e sujeitos que nos ajudam a reconstruir essa relação da cidade com o novo estádio. Contribuindo para ampliar o traçado da urbe, o tricolor gaúcho circula pelas ruas e apresenta seus desejos e objetivos em sua cerimônia de inauguração do novo campo. Assim, dentro e fora do estádio um quadro vasto nos possibilita entender como os sujeitos interagiram o novo espaço da cidade.

Entretanto, não somente dos anos 1950 nosso olhar buscou perceber a capital gaúcha. Assim, no Estádio Beira-Rio alcançamos como a relação cidade/natureza explorou o aterramento de uma parte do Lago Guaíba. Numa construção arquitetônica que desde o seu princípio já visava se tornar um cartão postal da cidade. E, no meio desta obra a conjuntura política e seus desenrolares no Regime Civil Militar. O estádio nos oportuniza observar a relação do período ditatorial com o esporte mais popular do Brasil.

Para isso, cada página que agora se segue levam uma pesquisa e objetivos em comum. Refletem a vida deste autor, de seus espaços na urbe e da promoção de uma proposta de que se ampliem os estudos do espaço urbano aliados a temática esportiva.

2. ANDANDO PELA CIDADE

Nas cidades a vida é mais
pequena
Que aqui na minha casa no
cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à
chave, Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que nossos olhos nos
podem dar E tomam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver
(Alberto Caeiro/Fernando Pessoa)

Andar é um verbo em movimento e a humanidade caminha desde o alvorecer das eras. Como hábito ou por necessidade, percorrendo grandes ou pequenas distâncias, as sociedades nesse movimento transformaram paisagens, construíram abrigos, palcos de festas e reuniões pelas ruas das cidades. Nas ruas de Paris ou de Porto Alegre contaram-se histórias, e, em cada calçada dessas duas cidades *Rue du Bac* ou Rua da Praia, vidas, amores sentidos, dores e dissabores também se fizeram presentes. Enfim, a cidade tem sido o cenário onde o tempo transcorre rápida ou lentamente e onde o espaço faz morada numa fotografia ou numa moldura qualquer.

Bernard Lepetit (2001, p. 15) contribui para o entendimento sobre os espaços urbanos quando desenvolve o conceito de *representações espaciais*, no qual a cidade é entendida em sua completude a partir da relação dos movimentos entre territórios e sociedades, onde fricções e ações acontecem nos espaços “onde „passados” diversos se encontram, formando novos sistemas”.

Embora muito da obra de Lepetit seja sobre a França dos séculos XVI ao XVIII, época e sociedade distinta das abordadas neste trabalho, seu olhar permite que compreendamos a dinâmica entre o ser social e o ambiente físico [...]. O espaço geográfico é promovido a um lugar de destaque entre as disputas dos grupos sociais, não como mero coadjuvante ou cenário, mas, como o próprio ringue ou aquilo a ser disputado. Como Norbert Elias (2001), Bernard Lepetit (2001) também via na sociedade, nas classes ou grupos sociais *hierarquias citadinas* nas quais, a ideia de figuração era observada. Dentro da cidade, em seus espaços públicos, - como o mercado, a praça, a rua ou o palácio -, surgiam normas de etiqueta, de comportamento, que se caracterizavam como uma espécie de controle social.

Lepetit (2001) retoma essa ideia elisiana⁸ para entender os espaços das fissuras, dos desgastes e das transformações sociais, onde os territórios são utilizados racionalmente por determinados grupos sociais para fins propriamente de controle. A ideia de espaço também foi objeto de compreensão de José Luís Romero (2009), para quem a cidade é constituída de fatores da modernidade, com a relação dos agentes sociais no espaço físico. A ideia do autor de que a cidade seja ao mesmo tempo um produto humano e com esta compartilhe determinadas características identitárias sempre funcionou como pano de fundo daqueles que investigam as urbanidades. Outro entendimento que se pode ter é a cidade como um *Leviatã*⁹ que consome a própria sociedade. As urbes do século XXI, ao contrário, são as cidades do não-lugar (AUGÉ, 2012) e irrompem no imaginário daqueles que observam a problemática dos espaços.

Os espaços são entendidos por Romero, ainda, com um poder de criação. Seja na Nápoles do século XVI, ou na Londres do XVIII, na Nova York do XX como outros exemplos utilizados pelo autor, essas urbes vivenciaram distintos períodos históricos. Elas compuseram uma força criativa gerada principalmente pela classe burguesa, que no bojo de sua revolução, transformaram espaços e costumes, assim como modos de viver a cidade. Nessas linhas escritas pelo historiador argentino observamos como foi impactante à primeira vista, a experiência de acompanhar as trajetórias das cidades ocidentais.

Uma outra forma de enxergar os espaços urbanos foi construída pelo autor inglês Lewis Mumford (1982). Mas, no que consiste esta outra forma de Mumford? Seu amplo estudo buscou, num plano um tanto ambicioso, contendo a antropologia, a sociologia, a história, o urbanismo, a psicologia e a arquitetura como centros irradiadores de sua discussão, o entendimento dos espaços urbanos. Iniciando pela aldeia, os primeiros agrupamentos humanos consistentes, chegaram até uma grande cidade constituída por normas. A cidade de Mumford, a cidade do alvorecer humano, da proteção em torno a um ambiente hostil, se transformou na cidade

⁸ Norbert Elias, em sua obra *Sociedade de Corte*, observa os hábitos humanos através de um fio condutor, denominado por ele de *figuração social*. Sendo individuais ou coletivas, as figurações carregam traços que permeiam os sujeitos em seus diversos ambientes. Palavras como costumes, tradição, gostos, são na realidade percepções visíveis da figuração. Para mais ver: ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Prefácio: Roger Chartier. Tradução de Pedro Sussekind. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2001.

⁹ Leviatã é um monstro mitológico marinho, mencionado na Bíblia.

moderna, onde a humanidade dominou seu meio e o recriou à sua face e semelhança¹⁰.

Percorrendo cidades antigas, do mundo Greco-Romano; cidades das catedrais da Idade Média; cidades portuárias do século XVII; cidades americanas; as cidades revolucionárias do século XIX; as cidades industriais do século XX, estes autores citados até o momento acompanharam cada qual, com um método particular, o mesmo cenário: o espaço urbano.

A capacidade transformadora, ou criadora, como destacou Romero (2009), é uma característica ambígua das cidades: no espaço urbano podemos entender o subúrbio, a periferia, o centro, a megalópole, a região metropolitana tanto pela luz do dia ou como por meio da iluminação noturna, e isso transforma a perspectiva.

Dessa maneira, compreender a cidade é perceber as nuances que a sua narrativa ganhou na História. A historiografia urbana já caminhou por diversos pontos, traçou maneiras de observarmos o ambiente e a forma como as sociedades se inseriram nestes ambientes. Por isso, este estudo vem procurando adentrar nesse mundo que vai além de um mapa, de ruas, dos lugares. Aqui buscamos dar sentido aos espaços, cabendo ao historiador ouvir a sonoridade nas camadas de cidade, dentro da cidade.

A cidade que propomos refletir é aquela que alia o espaço urbano e seus conflitos – disputa da terra, territorialidade, identidade, economia – com aquela cidade do espetáculo – do lazer, das sociabilidades, do esporte. Essas duas perspectivas, em realidade, coexistem. Não podemos dividir uma cidade e sua sociedade como sendo uma coisa ou outra, porque essas circunstâncias se relacionam diretamente, tangenciam a mesma história urbana e contribuem para construir um cenário próprio.

2.1. Os Teatros Verdes

Praticado por incontáveis pessoas, um negócio, uma profissão, um mundo do trabalho próprio, o futebol é uma das melhores definições de global, o planeta inteiro funciona numa dinâmica de competições, a territorialidade do esporte transcende as fronteiras políticas, geográficas e recria um mundo paralelo.

Mas, por agora atentamos ao local desse espetáculo, a catedral verde (BALE, 2003) do futebol. Por onde quer que se olhe, nas cidades do Ocidente, em Tóquio ou

¹⁰ “Moldou à sua face e semelhança”, trecho em alusão ao Livro do Gênesis.

em Pequim, os estádios de futebol seguem padrões muito parecidos e ganham destaque singular no mapa urbano. Bale (2003) chama atenção para esse detalhe e cunha o termo *paisagem esportiva*. Esta reúne não somente o palco do esporte, o lugar onde ele é praticado comotambém o seu entorno, pois, como o autor explica, a paisagem esportiva une o cenário visual com o cenário afetivo. Trata-se das sensibilidades, afinal ao falarmos de esportes,também, estamos lidando com um tema que envolve paixões, das descargas de pulsões humanas carregadas de subjetividades que compõem os sujeitos.

Sendo assim, alguns palcos esportivos ganharam notoriedade e fama pelos feitos ali presenciados. É o caso do Maracanã, palco brasileiro de maior destaque, onde ícones do futebol desfilaram com sua genialidade como Pelé, Garrincha e Zico dentre tantos outros. Ou do Estádio Nacional em Santiago no Chile, palco e testemunha viva e silenciosa do período ditatorial vivido pelo país latino americano. Wembley, em Londres, San Siro, em Milão, Camp Nou, em Barcelona, cada estádio, cada *teatro verde* carregando consigo emoções e temporalidades que ajudam a explicar as sociedades que os erigiram. Nelson Rodrigues, por exemplo, via em campo Michelangelos reencarnados em atletas esportivos, uma arte a ser apreciada pelas multidões.

Assim, fica evidenciada a importância que esse estudo procura dar aos palcosesportivos, estes *teatros verdes* como carinhosamente os denomino. Este teatro esportivo é uma expressão humana, uma criação da sociedade e é por essas circunstâncias atravessado por diversas dinâmicas sociais e interesses políticos. Cabe, ao historiador, dizer porque o Estádio representa a cidade e é uma vitrine do que ela quer dizer para o mundo.

Como consequência dos processos de criação dos estádios, bairros foram mudados, trechos aquíferos desviados, novas ruas foram abertas. As cirurgias urbanas foram, às vezes, drásticas para oportunizar o surgimento destes *colossos de concreto*. Os limites geográficos das cidades foram sendo alargados, ressignificados para que o estádio de futebol pudesse ser erguido. Mais do que uma simples casa de um clube, o estádio possibilita uma entrada para a própria história da cidade no século XX, época das grandesexpansões dos clubes de futebol.

Julio Frydenberg (2011), ao olhar o caso do desenvolvimento de esporte na Argentinachama a atenção para no entorno dos estádios observarmos a infraestrutura.

Transportes adequados, estradas, vias principais e adjacentes, segurança, água e luz elétrica, são preocupações para se pensar na instalação de um estádio. Por isso, a construção de um estádio de futebol se constitui quase sempre numa parceria entre o poder público e a instituição futebolística.

Em consequência, muitos cronistas, torcedores, e também autores que escrevem sobre o futebol ressaltam o caráter “quase sagrado” do ambiente esportivo, numa comparação profunda entre as catedrais da Europa na Idade Média, e as catedrais do futebol, templos da religião profana contemporânea que produzem um cenário em dois tempos distintos.

O primeiro é aquele que perdura nos 90 minutos de uma partida de futebol moderno – a duração de uma partida no início tinha um tempo diferente podendo alcançá-lo máximo 80 minutos – e que pela magia do espetáculo futebolístico supera o tempo lógico e permanece nas memórias dos torcedores. A segunda temporalidade diz respeito à estrutura de concreto pura e simples. Algo que perdura na imagética da cidade como um palco, um local de ritual no qual somente em determinadas datas é explorado pela multidão.

Desde sus inicios, el espectáculo futbolístico formó parte de los llamados espectáculos de masas modernos, y fue desarrollándose conforme la sociedad iba alcanzando un mínimo umbral en su nivel de vida, a la par del aumento del tiempo libre, la ampliación de la red de medios de transporte, la construcción de grandes estadios y el despliegue de los medios de comunicación masivos. Además implicó el entrenamiento en el hábito de participación en grandes grupos, un proceso de aprendizaje colectivo que suponía el conocimiento de determinadas ceremonias asociadas a las reglas de la competencia y a las maneras de entrar, permanecer y retirarse del estadio. Supuso, en este sentido, la formación de costumbres, ritmos y cadencias en cuanto a lo que podía o no hacerse en condición de hinchas o simpatizantes. (FRYDENBERG, 2011, p. 129-130)

Neste sentido, o estádio de futebol ocupa uma determinada localização geográfica na cidade, que se situa entre o afetivo e o emocional da sociedade e ao mesmo tempo é resultado da própria dinâmica municipal. Bale (2003) atenta para o fato de as praças esportivas ao redor do mundo se caracterizarem pelo aspecto da *toponomia*, isto é, o entorno do estádio e o estádio em si adquirem um caráter diferente com sentidos e valores singulares, apenas comparados com os lugares sagrados da sociedade. Essa

sacralidade do espaço esportivo também é lembrada por Huizinga (2015, p. 28) quando coloca que

El estadio, la mesa de juego, el círculo mágico, el templo, la escena, la pantalla, el estrado judicial, son todos ellos, por la forma y la función, campos o lugares de juego; es decir, terreno consagrado, dominio santo, cercado, separado, en los que rigen determinadas reglas. Son mundos temporarios dentro del mundo habitual, que sirven para la ejecución de una acción que se consuma en sí misma.

A partir do exposto até aqui pelos autores, sobre algumas das utilizações das praças esportivas, é possível delinear uma ideia da importância dos estádios de futebol. Aqui nos ocupamos em apresentar este cenário *pari passu* com o surgimento dos estádios no Brasil.



Figura 1. Estádio dos Eucaliptos do Sport Club Internacional. Foto da década de 1930, cidade de Porto Alegre. Acervo do Clube.

Como esporte, o futebol possui uma história vasta que transcende qualquer intento de limitá-lo em um único escrito que se proponha a um saber totalizante. Dessa maneira, o futebol como esporte é um produto do século XIX, filho da sociedade inglesa do período, praticado entre os estudantes das universidades britânicas e entre as diversas associações das ciências. Entre os intervalos ou após as aulas os jovens se reuniam em um espaço amplo, de gramado, terra, lodo – às vezes no inverno, neve – algumas árvores, para correr e levar a bola para o campo do adversário.

Assim, surgia um dos esportes mais globais do século XXI. Entre o simples objetivo daqueles jovens – as crônicas sobre o fato dão conta de ser entre 35 a 38 estudantes – e um esporte competitivo, o futebol se desenvolveu muito e rapidamente.

Talvez, a primeira alteração tenha vindo já em seus primeiros anos. Na Inglaterra em pleno desenvolvimento da industrialização, nas cidades de Leeds, Newcastle, no porto de Manchester ou de Liverpool, nos arredores de Londres o futebol passou a ser um divertimento, um espaço de atuação para as massas de trabalhadores nessas cidades. Assim, o futebol encontraria nas proximidades das fábricas, terreno fértil para a sua expansão.

Hobsbawm e Ranger (1984) falam de um contexto posterior a esse e como o futebol ganhou, para além de um jogo entre trabalhadores ou estudantes, passando a expressar os territórios e as identidades. Quando os torneios e as competições como a Copa da Inglaterra se organizaram e regiões passaram a ser representadas por clubes com deslocamentos dentro do país, o futebol viajou pela Grã-Bretanha e com a facilidade dos trens, comitivas e torcedores transitavam e levavam junto o orgulho de seus espaços. Assim, quem era de Manchester passava a ver quem era de Liverpool como um rival. Nos grandes centros portuários e industriais ingleses do século XIX, como o centro de Leeds ou a região da lâ, como Derby, o futebol transformou a geografia e a percepção dessas regiões.

Com o crescimento do esporte e o aumento do número de praticantes, logo os portos da Europa e das Américas receberiam a novidade. Assim, a nova mania estrangeira, o efeito lúdico ou violento do esporte, o fato de ser praticado pelas elites locais, ou no ócio do operariado, passariam a fazer parte do vocabulário das diversas regiões onde chegou.

Em um contexto diferente, Gramsci (2009, apud STÉDILE, 2011) também citaria o futebol como prática de uma sociedade *individualista*. O que o pensador italiano se referia era ao fato de o futebol ter alcançado uma escala em que já não conseguia ser um assunto negligenciado por todas as classes, principalmente a operária.

Dessa maneira, seja na Europa ou em outros continentes, o futebol foi alcançando *status* dentro da sociedade e o seu papel foi se diversificando cada vez mais. Na América Latina o futebol começa a ser praticado nas escolas, como no caso argentino

e nas indústrias com capital britânico, como no Uruguai ou na Bolívia. O Brasil somaria estes dois modelos às associações criadas para o desporto, oriundas das altas sociedades citadinas. Assim o futebol se insere no contexto sul-americano. Se no início qualquer arrabalde era lugar para o futebol, aos poucos praças e campos próprios foram sendo criados para a sua prática. Com a popularização do esporte bretão, os *matches* passariam a ter campo próprio e os estádios passariam a existir no cenário das cidades do Continente. Nesse contexto, a história que compõe os estádios de futebol, possui momentos marcantes dentro do século XX.



Figura 2. Estádio Fortim da Baixada do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Esse foi o primeiro estádio do clube gaúcho e contém as características do início das construções esportivas. S/D. Portal Grêmio 1903.

Podemos considerar, ao mesmo tempo, que as obras arquitetônicas entre os anos 1900 e 1930 tiveram importante participação no início do futebol, numa transição de fatores e valores do próprio esporte. São os tempos do amadorismo no Brasil. Com algumas diferenças, a América Latina segue o mesmo ritmo: são estádios mais acanhados, localizados nas zonas próximas ao centro da urbe, quando não dentro de praças e parques. As instalações, ainda acanhadas, comportavam uma demanda menor de público.

Os espaços para esses clubes eram pequenos, entretanto, ao verificarmos seu funcionamento, suas redes de sociabilidade também espelhavam este tamanho. Levamos em conta, nesta afirmação quem era o público do futebol até os anos trinta no

Brasil. Para respondermos a indagação precisamos refletir sobre os aspectos mais gerais que compõem o cenário futebolístico do país. Tomando em conta essas ressalvas, as primeiras instituições futebolísticas do Brasil foram instituições de distintos corpos sociais. Associações que reuniam determinados grupos com identidades territoriais e econômicas que eram cruciais para o surgimento dos clubes.

Diferente, por exemplo, da experiência platina, na qual o esporte aporta na Bacia do Prata logo após a Guerra do Paraguai, e construirão uma personalidade das instituições ligadas ao bairro, o *clubs barriais* como afirmaria Frydenberg (2011). Nas cidades brasileiras da virada do século XIX para o XX, não será o bairro o local que definirá os grupos participantes do futebol.

Associações de imigrantes e classe econômicas e intelectuais formam o principal centro irradiador dos clubes. Observemos os clássicos exemplos do Palmeiras na cidade de São Paulo – antigo Palestra Itália – clube vinculado a uma italianidade na cidade paulistana ou o Fluminense no Rio de Janeiro capital do Brasil nos 1900, clube que reunia funcionários ingleses que trabalhavam na capital do país, intelectuais nacionais e um rolde funcionários públicos e empresários e suas famílias ao redor do clube carioca. No Rio Grande do Sul não foi diferente, as duas maiores potências do esporte aqui em solo gaúcho, ao menos em seu início, estavam vinculadas a segmentos da população porto alegreense. O Grêmio fundado em 1903 se encontrava entre os segmentos nacionais e de descendência alemã da capital gaúcha, enquanto o Internacional de 1909 possuía em suas fileiras originais um rol muito específico de jovens comerciantes e bancários, reunindo italianos, lusos, judeus e outros.

Em 1930, o futebol mundial sofreu sua primeira revolução como estrutura com o Mundial de 1930 sediado no Uruguai. A partir do momento em que a competição entre seleções se concretiza e consolida, ela se tornará o expoente das transformações no esporte. Estádios que passam a comportar um grande público, alambrados de segurança, áreas mais vastas dentro do perímetro urbano para a prática esportiva e como Frydenberg (2011) cita, uma malha viária capaz de comportar o fluxo até os eventos esportivos. Os mundiais provocaram um amadurecimento do esporte. Mas, o Brasil viveria outra revolução em sua estrutura esportiva com o advento do Mundial de 1950 no país. Símbolo máximo dessa revolução, o Maracanã, o grande “Coliseu tupiniquim” seguiria como modelo para as outras cidades do país e teria reflexos no

mundo inteiro. Podemos dizer que esta é a etapa das obras suntuosas no futebol. Com cada vez mais espaços, esse esporte tornava-se o mais visto, o mais praticado e o negócio mais rentável entre os esportes conhecidos. Esse espaço gigante ocupado pelas obras possui duas características conjunturais.

A primeira corresponde ao período do Pós-Guerra, quando as cidades europeias ainda estavam em reconstrução e em recessão econômica. As potências futebolísticas de então, como a Itália, França ou Inglaterra possuíam muitas dificuldades para sediarem a competição que havia sido interrompida no período do conflito mundial. A segunda característica conjuntural dar-se-á por motivos brasileiros ligados ao fato de sediar o certame. Utilizando-se da oportunidade ímpar de promover o país, de construir uma imagem para o exterior de grandiosidade, o futebol serviria como trampolim para a geopolítica brasileira no pós-Guerra. Dessa maneira, quanto maiores os estádios, quantomais suntuosos os colossos de concreto, maior seria o símbolo de pujança nacional.

No que se refere ao Rio Grande do Sul e a Porto Alegre, convido a todos para olharmos esta cidade ao longo do século XX. É uma cidade em transformação, como tantas outras na América Latina e no Brasil, mas é, sobretudo, um espaço que, iluminando suas praças esportivas, permitirá que nós possamos caminhar por estes caminhos da/cidade.

2.2. Porto Alegre entre ruas, traçados e sentimentos

Uma cidade ao mesmo tempo real e irreal (BRAUDEL, 1988, p.104). Assim é que o historiador da longa duração, Fernand Braudel, começa a falar da cidade italiana de Veneza. Entretanto, guardadas as respectivas ressalvas, o nosso objeto de pesquisa também se constitui na cidade. Como uma das pontas a serem traçadas e costuradas a cidade de Porto Alegre, às margens do lago Guaíba, a capital estadual dos gaúchos é o nosso cenário de observação e prospecção.



Figura 3. Mapa de localização de Porto Alegre, banhada pelo Lago Guaíba. (Extensão a atual do município no século XXI).

Como bem fala o historiador Charles Monteiro sobre as políticas da memória¹¹, esse discurso sobre a cidade possui interferências do seu tempo. Cada um que se propõe a relatar a história da cidade dialoga, invariavelmente, com a cidade de seu tempo. Essa narrativa se constitui, portanto, em várias temporalidades que proporcionam captar as nuances da memória.

A cidade, estrutura física que suporta referências e fornece elementos para os símbolos e memórias coletivas, convive em nosso imaginário com a cidade labiríntica e moldável das vidas pessoais onde recordações compõem memórias sem lugar que fundam a cidade simbólica, diversa e semelhante na forma como se vê nomeada. É a própria experiência do cidadão, este ser urbano plural que constitui o imaginário moderno (BRESCIANI, 1997, p.13)

¹¹ Ver: MONTEIRO, Charles. Políticas da Memória: reformas urbanas e polêmicas acerca das comemorações da fundação de Porto Alegre. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org). *Leituras da Cidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

Como Monteiro (2010) e Bresciani (1997) alertam, a escrita da cidade encontra-se imbuída de interesses, por isso, ao falarmos destes precisamos ter os devidos cuidados, ou, levarmos em consideração estas dimensões da narrativa. Porém, inicialmente o que é importante ressaltar é o fato de estarmos falando de uma cidade que se constitui na capital do Estado do Rio Grande do Sul e, por isso as histórias do Estado, bem como, da cidade andam muitas vezes juntas.

A localização geográfica de Porto Alegre é singular e extremamente privilegiada. Abraçada, via Lagoa dos Patos, a Rio Grande e, por extensão, ao mar, e, mais tarde, a Rio Pardo, o povoado de Porto Alegre constitui-se à beira do Guaíba. Trata-se de um lago que acolhe as águas da bacia do Rio Jacuí, uma verdadeira calha central do espaço sul-rio-grandense, a via natural que animou a ocupação do interior do estado, de leste a oeste, no distante século XVIII. (BARROSO, 2010, p.17)

Dessa maneira, as águas do Guaíba vão compor o cenário, o imaginário e a identidade da cidade. Aqui a geografia e o meio ambiente não são somente observadoras do crescimento urbano, são na realidade os protagonistas dos traçados da cidade. Região estratégica do povoamento do extremo sul das terras da Coroa Portuguesa nos séculos XVII e XVIII, esta ligação entre o porto de Rio Grande no mar e o interior em direção a Laguna [a cidade fora importante entreposto da confluência de víveres e viajantes] pelas terras do Rio Grande de São Pedro.

Ésta es la historia de la fundación de las ciudades latinoamericanas, las que fundaron España y Portugal, todas ellas surgidas de la ilusión de estos reinos de hacer del mundo americano, al que consideraban vacío, un mundo de ciudades como ya era para entonces – en los siglos XV y XVI – el europeo. (ROMERO, 2009, p. 54).

A problemática do espaço urbano na América Latina é o que Romero retrata e que se encaixa em nossa cidade. Porto Alegre, assim, como a maioria das cidades do continente surgiram de espaços supostamente “vazios”, pois na ótica europeia a transitoriedade das populações ameríndias não se configurava em “posse” da região. Como recorda Vanin (2016), dissertando sobre as populações indígenas no norte da Província de São Pedro no século XIX, o autor destaca a dificuldade dos assentamentos de agrupamentos das populações Kaingang e Guarani. Essas sociedades possuem na mobilidade outro entendimento da dimensão do espaço geográfico.

Retomando a ideia de Romero, a América Latina torna-se um plano desde o seu

início, propício para as experimentações citadinas, porém, são as experiências de uma Península Ibérica às portas do medievo que fundam as cidades iniciais do mundo sul-americano. Assim, Porto Alegre surge como uma Sesmaria, uma doação de uma porção de terra a um dono específico. Este processo, da ocupação do território nem sempre foi gradual ou linear, entretanto, entre os movimentos da sociedade dos séculos XVIII e XIX a cidade ganha contornos cada vez mais importantes. O destaque inicial é a face lusa de sua arquitetura, como Pesavento aponta. Aos olhos desavisados que aportassem pelo Guaíba num dia qualquer, a cidade em seus olhos lhes pareceria uma cópia pequena de alguma outra cidade lusitana.

Esta característica pode ser observada em muitas cidades ao longo do continente, como refere Romero:

Quien mirara en el área donde se decía que estaba la ciudad descubriría que todavía era campo y que no había allí más que unos pocos mojones. Pero al cabo de diez, veinte, treinta o cuarenta años la ciudad se iba constituyendo, crecía, tomaba forma. Así aparecieron Lima, Buenos Aires, Santiago de Chile y toda esa innumerable cantidad de fundaciones que revela el poderosísimo ímpetu creador que tuvieron tanto España como Portugal en este período. (ROMERO, 2009, p. 56).

Esse papel de *esquina da Província*, como indicou Charles Monteiro (1995) para Porto Alegre, garantiu-lhe um caráter de espaço citadino dinâmico e em constante transformação. Assim, das primeiras sesmarias ao Porto dos Casais, passando à capital provincial e a cidade no início do século XIX, foi, também, enclave imperial durante o conflito Farroupilha (1835 -1845). Era a Porto Alegre das ruas e cortiços, das passagens a cavalo e dos casarios em estilo colonial à cidade que crescia.

Quando alcançamos o movimentado século XX, principalmente as primeiras três décadas do século, presenciamos uma onda higienista na cidade, perpetrada pelo PRR, nas gestões Borges de Medeiros e Flores da Cunha. O Rio Grande do Sul, bem como sua capital, Porto Alegre acompanharia as transformações e os novos ares. Influenciada pelas cidades europeias e em consonância com Paris, o urbanismo que se instala no país lança-se em ruas largas, um centro mais limpo e propício para passeios, típico de um *flaneur*.

Estas mudanças, muitas delas no período do Intendente e depois prefeito

Alberto Bins se construiriam e mudariam a face da região central da cidade. É nas grandes avenidas, nesses escoamentos urbanos que a cidade cresceria¹². A afluência de diversos grupos sociais para o espaço citadino no final do século XIX e ao longo do século XX encorparam o ambiente da urbe. Tendo como vizinhas as zonas coloniais germânica e italiana, a cidade se tronou centro da circulação dos produtos destas áreas, garantindo parasi capital financeiro, político e simbólico.

Porto Alegre se apresenta nos anos 1950, num contexto mundial de urbanização que visava a “modernidade”. Esta ideia, a qual abordaremos mais especificamente noutro momento do texto, é importantíssima para entendermos como a cidade passa por transformações em sua geografia urbana. Este processo não é isolado, nem tampouco ummovimento de um centro irradiador. Ele acontece simultaneamente ao desenvolvimento do futebol na cidade de Porto Alegre.

2.3. Entre Jogos, o espetáculo na cidade

O futebol traduz um sentido de modernidade para as sociedades latino-americanas no início dos anos 1950. O campo esportivo no qual a cidade de Porto Alegre se inseria, era muito amplo. A conjuntura dos selecionados veria o domínio das escolas sul-americanas de futebol. O ano de 1950 seria da celeste olímpica uruguaia¹³, 1958 apresentaria ao mundo Pelé e o Brasil¹⁴, apenas 1954 teria uma Alemanha¹⁵ fragmentada como orquestra mundial. Eram os anos do Torneio Rio-São Paulo e do início da Taça Brasil¹⁶. Botafogo de Nilton Santos, Zagallo, Garrincha e suas pernas

¹² Ver: MONTEIRO, Charles. Construindo a história da cidade através de imagens. In: Sandra Jatahy Pesavento, Nádia Maria Weber Santos, Miriam de Souza Rossini (org.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

¹³ Em 16 de julho de 1950 as seleções do Uruguai e do Brasil entravam em campo no Estádio do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro no Brasil para decidirem o IV Campeonato Mundial de Futebol. Este jogo entrou para a história esportiva como “Maracanazo”, expressão em castelhano referindo-se ao triunfo do selecionado uruguaio frente aos brasileiros, considerados favoritos. Tendo abarrotado o estádio de aficionados, a seleção brasileira e sua torcida saíram silenciadas, algo que Nelson Rodrigues afirmaria ser uma comoção nacional e uma tragédia incomparável.

¹⁴ Em 29 de junho de 1958, no VI Campeonato Mundial de Futebol o Brasil sagrou-se campeão do mundo no Estádio Rasunda, na cidade de Estocolmo, perante a Suécia. Tal fato significou, também, o surgimento daquele que foi considerado o maior jogador do século XX, o brasileiro Edson Arantes do Nascimento, Pelé.

¹⁵ Em 4 de julho de 1954, na cidade de Berna na Suíça a Alemanha Ocidental ganhava o V Campeonato Mundial de Futebol diante do selecionado húngaro.

¹⁶ Devido a precariedade da malha viária que possibilitasse uma integração nacional, durante as décadas de 1950 e 1960 o futebol brasileiro conheceu torneios de caráter regional como o Rio-São Paulo de extrema importância no período. Porém, iniciativas como a Taça Brasil seria o gérmen para o surgimento do Campeonato Brasileiro de Futebol em 1971.

tortas, curvas de um esporte e uma arte. Santos de Pelé, Pepe, Mengalvio e outros. Realmente os anos dourados do futebol.

Ao mesmo tempo em que o futebol-arte chegava ao seu ponto mais alto, nas rádios um jovem do Missouri começava a encantar o mundo com um estilo totalmente diferente¹⁷ de música. Mistura de influências do Jazz do sul dos Estados Unidos. Nos cinemas Gene Kelly dançava na chuva¹⁸ e James Dean apresentava uma nova forma de ser e viver a Juventude Transviada¹⁹. Eram, ainda, ecos do pós-guerra que mudariam drasticamente a maneira de se perceber a sociedade no século XX.

Nas ruas da capital gaúcha, uma transição se percebia, com edifícios crescendo como árvores frondosas, a Coca-Cola adoçando o paladar dos jovens, o fluxo de carros aumentando e nas conversas de botequim os feitos do rolo compressor do Sport Club Internacional que dominara os certames citadino e estadual na década de 1940. A vida girava em outro ritmo. Mas, como era essa vida? Esse modo de existir na cidade dos anos 1950?

Na praça, fiz amigos. Até hoje conservamos nossas amizades e, quando nos encontramos, sempre surgem comentários sobre os fatos pitorescos que se desenrolaram sob os enormes jacarandás-da-Bahia que ainda estão por lá. Sentados nos bancos que ficavam bem defronte à Confeitaria Matheus, éramos espectadores privilegiados de toda a sorte de trapalhadas que ocorriam a todo momento. Ora ficávamos nos bancos, ora atravessávamos a rua, principalmente para esperar a saída do Cinema Imperial. Muitos namoros e casamentos resultaram desses encontros dos jovens, sempre de terno e gravata na calçada e porta do Clube do Comércio, e moças que, de preferência, iam à primeira sessão sempre junto de suas mães. Depois de acompanhar a saída da última sessão, retornávamos para os bancos e lá ficávamos nos divertindo com os tipos que, demansinho, iam aparecendo ou na frente da Matheus ou próximos de nós. A Praça da Alfândega tinha uma grande e exótica “fauna”, identificada tanto pelas roupas como pelos modos e comportamentos que exibiam. (COIRO, 1994, p.7).

O relato que trago é de José Rafael Coiro, jornalista que durante os anos 1990 lançou um livro em que contava suas histórias da juventude na Praça da Alfândega centro de Porto Alegre. Muito do que os olhos de Coiro enxergaram foi uma cidade

¹⁷ Elvis Presley (1935 – 1977), cantor estadunidense, conhecido como o pai do gênero musical rock.

¹⁸ *Cantando na Chuva*, filme de 1952. Direção de Gene Kelly.

¹⁹ *Juventude Transviada*, filme de 1955. Direção de Nicholas Ray.

em transformação em um ritmo que começava a tomar impulso. Este ar bucólico da lembrança trazido pelo autor e marcado pelo ritmo dos momentos sentados no banco da praça, no tempo de observação das moças entre as sessões no cinema e dos espaços de sociabilidade que a juventude porto-alegrense desfrutava em seu centro, são algumas das coisas que podemos observar.

Essa cidade de vários *tipos* e costumes por meio de uma perspectiva elisiana nos faz entender, quem eram aqueles jovens da praça. Eles eram a cidade, mas, não toda. Havia a boemia, a boemia do centro, a boemia das periferias, havia os espaços comuns onde a cidade circulava, as ruas, as bancas do mercado público, e os jogos de futebol. Nas praças esportivas jovens como Coiro, estudante e futuro jornalista poderiam sentar-se ao lado de operários do quarto distrito, ou ao menos, circular pelos mesmos caminhos que ele.

Consequentemente não fora somente Coiro o qual escreveu sobre suas memórias de uma Porto Alegre dos anos 1950 e 1960. Cláudio Pereira Elmir observa em seu trabalho “Os Anos Dourados de Porto Alegre: a construção do mito da idade de ouro na memória da cidade” (1995), vários relatos de personagens da cidade que viveram as ruas daquele período. Brizola, Lya Luft e o próprio Coiro comporam um cenário de uma cidade em transição. Entretanto, em suas memórias pouco se via a cidade agitada de nossos tempos. Como o autor observa, suas memórias estão carregadas de sentidos próprios, uma temporalidade própria e buscam entender um espaço da cidade e um corpo social do qual esses personagens viveram.

Diferente da cidade dos jornalistas, das escritoras e do político, haviam a cidade dos migrantes, daqueles que percorriam outras ruas do que a Andradinhas ou a Avenida Borges de Medeiros. Se para aqueles da Praça da Alfândega a calmaria dos anos 1950 de uma cidade provinciana demarcava o espaço temporal, onde contrastava a falta de relatos das comunidades periféricas. Nas periferias um outro ritmo era visto, novas casas surgiam, madeiras, latas, paus e pedras os instrumentos de uma nova demografia da capital sulina. O croissant da Treviso²⁰ de Coiro instigava o paladar daqueles jovens que saíam do cinema, na Vila Caída do Céu crianças corriam os barracos entre dejetos para empinar as pipas. Estes dois mundos conviviam no mesmo cenário urbano, por mais que em suas memórias não conseguimos ver, não existe somente uma Porto Alegre, única e heterodoxa nas lembranças do centro e sim várias

²⁰ Café onde Coiro e seus amigos se encontravam na Praça da Alfândega nos anos 1950.

cada uma com seu espaço na urbe.

Elmir (1995) buscou nos relatos de memória o que Monteiro (2015) alcançou também nas crônicas, duas perspectivas de fontes históricas. Ambos atingiram um ponto neutro, a cidade da saudade, aquela que supostamente estaria em sua idade de ouro. Aquela vivida e sentida num outro ritmo, não muito diferente das crônicas esportivas²¹ que traçam os anos cinquenta como território da emoção pueril em oposição à mercantilização do esporte vivida nos anos 1980. Entretanto, voltando para a cidade precisamos nos voltar a olhar para “os de fora” aqueles que com sonhos, desejos, ou, sobrevivência vinham para a capital para fazer dela o “Eldorado”²² contemporâneo.

A cidade que crescia era uma mistura daqueles que acompanhavam a praça e daqueles que chegavam à urbe. Interioranos, com aspirações diferentes, filhos dos fluxos migratórios, revelando uma cidade de contrastes. Assim, o vereador da cidade de Porto Alegre Manoel Correa Soares, rememorando a fala de Alberto Pasqualini²³ nos anos 1940, fala sobre os dilemas deste fluxo urbano.

Concluindo sua oração, o vereador trabalhista atribuiu tal situação à não extensão das leis trabalhistas às populações rurais e interioranas aos baixos salários, as faltas de trabalho e de indústrias no interior do Estado que determinam a vinda em massa dos operários do interior para nossa capital. (Jornal do Dia, 10/01/1956).

Mas, qual era essa situação que o vereador relatava na sessão da Câmara, narrada pelo periódico citadino? Com o crescimento das cidades latino-americanas um fenômeno urbano fora visto, na esteira da modernidade. Enraizada em suas desigualdades a periferia produziu sua própria moradia, sua própria cultura, seu próprio jeito de existir nas cidades. Dessa forma, surge na narrativa dos jornais²⁴ o

²¹ Nelson Rodrigues em sua coletânea de crônicas constrói um tempo próprio dos jogos no Maracanã, de suas memórias acompanhando o Fluminense. Ruy Carlos Ostermann refere-se a Pelé como figura chave da arte futebolística daquelas décadas.

²² Referência à cidade mítica que existiria no continente americano sendo feita de Ouro, este termo seria utilizado na crônica das imigrações ao redor do mundo como o sonho almejado de quem parte para outro lugar.

²³ Alberto Pasqualini (1901-1960) foi um político, advogado professor e sociólogo gaúcho. Vereador em Porto Alegre de 1934-1937, em 1944 chefiou a Secretaria do Interior no Estado do Rio Grande do Sul e nos anos 1950 foi senador pelo estado.

²⁴ Beatriz Marocco constatou o termo de zonas de violência na crônica jornalística porto-alegrense já no século XIX, o que, entre outros autores Rodrigo Weimer observará como se constrói uma imagem do periférico na cidade. Ver: MAROCCO, Beatriz. *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico Porto Alegre, século XIX*. Editora Unisinos, São Leopoldo, 2004.

“Problema das Malocas”, o distanciamento entre a moradia popular caracterizada por uma imagem de miséria em oposição aos avanços de uma cidade moderna como aquela vivenciada por Coiro nos bancos da Praça da Alfândega.

Verificamos, nesse caso que cidades como Porto Alegre apresentarem um número bastante grande de problemas, em especial o das moradias da periferia. E o que isso tem a ver com o futebol? Alargando a análise encontramos, no final dos anos 1940 e início dos anos 1950 a notícia de que o Grêmio Football Porto Alegrense iria sair de seu estádio na Baixada, Fortim da Baixada²⁵, primeiro campo do clube e construiria, na cidade, um novo estádio, de dimensões superiores a qualquer obra do tipo até então, no estado inteiro.

O local onde seria erguida a obra possui uma história própria, pois, ali, antes de ser a praça esportiva marcante na memória tricolor, foi à residência de inúmeras famílias que ali se abrigavam. Porto Alegre era uma cidade em constante crescimento, mas ainda lidava com os contrastes da periferia. Assim, a Vila Caída do Céu, ou Caiu do Céu, em alguns jornais, e o Olímpico Monumental compartilham proximidades, uma deixando de existir, desaparecendo do olhar da cidade e a outra, emergindo como orgulho imagético do esporte gaúcho. Nesse caso, vida e morte transitam na cidade como transeuntes da memória. Ora o olhar se espanta, ora se comprime, ora se transforma.

2.4. Um lugar, várias moradas

As linhas que vão conduzir as transformações do espaço da Vila Caída do Céu para o espaço do Estádio Olímpico começam a se mostrar na cidade no início dos anos 1950. O primeiro a se desvelar é o da paisagem esportiva, que observaremos não como algo dado, mas, em seu estágio inicial, já que a narrativa jornalística porto-alegrense cooperou na construção de uma *topofilia* do local do Estádio Olímpico.

O fio condutor deste trabalho, como já apontamos, é o futebol, porém, a modernidade como conceito nos ajuda a entender os meandros que irão conduzir a cidade de Porto Alegre para o alargamento de seus espaços de sociabilidade e nesse processo ocupar um lugar na área da periferia para nele construir um estádio de futebol. A Vila Caída do Céu vai ser deslocada em nome da modernidade e da

²⁵ Localizada no Bairro Moinhos de Vento fora o primeiro campo do Grêmio até o final dos anos 1940.

necessidade de criar esses lugares de sociabilidade. A imagem que fica é aquela que procurava alterar o traçado da urbe, no período.



Figura 4. Placa informando a construção do futuro estádio do Grêmio em 1951 (Acervo do Clube, Museu Hermínio Bittencourt).



Figura 5. Vila Caiu (ou Caída) do Céu, local onde será construído o futuro estádio do Grêmio, Porto Alegre, 1949 (Acervo do Clube, Museu Hermínio Bittencourt).

Aqui, as fotografias serão o nosso guia para mostrar a paisagem, que será ocupada. Mas, por que a fotografia?

Uma fotografia [...] é como a luz da estrela que atravessa o tempo para encontrar olhares, pensamentos e sentimentos em terra distante, fazendo-nos imaginar, fazendo-nos sonhar. São vestígios da cultura humana, pegadas que vão sendo cobertas pela poeira do tempo. Pouco a pouco, dia a dia, novas imagens vão sendo registradas, e as mais antigas ou menos usadas vão sendo guardadas em caixas, latas, armários, gavetas,

baús, álbuns, cadernos, bolsas, carteiras, envelopes... No lixo. Grão por grão, [...] misturam-se a outros guardados do cotidiano – papéis, contas, sapatos, roupas, canetas, garrafas, tecidos, revistas, postais, o negativo perdido, imagens latentes, a carta jamais enviada. (CHOMA e DA COSTA, 2017, p. 137).

Os espaços da cidade de Porto Alegre onde vai se dar a construção dos estádios de futebol do Grêmio e do Internacional, as fotografias se mostram valiosas para o trabalho de análise histórica em termos topográficos e sociais. Como um “recorte do real” (Monteiro, 2006) a imagem fotográfica possibilita uma porta de entrada para o assunto que começamos a abordar. Assim, essas pegadas que foram encobertas pelo tempo agora são redescobertas para serem analisadas. Uma fotografia é uma imagem e, como imagem, compreende todo um corpo teórico e metodológico quando observada.

As imagens são ambíguas e passíveis de múltiplas interpretações. Por isso, é necessário um aprendizado desse código e uma cuidadosa discussão teórico-metodológica que nos permita utilizá-lo na pesquisa histórica. (MONTEIRO, 2006, p. 12).

O cuidado ao qual Charles Monteiro se refere é a capacidade do historiador em captar as nuances que vão além do que meramente os olhos podem perceber para aprofundar os questionamentos possíveis.

As duas fotografias aqui apresentadas compõem o Acervo do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense em seu Memorial Hermínio Bittencourt, planejado nos anos 1980. Todas as publicações do clube em que estas fotos se encontram o autor é desconhecido. O museu passou a ser o detentor da imagem, com um sentido de guardião da memória, mas, quem fez essa memória, ou melhor, suponha-se que sejam autores distintos, quem são eles? Quais suas motivações, suas trajetórias até aquele momento? O que podemos supor é que muito provavelmente o fotógrafo da imagem representada na Figura 4 possa estar vinculado ou ao clube ou ao governo municipal, já o da Figura 5 pode representar o governo municipal ou estar ligado a algum periódico da época.

Nos debruçaremos, agora, na imagem sobre a Vila Caiu/Caída do Céu²⁶, sua história e em como os urbanistas da época a entenderam é o caminho que nos permite

²⁶ Utilizo as duas formas de falar da Vila Caiu/Caída do Céu pois, no período compreendido na pesquisa nos anos de 1947 a 1956 o Jornal do Dia variava nas duas formas para se referir ao mesmo espaço.

contar a transformação dos espaços urbanos. Conforme Rodrigo Weimer²⁷, em trabalho desenvolvido sobre as malocas nas décadas de 1950 a 1970 na cidade de Porto Alegre, as moradias populares eram consideradas uma problemática a ser tratada tanto pela esfera municipal quanto estadual. Em tom pejorativo a imprensa introduzia um discurso que moldava o imaginário sobre essas localidades nas cidades.

“Vilas de Malocas” era a designação dada aos aglomerados de moradias populares em Porto Alegre em meados do século XX. Caracterizavam-se pela precariedade de suas condições sanitárias e pela dificuldade de acesso a luz, água, calçamento e urbanização. Também não era fácil o acesso a títulos legais. Agrupamentos similares eram comuns em outros lugares do país, como no Rio de Janeiro, onde eram denominados “favelas” ou no “Recife”, onde eram nomeados “mocambos”. Entendidas como bolsões de miséria, as “malocas” estavam cercadas de pesado estigma, que as representava como espaços a serem expulsos das áreas centrais. (WEIMER, 2017, p.1).

Seja na *Isla Maciel*, em Buenos Aires ou na *Cuidad de Díos* em Lima, a experiência dos bairros populares em países latino-americanos denominada *Villas Miseria* pode ser entendido como um fenômeno durante o período do Pós-Guerra, que colocavam em choque diferentes realidades dentro do traçado urbano: de um lado os problemas enfrentados pelos moradores das áreas mais desatendidas da cidade e, de outro, a ânsia dos governantes e da elite pela modernização da *urbe*. Vistas como entrave para o desenvolvimento, as *vilas* eram descritas como lugares lúgubres, escuros, perigosos onde a “verdadeira cidade” pendia para o lado errado.

Durante os anos de 1947 até 1956 o Jornal do Dia publicou matérias cujo mote era “Problema das Malocas”. As citações à “Vila Caiu/Caída do Céu” apareciam nas páginas policiais ou faziam alusão à insalubridade das moradias da região.

O problema da habitação vem se agravando de forma alarmante, não só nesta Capital como nas demais cidades do país. A proliferação das malocas está na razão direta do deslocamento de massas populacionais do interior para os centros urbanos.

Como consequência desse fato, os poderes públicos se mantêm atentos e vigilantes no sentido de preservar a coletividade das consequências sociais

²⁷ Ver: WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Análise da Composição Racial da População de Duas “Vilas de Malocas” no Início da Década de 1950 e Início da Década de 1970 em Porto Alegre. 8º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Porto Alegre (UFRGS), 2017.

que poderão advir, tais como: epidemias, corrupção, criminalidade, mortalidade infantil, desajustamentos, delinquência e etc. (*Jornal do Dia*, 18/11/1952).²⁸

A abordagem negativa é característica do jornalismo do período, que ainda preservava a matriz higienista do final do século XIX. Para Gorelik (2019), as periferias sempre foram vistas pela imprensa como uma “outra cidade”, fenômeno que batizou de “ciudad dual” ao estudar a Buenos Aires da década de 1960. Há, portanto, uma rede discursiva que faz ressoar no *Jornal do Dia*, quando esta diz ser o local das malocas porto-alegrenses propício à moléstias do corpo e moléstias morais, mas que ganha corpo em outros noticiários, nas películas cinematográficas, na literatura e se materializa numa espécie de linha divisória da cidade, com características bem distintas e definidas.

Ya se puede advertir que, contra la opinión habitual de que la villa miseria es el tema negado de la modernidad sesentista, estamos ante una verdadera proliferación de sus imágenes: la representación de la villa miseria no sólo fue un terreno en disputa en el período, sino que es difícil encontrar otro tema de la cultura urbana que haya despertado tanta energía creativa. Incluyendo las representaciones generadas por las políticas públicas, por cierto, que si bien partieron en 1955 de una visión condenatoria de la villa que apuntaba con exclusividad a su “erradicación”. (GORELIK, 2019, p. 340).

Assim, como acontece na capital portenha os discursos negativos das acomodações populares eram regidos por um ideário de modernização nas capitais latino-americanas. De Caracas a São Paulo, Montevidéu ou Porto Alegre, em maior ou menor grau, como uma onda, os planos modernistas alcançam seu apogeu nos anos sessenta do século XX com a construção da capital brasileira, Brasília.

Neste sentido, como defende Bresciani (1997), o conceito de modernidade é carregado de sentidos e valores que antecedem o século XX e podem ser encontrados nos modelos filosóficos do século XIX, nos quais compunha um conjunto social, econômico e político, este arsenal de valores alteram os cenários das cidades no mundo inteiro. É certo dizer que em determinados momentos o ímpeto por ser moderno provocou alterações no que diz respeito aos perímetros urbanos, tendo as passagens do século XIX para o XX, a década de 1930 e desaguando no período

²⁸ “Inaugurada domingo 10 casas populares no Passo do Sarandí”, *Jornal do Dia*, 18/11/1952.

pesquisado - as décadas de 1950 e 1960, ao menos em se tratando de uma ótica latino-americana.

Diferente da modernidade do início do século XX, o movimento dos anos 1950 procura uma ruptura entre o passado e o futuro mais profundo, como comenta Gérman Pavony (2019) sobre Bogotá (Colômbia), onde o fenômeno denominado por Bogotazo²⁹ foi a síntese mais extrema desse processo.

Lima e Vieira (2019) apontam como o ponto culminante da modernidade urbanística dos anos 1950-1960 no contexto latino-americano o fato das cidades viverem o afã da transformação. Como comenta Gorelik (2019), a erradicação da pobreza foi uma das decisões tomadas decorrentes da nova acomodação das moradias populares. Foi o que ocorreu no Rio de Janeiro no início do século XX, com importantes reformas urbanas e também em Porto Alegre por volta dos anos 1920, quando os cortiços e vielas da capital gaúcha foram retirados para o surgimento de largas avenidas como a Borges de Medeiros.

O caso da Vila Caiu/Caída do Céu é apenas um caso dentro de um cenário muito amplo dos espaços periféricos da cidade. Sua breve história mostrada pelas fotografias de Porto Alegre começa em meados dos anos 1940, ao menos no que se refere nas linhas escritas nos noticiários da época e a última menção à Vila consta no Jornal do Dia em 1947. A construção do estádio do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense acompanhou este mesmo período, tendo sua construção começado em 1951 e sido concluída em 1954. Dessa maneira, o surgimento do estádio andou concomitantemente com o desaparecimento das últimas malocas daquele local.

Sobre a Vila seu surgimento dentro dos traçados urbanos de Porto Alegre se encontra num emaranhado nublado. Entretanto, sua primeira aparição, ao menos no periódico do Jornal do Dia ocorre nas páginas do ano de 1947, como podemos ver em nota disponibilizada pela Câmara dos Vereadores da capital gaúcha.

A tarde transmitiram ao Sr. Presidente, em plenário da Camara, as impressões colhidas, ressaltando a necessidade imperiosa de serem instaladas bicas de água nessa vila, assim como nas demais. (Jornal do Dia,

²⁹ O “Bogotazo” refere-se a uma série de distúrbios e protestos que ocorreram em Bogotá, capital colombiana, após o assassinato do então presidente Jorge Gaitán, em 9 de abril de 1948. Ver: PAVONY, Germán R. M. Bogotá: da hipérbole ao mito. In: Adrián Gorelik e Fernanda Arêas Peixoto (org.). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. São Paulo: Edições SESC, 2019, p. 161 – 174.

19/12/1947).

Como estamos observando, desde sempre a relação poder público/vilas era uma relação de distanciamento, ocorrendo apenas em situações extremas seus contatos. A *cidade dual* eram dois mundos opostos que se chocavam na realidade urbana seja visual ou em projetos. Na ótica da nota, uma comissão fora organizada para realizar a visita às vielas da comunidade, decorrendo dessa visita uma necessidade verificada, a falta da água. Tal prerrogativa imperiosa se dava por diversos aspectos, mas a insalubridade das moradias eram ressaltados e reforçados pela necessidade básica. A solução de bicas, temporária aos olhos da Câmara permitiria novas demandas para o futuro do local.

Assim, sejam Malocas, Favelas, Vilas Miseria ou Cortiços todas expressam a problemática das moradias urbanas nas cidades da América Latina. Queiroz Filho (2011)³⁰ ao procurar as origens dessas moradias precárias no cenário urbano brasileiro recua seus primórdios para o século XIX. O autor retoma a ideia de Cardoso (2008)³¹ no qual as principais características deste ambiente são a alta densidade demográfica em pequenos espaços citadinos, associando e propiciando um habitat insalubre e repleto de doenças.

Consequentemente as condições sanitárias no Brasil são precárias durante quase todo o século XX. Mesmo nas capitais, os dejetos, a canalização da água e as casas sofriam de carências, tendo apenas o centro das ocupações urbanas com um mínimo de aporte. Nesse cenário quase funesto, onde as doenças poderiam se proliferar como uma doença moral³² não fica difícil imaginar as campanhas de saúde voltadas para essas comunidades³³. Incêndios³⁴ eram inevitáveis pelas precárias condições de moradia contribuindo para as péssimas imagens que a municipalidade tinha dos moradores do local.

Assim, se já era árdua a vida de um migrante urbano em uma vila a relação com o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense também não correria como o esperado. Em

³⁰ Ver: QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira de. Sobre as origens da Favela. *Mercator*, v. 10, n. 23, 2011, p. 33-48.

³¹ Ver: CARDOSO, A.L. Contextualização/ caracterização. In: BRASIL. *Política habitacional e integração urbana de assentamentos precários: parâmetros conceituais, técnicos e metodológicos*. Brasília: Ministério das Cidades, 2008, p. 13-46.

³² A Questão das Malocas, sua causa: carência de habitações, entrevista com o sr Belmonte Macedo, presidente do Círculo Operário, Jornal do Dia, 16/02/1947.

³³ Vacinação nas Malocas, Jornal do Dia, 03/09/1947.

³⁴ Nota sobre incêndio criminoso na Vila Caiu do Céu, Jornal do Dia, 10/08/1948.

29 de agosto de 1950 o clube como instituição esportiva fora chamado para prestar contas na Câmara em relação à remoção das Malocas³⁵. As famílias a serem retiradas seriam realocadas no novo assentamento na Vila Santa Luzia. A nota no periódico é pouco elucidativa, deixando margem para muitas especulações. Outro ponto de observarmos é o silenciamento nos dias seguintes, o Jornal não volta a mencionar o clube, na realidade, nem antes e nem depois o clube é associado à remoção das famílias ou como um agente da transformação do local.

Interessante neste sentido, o quanto o clube por ter um valor simbólico para a sociedade porto alegre se encontra externamente a todo um imbróglio das remoções dessas famílias. Ele seria apenas o beneficiário de tal situação, não o culpado nem o motivo. Claro, entendo que me utilizar da estratégia do tempo para olhar o passado e dele sobrecarregar com a moral do presente é um tanto cruel em todos os sentidos. Porém, como um trabalho historiográfico é importante se atentar para o silêncio do clube para com esta situação.

Quem sairia beneficiado com o local? Para onde iriam essas famílias? Elas pertenciam à comunidade cidadina? O migrante poderia a ser um porto alegre?

Muitas perguntas ficam no ar, e se dissipam ao longo do tempo. Para as famílias da Vila Caiu do Céu seu destino os levaria para a Vila Santa Luzia, entretanto como ciganos forçados do perímetro urbano durante a década de 1960 os moradores da Vila Santa Luzia seriam realocados para a Restinga³⁶. Mais movediços que a areia do deserto essas famílias, essas gentes se encontravam no limiar do espaço urbano e dessa relação de serem sempre jogadas a mercê das fronteiras da municipalidade.

Em 1952 a administração municipal dirigida pelo prefeito Ildo Meneghetti³⁷ criava o Departamento Municipal da Casa Popular (D.M.C.P.) com o objetivo claro de dar vazão à remoção das malocas do local da Vila Caiu/Caída do Céu. Local de “problemas sociais” a remoção era o único objetivo da municipalidade. Mas, quem era

³⁵ O dia de ontem na Câmara Municipal, Jornal do Dia, 30/08/1950.

³⁶ Do espinho ao asfalto, reportagem ZH Especial, disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/restinga/a-reportagem.html>

³⁷ Ildo Meneghetti foi um engenheiro e proeminente político gaúcho durante os anos 1950. Um dos principais dirigentes da história do Sport Club Internacional o qual fora presidente do clube entre 1929 a 1934 e em 1938, sendo o principal líder na construção do Estádio dos Eucaliptos para o clube colorado. Na municipalidade exerceu o cargo de prefeito de Porto Alegre também por duas vezes de 1948 a 1951 e 1952 até 1954, Governador do Estado entre 1955-1959 e no mandato de 1963-1966.

o morador da Maloca?

Para além de toda carga de termos que lhes era imposta pela imprensa da capital gaúcha, Weimer contribui com este estudo ao observar o fator da cor como um ponto em comum da maioria da população das malocas Porto-alegrenses. O vereador Manoel Correa Soares diz que a maioria dessa população vinha do fluxo migratório do interior do Estado.

Vale a pena aqui, reproduzir a letra de uma conhecida canção:

*Si o senhor não está lembrado
Da licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse adifício alto
Era uma casa velha um palacete assobradado
Foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa Maloca
Mais um dia nem quero lembrar
Veio os homens com as ferramentas
O dono mando derruba
Peguemo todas as nossas coisas
E fumos pro meio da rua
Apreciar a demolição
Que tristeza que eu sentia
Cada táuba que caia
Doía no coração
Mato Grosso quis grita
Mas em cima eu falei
Os homes está 'cá razão
Nois arranja outro lugar*

(Saudosa Maloca, Adoniran Barbosa, 1954)

As palavras tão bem escritas e cantadas por Adoniram Barbosa nos lembram do olhar daqueles que tiveram seu frágil mundo destruído, levado para outro lugar. A modernidade pode ser lida de várias formas, benéfica, maléfica, uma força

incontrolável; o que cabe aqui, sem juízo de valores é perceber as camadas da cidade. Se hoje, em meados dos anos 2020, o Estádio Olímpico se encontra em ruínas, anteriormente fora o lugar sagrado das comemorações dos amantes do futebol e torcedores do Grêmio, ainda assim, ali também fora o lugar de outros sonhos, os sonhos daqueles que chegavam à cidade com a perspectiva de um novo mundo de uma nova vida.

A cidade como um corpo vivo está repleta de experiências, dos traumas e de superações. A moradia popular segue sendo enroscado nas matérias jornalísticas, nas construções urbanas, lugar indesejado, “fétido” quase saído de um romance de Dostoiévski que em seus cenários escuros pintou uma São Petersburgo realisticamente surreal, a pobreza humana se encontrava com a pobreza social.



Figura 6. Terraplanagem no local que será erguido o Estádio Olímpico. (Acervo do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, Memorial Hermínio Bittencourt), s/a e s/d.

O “adifício” de Adoniram é o nosso estádio. E na fotografia acima, o que é mostrado é o solo sendo nivelado por operários. Quem são eles? Talvez, muitos oriundos de localidades próximas, a construção civil fora uma porta de entrada para aqueles que se deslocavam para uma nova cidade, casas eram removidas, derrubadas, outras erguidas, mas, os sonhos humanos esses sempre foram reconstruídos. A problemática dos estádios de futebol no Brasil, ou como os denomino, os Teatros Verdes, é compreender essas linhas tênues entre os espaços urbanos, se topofilia é o amor ao local, este numa perspectiva de tempo histórico pode ser amplo

demais. Durante séculos prédios podem ter surgido e desaparecido no mesmo local, então topofilia se relaciona a um espaço e tempo definidos historicamente, as lembranças são do Estádio Olímpico como estádio de futebol, o Bairro Azenha como arrabalde do tricolor a memória da cidade seleciona seus artefatos e os expõe numa tela ou fotografia.

Como Lepetit (2001), citaria as “representações espaciais” onde o ser humano se constitui numa relação com os seus vários passados. Estudando os ambientes, seja na França do século XIX ou nas Américas do século XX, Bernard Lepetit afina a compreensão entre essas relações as definindo como um “traço”. O “traço” propriamente significa aquilo que permanece em meio às transformações espaciais, podendo ser elas um nome, uma memória, algo que aluda aos vários usos que aquele ambiente já obteve durante o tempo histórico. Assim, como o geógrafo francês nos ajuda a entender os novos usos que a região da Azenha ganhou com a construção do Estádio Olímpico, memória e esquecimento foram escolhas nem sempre com opções entre a Vila Caiu/Caída do Céu e o estádio do Grêmio. Segundo Bale (2003)³⁸, “os locais de esportes fornecem um potencial de afeto. Diferentes sentidos - principalmente a visão, mas também o olfato, o som e a nostalgia - contribuem para um sentido positivo de lugar.”

Essa potência de afeição que este autor cita, contribuindo para uma noção positiva do local onde ocorre o esporte, provoca o que exatamente acontece com o caso do Estádio Olímpico, a narrativa da vila, negativa pela ótica da imprensa encontrava-se com a narrativa do novo empreendimento arquitetônico envolvido com o mundo do futebol, fruto de uma agremiação reconhecidamente vencedora, o estádio era por excelência a vitória da modernidade e da cidade frente ao passado.

³⁸ “... *sports places provide a potent of affection. Different senses – mainly sight but also smell, sound and nostalgia – contribute to a positive sense of place.*” (BALE, 2003, p.19).

3. TEATROS, PALCOS, TEMPLOS: O ESTÁDIO E A CIDADE

Quando Johan Huizinga (2015) observou em seu *Homo Ludens* a característica de uma sacralidade, rememorada pela imprensa esportiva, para autores como Galeano (2004)³⁹ ou Nelson Rodrigues (2013)⁴⁰ o jogo era sagrado e o lugar onde ele aconteceria também o seria. Estádios pelo mundo receberam a alcunha de catedrais, templos da religião moderna o futebol, local de paixões, sublimações, dor, sacrifício e renascimento a cada partida. As massas aglomeradas para acompanhar o espetáculo.

Afinal, outra característica associada ao estádio de futebol é o de palco, teatro onde ocorreria o espetáculo do futebol. Porém, diferente de uma peça onde a assistência acompanha na maioria dos atos em silêncio, apenas estupefata pelo drama ou a comédia, o futebol, uma arte sublime seria lembrada por Alabarces (2008), Frydenberg (2011) entre outros como um local no qual a assistência participa diretamente do jogo. Influi na vitória e na derrota de determinado time, ou seja, o estádio é um palco vivo, onde o jogo é jogado por todos em diferentes escalas.

Los estadios fueron y continúan siendo el escenario del ritual del fútbol. Es escenario tener en cuenta que el estadio, en tanto tal escenario, debía contener tribunas lo suficientemente altas como para que el público simpatizante fuera visible para los jugadores desde el campo y también para los espectadores ubicados en el resto de las tribunas; de este modo, los hinchas de un equipo podían ver a los otros hinchas, observar sus gestos, sus cuerpos en movimiento. (FRYDENBERG, 2011, p. 130).

Ver e ser visto, os gestos, o corpo e o comportamento são atributos que o historiador argentino ao relatar a experiência numa Buenos Aires de meados do século XX carrega consigo uma lógica elisiana. Norbert Elias (2001) conduz em seus estudos a uma observação entre os espaços e os comportamentos, uma geografia comportamental. O estádio de futebol e muitas das vezes os estudos sobre o esporte buscam na leitura do sociólogo europeu embasamento para as suas análises. Considerando o estádio como um ambiente onde costumes e hábitos são utilizados

³⁹ GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: LP&M, 2004.

⁴⁰ RODRIGUES, Nelson. *A pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

numa ótica de controle social, lembrando também uma perspectiva foucautiana⁴¹.

Este controle pode ser entendido pelo fato de que muitos aparatos estatais se aproveitaram do esporte para ampliarem a zona de poder e manifestação sobre a sociedade, o estádio, seria assim, um veículo, um simulacro de tal governo, sua construção repleta de sentidos significaria o esplendor de tal política. Prática essa nada contemporânea, talvez, se remontarmos uma linha ela alcançaria as antigas civilizações humanas. Viajando da Antiga Roma dos imperadores aos chefes de estado modernos, o estádio continuou sendo uma artimanha de uma estratégia de propaganda de séculos de uso.

A arquitetura de massas na antiguidade tinha um caráter expresso na permeabilidade de suas faces através de colonatas, diluindo o volume edificado. A caracterização do uso – o espetáculo, configurava o programa da edificação com o espaço destinado a abrigar grandes capacidades de espectadores estabelecendo a relação entre a plateia e o palco. Esta nova configuração diferente dos templos ecumênicos, onde os fiéis ficavam em posição de inferioridade em relação ao seu Deus, foi definida pela necessidade de visibilidade fazendo que as arquibancadas surgissem ao longo do palco melhorando assim as condições de acomodação do público visitante. (CERETO, 2003, p. 9).

Essa experiência construtiva dos espaços na antiguidade helênica é trazida por Marcos Cereto que, em sua abordagem na arquitetura, aponta as transições nas estruturas das construções. Observa-se neste momento da transição arquitetônica uma relação entre o sagrado e os espaços. Dessa maneira, entre a divindade antiga e os espetáculos modernos nota-se uma ligação profunda nos espaços. Ademais, o estudo apontado por Cereto conduz uma análise dos estádios brasileiros no início do século XX, como as estruturas dos complexos arquitetônicos se revelavam muito próximas aos tempos gregos do que possa parecer.

A preocupação deste trabalho é o estádio de futebol e seus entornos. Entretanto, não posso esconder que este é um recorte dentro de uma interferência maior que é o espaço urbano. Assim, as cidades da antiguidade observada por Cereto ergueram teatros, templos, monumentos que correspondiam à comunhão com o sagrado, mas, também uma comunhão social. Quem eram aqueles que necessitavam dessas

⁴¹ Ver uma comparação dos dois autores em: DOLAN, Paddy. Space, time and the constitution of subjectivity: comparing Elias and Foucault. *Foucault Studies*: Dublin, n. 8, fev. 2010.

estruturas? O templo e o teatro eram mundos dentro de um mesmo mundo; Morin (2011)⁴², ao apresentar a problemática da Noosfera, nos conduz por um caminho do saber no qual o conhecimento humano proporciona ambientes cognitivos dentro da mesma lógica do pensar. Esses ambientes seriam dependentes da conexão humana, porém, capazes de criarem sua lógica própria.

Igrejas góticas da Alemanha, templos hindus, pirâmides nas Américas e no Egito, o sagrado se revela numa grandiosidade monumental. Mas o templo profano, o teatro, o anfiteatro, seguiu uma linha própria. Muito comum no cenário cinematográfico o Coliseu romano e seus gladiadores ganharam a estética de um estádio esportivo. Em obras como *Spartacus*⁴³ ou *Gladiador*⁴⁴ o público na plateia reage a cada ação das personagens principais como se fossem gols em um estádio futebolístico. A cultura contemporânea construiu um imaginário do ambiente dentro de um estádio. Seguindo a lógica ou a inspiração do grande Coliseu romano estádios de futebol foram erguidos no mundo nas décadas medianas do século XX.

Em geral, os efeitos da arquitetura são reconhecidos primeiramente em relação a nossa percepção visual. O edifício é capaz de alterar a nossa percepção: trazer sensações associadas ao “belo”, ao “feio”, ao “estranho” e assim por diante. Estes efeitos tem uma bem conhecida natureza estética. A arquitetura afeta o sujeito, sua leitura do ambiente, gera ambientes com “ruído” menor ou maior. Vários conceitos foram utilizados para entender esses efeitos da arquitetura: harmonia, equilíbrio, ordem, o “sublime”, o “caótico” e assim por diante. (NETTO, 2014, p. 266).

Gerar ruído, o caos e o sublime nas palavras descritas por Netto em seu trabalho de arquitetura e cidade, bem poderiam descrever um ambiente de um estádio de futebol. A arquitetura circular do estádio permite que as sensações sejam perceptivas por um número maior de espectadores. Imbuídos de sons e cheiros, as torcidas esportivas se faziam presentes nos espetáculos futebolísticos e donas de um espetáculo próprio, como se referia Galeano em seu “Futebol ao sol e a sombra” (2004). O festival de cores que transforma a cor cinza das arquibancadas de concreto ganha vida e sentidos, o estádio deixa de ser um simples edifício e adquire o caráter de “casa”, identificação lembrada por Bale (2003) e Mascarenhas (2013) com o conceito

⁴² MORIN, Edgar. *O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 6 ed., 2011.

⁴³ Série televisiva norte-americana criada por Steven S. Deknight em 2010.

⁴⁴ Película cinematográfica produzida em conjunto entre Estados Unidos e Grã Bretanha, criada por David Franzoni e dirigida por Ridley Scott lançado em 2000.

de toponímia⁴⁵.

- **Primeira Fase:** Nos primórdios do futebol é exposto que os primeiros “estádios” foram adaptações de espaços esportivos que já existiam, os quais tinham sido erigidos para o exercício de outras modalidades esportivas. O já citado Velódromo Paulistano construído para a prática do ciclismo no final do século XIX em São Paulo é um exemplo de um espaço adaptado para receber partidas de futebol.
- **Segunda Fase:** Nesta etapa os estádios irão se relacionar diretamente com a maneira do futebol se configurava no Brasil, sendo estes equipamentos designados para as classes econômicas mais altas da sociedade com características de confortáveis casas de espetáculos (teatros). O símbolo desta fase é o Estádio das Laranjeiras, edificado no início do século XX no Rio de Janeiro.
- **Terceira Fase:** Com a popularização e democratização do futebol no Brasil a partir dos anos 20 e 30 do último século são construídas praças futebolísticas com capacidade muito superior das dos estádios que existiam até aquele momento. O Estádio de São Januário do Clube de Regatas Vasco da Gama inaugurado em 1927 com 50 mil lugares, e o Estádio Municipal do Pacaembu de 1940, com continência na época para 70 mil espectadores, são exemplos desta fase.
- **Quarta Fase:** Esta fase corresponde ao ápice temporal que são construídos imensos equipamentos futebolísticos que viriam a comportar mais de 100 mil torcedores, a maioria com investimento Estatal, e tem seu encetamento na década de 1950 e vai até o final dos anos de 60. O Maracanã, o Mineirão, e o Morumbi refletem o que foi este período da concepção dos estádios no Brasil.
- **Quinta Fase:** Compreende um momento político histórico do Brasil, o qual ficou marcado pela instauração do Regime Militar. Neste instante ocorre uma aproximação entre o campo político e o futebolístico. O Governo Federal passa a utilizar o futebol como seu instrumento de propaganda, com isso edifica diversos estádios nas cinco regiões do país. Ilustra-se o Estádio Vivaldão em Manaus (1970), e o Estádio Fonte Nova em Salvador (1970) como aparelhos esportivos erigidos sob estas características.
- **Sexta Fase:** É a fase das “novas arenas”, equipamentos futebolísticos construídos a partir de uma nova tendência que está em voga no futebol mundial e no Brasil. Essa disposição expressa o processo de

⁴⁵ A toponímia é um conceito criado e desenvolvido por Tuan (2012).

elitização do futebol, e tem o estádio com um elemento que visa à mudança do perfil do torcedor. As arenas construídas para a Copa do Mundo de 2014 expressam este período contemporâneo da construção dos estádios. (VALÉRIO e ALMEIDA, 2016, p. 112-113).

Na empreitada historiográfica que seguiram, Valério e Almeida (2016) produziram um panorama de uma possível história dos estádios de futebol no Brasil. Claro, salvo algumas considerações de fato podemos nos assegurar que os períodos são muito próximos ao cenário do século XX no Brasil. Vejamos um ponto que creio ser necessária a interseção, na quinta fase, aquela que corresponde ao período do Regime Civil Militar no Brasil, em que os autores denotam preponderância do poder estatal na esfera esportiva e nas suas construções. Entretanto, como nos recorda Santos (2014) e Mostaro *et al* (2015), o futebol nacional sempre contou com uma relação muito próxima entre os poderes públicos e os interesses da classe dirigente.

Portanto, quando estamos tratando das dimensões do futebol para fora de sua esfera esportiva, percebemos o quão intrincada é essa relação. Santos (2014) aponta para a ascensão e administração de Arnaldo Guinle (1916-1931) no Fluminense Football Club do Rio de Janeiro, as relações de sua família dentro e fora do futebol, prestígio social, poder econômico e uma rede de relações que possibilitaram ao clube carioca uma de suas maiores gestões no futebol. Para Mostaro *et al* (2015) o cerne é outro: o governo de Getúlio Vargas encontrou na disputa da Copa do Mundo de 1938 na Suíça um holofote propício para uma campanha de uma construção de identidade nacional.

Não somente no cenário nacional conseguimos verificar estas relações, há muito que o círculo do futebol em Porto Alegre caminha a passos próximos com a administração estadual ou cidadina. Em 1935, em meio às comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha, o governo Estadual e Municipal se utilizou do campeonato citadino de Porto Alegre como uma fonte de divulgação de uma identidade regional. Futebol e Política é um jogo que perdura até os dias atuais e, nesse sentido, vamos abordar como isso se deu nos casos do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense e do Sport Club Internacional.

3.1. Política e Futebol, um jogo interminável

Não sou contra a construção de um estádio olímpico nesta Capital. Pelo contrário julgo-o necessário, útil e, sobretudo, como veículo para o desenvolvimento físico de nossa juventude (TOTTA RODRIGUES, *Jornal do Dia*, 11/06/1948).⁴⁶

As palavras de Totta Rodrigues⁴⁷ não eram isoladas pelos anos 1940, em Porto Alegre; a cidade que crescia exponencialmente também via no futebol uma necessidade de aumento das infraestruturas. Apesar de vários planejamentos dos clubes, fora com o Mundial de 1950 realizado no Brasil que a conjuntura nacional aliou aos anseios citadinos. A Copa do Mundo foi realizada no Estádio dos Eucaliptos pertencente ao Sport Club Internacional. E, para os lados do tricolor do Fortim da Baixada, os dirigentes ganharam mais um estímulo para colocarem seus planos adiante.



Figura 7. O Presidente Getúlio Vargas conhece o projeto do Estádio Olímpico. (Acervo do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, Memorial Hermínio Bittencourt).

Se a ideia do novo estádio não era – perdendo a redundância – “nova”, convido a recuarmos inicialmente para a fotografia mostrada na figura acima. O que

⁴⁶ Enquanto o estádio não vem, *Jornal do Dia*, 11/06/1948.

⁴⁷ Totta Rodrigues foi jornalista na cidade de Porto Alegre e durante as décadas de 1940 e 1950 transitou entre o *Jornal da Noite* e o *Jornal do Dia* o qual cobria as matérias esportivas, eventos sociais e o Carnaval na capital gaúcha. Entretanto, pouco encontra sobre sua vida na maior parte do tempo carecendo muitas lacunas sobre esse personagem da imprensa gaúcha. Ver: ROSA, Marcus Vinícius de Freitas. *Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940*. Dissertação de Mestrado. PPGH UFRGS, Porto Alegre, 2008.

ela nos diz ou, nesse caso, nos deixa dizer? O fotografo novamente não recebe seus créditos, ficando à sombra das personalidades políticas as quais se propôs a gravar na imagem. Entretanto, se não conseguimos conhecê-lo, ao menos podemos conhecer seu trabalho, as personagens que se encontram na fotografia são de relevância seja para a nacionalidade como o Presidente da República, ou, para o clube como seu presidente Saturnino Vanzelotti.

Porém, a fotografia em si demonstra um encontro, um recorte da realidade, um momento, mas, como foi à trajetória dessas personagens que conseguiram alinhar os projetos de uma política nacional com os anseios do clube. Dado a isso, me utilizo da compreensão de Rémond (1999, apud SANTOS, 2016) que observava o “mecanismo relacional” como forma sociopolítica. Tendo como inspiração o trabalho de Agulhon (apud MULLER, 2010) também entendemos que os espaços utilizados por estas figuras oportunizaram uma sociabilidade e que construíram vínculos sociais e políticos que, como veremos, acarretou não em um objetivo, mas em um amplo projeto que desagua no desenvolvimento da cidade. O futebol torna-se um fio condutor, não o fim em si, mas um meio.

Assim, fora na figura de Saturnino Vanzelotti (1908-1973) que o grande empreendimento tomara forma. Filho de imigrantes italianos Saturnino durante a juventude praticou o remo e como um desportista do Barroso⁴⁸ conviveu desde os anos 1930 com as sociabilidades da cidade. O remo como esporte até a primeira metade do século XX em Porto Alegre foi um dos esportes mais praticados e que denotava destaque nos periódicos citadinos. Assim, nesse meio que o futuro presidente do Grêmio construiu laços e identificações que ajudam a entender a sua conduta no mandato tricolor.

Pouco ainda temos de documentos que apresentem a caminhada de Saturnino no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense até a sua presidência, seja essa deficiência pela pesquisa produzida num contexto de pandemia ou porque muito dos arquivos do clube não se encontram disponíveis ainda para um acesso mais fácil dentre os pesquisadores. Dessa maneira, para conduzir uma costura minimamente coerente recorri aos outros espaços onde Saturnino também transitou, assim, é nas águas do Guaíba e no remo que podemos conjecturar alguns fatos que ressoam no clube de futebol.

⁴⁸ Clube de Regatas Almirante Barroso, fundado em 1905 de uma dissidência do Ruder Club Germania. Ver mais em: HOFMEISTER, Carlos. Pequena história do remo gaúcho. Porto Alegre: CORAG, 1978.

Segundo o trabalho escrito por Tiago Frosi e Janice Mazo (2012) sobre o “abrasileiramento” do clube Canotieri de remo nos permite adentrar na forma como grupos sociais em específico aqueles vinculados aos dos imigrantes italianos na cidade de Porto Alegre se deslocaram nas camadas sociais da urbe.

“Os imigrantes italianos continuaram sendo vistos com simpatia, principalmente pelo fato de adotarem o Brasil como segunda pátria. Paiva (2007) refere que a crise de identidades gerada na chegada à nova pátria criava nos imigrantes um sentimento que fazia deles mais brasileiros que os brasileiros.” (FROSI e MAZO, 2012, p. 56).

Recuamos até a década de 1930 por ela ser importante na conjuntura que levará Saturnino Vanzelotti ao tricolor. Os autores acima citados apresentam como uma qualidade a percepção de que os imigrantes italianos possuíam uma adaptação melhor no seu novo país. Mas, a quem eles se opunham? Dois grupos se destacam quando falamos de imigração no Rio Grande do Sul e em reflexo em sua capital Porto Alegre, os alemães e os italianos, que se constituem com a primazia no espaço urbano. Assim, enquanto clubes da comunidade alemã eram percebidos como de quase exclusividade daquele grupo identitário os de origem italiana possuem uma “internacionalização” mais facilitada.

Mais do que as representações identitárias desses grupos, o duro golpe que a II Guerra Mundial e o projeto de nacionalização do Estado Novo provocam nestas comunidades é algo crucial. Como dito antes, os grupos ítalo-brasileiros conseguiram uma “assimilação” mais rápida entre a “tardia” dos teuto-brasileiros, enquanto estamos falando dos clubes identitários. Estes grupos sociais transitavam entre suas comunidades e suas classes sociais, tornando as possibilidades sendo diferentes para ambos os personagens em condições completamente variadas. As condições de um ítalo-brasileiro vivendo no Quarto Distrito⁴⁹ e trabalhando no meio fabril será diferente do ítalo-brasileiro comerciante ou filho de um empreendedor.

Assim, podemos pensar em vidas totalmente diferentes dentro de um espaço na urbe vivendo realidades e projetos de existências que constroem cenários distintos. Saturnino Vanzelotti estava entre aqueles ítalo-brasileiros que se distinguia entre a sua comunidade, sportman desde muito jovem podemos conjecturar que seus espaços

⁴⁹ O Quarto Distrito de Porto Alegre engloba entre seus principais bairros o Bairro Navegantes e na primeira metade do século XX era o local de inúmeras fábricas e residência de seus trabalhadores, em grande medida imigrantes ou de zonas de imigração teuta e ítalo do Rio Grande do Sul.

sociais e financeiros possibilitassem esse tempo para o treino. Principalmente que o remo necessitava de mais tempo dentro das águas do que os outros esportes demandavam. Noutro sentido, nossa personagem não somente fora um sportman comum mas, sim, teve destaque em seu esporte, representando o selecionado gaúcho no Campeonato Nacional em 1935⁵⁰ sendo recebidos pelo poder público em seu retorno ao Estado.

Na década de 1940 Saturnino alça o voo de se tornar o presidente do Barroso, concluindo seu mandato em 1948⁵¹. Dessa maneira, nossa personagem se constitui num caso raro em que durante toda a década de 1940 e início dos anos 1950 esteve no comando de duas das instituições esportivas mais vitoriosas em seus respectivos esportes. Essa sua trajetória o possibilitou transitar por meios sociais de destaque, politicamente forte dentro dos clubes; Saturnino ganharia a marca de um presidente arrojado, um “modernizador” imbuído de um discurso amplo que embebia o Brasil e o Mundo nos anos 1950. Cabe ressaltar um dado, pitoresco ou não: Saturnino Vanzelotti e Getúlio Vargas tiveram um encontro, aproximadamente 15 anos antes da construção do Estádio Olímpico, Getúlio como presidente nacional e o jovem Saturnino como representante do Estado na competição Nacional de Remo, sediada na então Capital Federal, Rio de Janeiro. Sendo recebido pelo o próprio presidente, ali começava uma relação, com vínculos que se entrelaçam e denotam caminhos que se cruzariam décadas depois novamente.

Sobre o seu mandato no Grêmio entre os anos de 1949 a 1954, Vanzelotti ficou conhecido como o presidente que realizou a abertura do clube no que diz respeito aos gramados, bem como ao seu corredor social. São os tempos de Tesourinha⁵² no ataque gremista, e, claro, da construção do Estádio Olímpico. O projeto foi arquitetado por Plínio Almeida⁵³, que ganhara um concurso em 1950 ao qual o fizera ingressar no clube do coração após sua graduação na UFRGS⁵⁴, em 1949. A casa gremista, quando inaugurada, ganharia o título de maior estádio particular do país.

⁵⁰ Homenagem aos campeões brasileiros e sul-americanos, Jornal A Federação, 18/06/1935.

⁵¹ Carlos Hofmeister (1978).

⁵² Considerado o primeiro atleta negro da instituição, com início no rival Sport Club Internacional, regressara a Porto Alegre após passagem pelo Vasco da Gama do Rio de Janeiro.

⁵³ Plínio Almeida foi um dos formandos da primeira turma de arquitetura da UFRGS em 1949, sendo responsável pelo projeto do Estádio Olímpico e de outras obras na capital gaúcha, teve ativa atuação no cenário público sendo Presidente da Sociedade de Engenharia a SERGS, participando do Plano Diretor de Porto Alegre e membro da Secretaria de Municipal de Obras e Viação de Porto Alegre. Ver: www.iab-rs.org.br

⁵⁴ UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

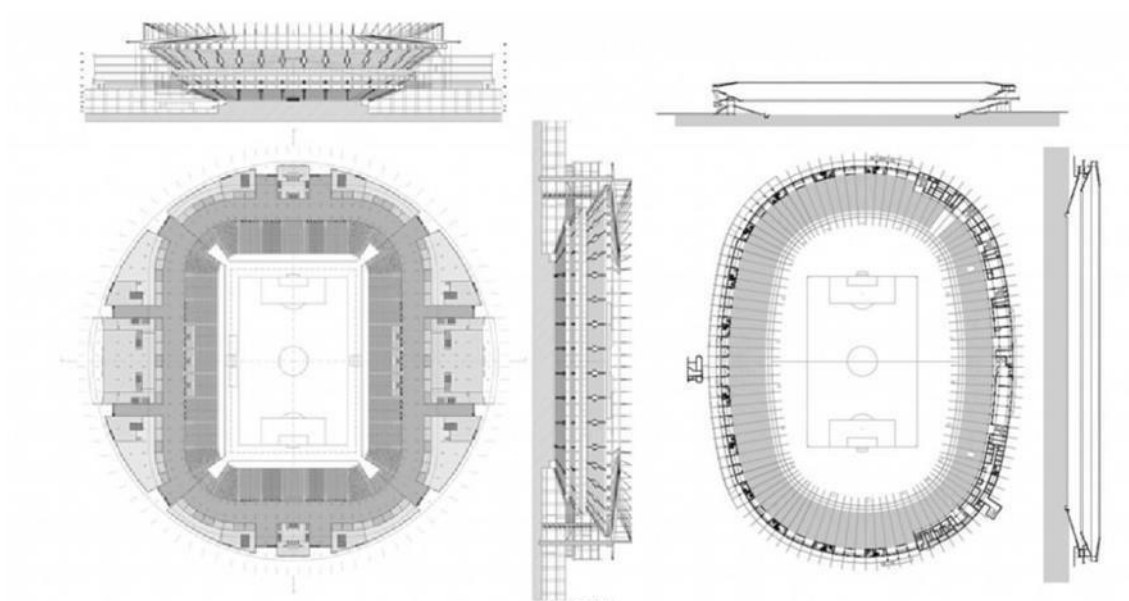


Figura 8. Planta comparativa entre a Arena do Grêmio e o antigo Estádio Olímpico (Acervo do Clube, Memorial Hermínio Bittencourt).

Porém, vamos nos ater no seguinte momento, a história da construção do Estádio Olímpico, que é narrada de diversas maneiras. Vamos percorrer as negociações que o clube encaminhou com os poderes políticos municipais, estaduais e federais que compunham um desses cenários possíveis. A análise histórica diferente de uma mera memória clubística procura entender como as linhas se juntam entre os fatos decorrentes de um processo maior. Então retomemos a fotografia mostrada na Figura 7; nela se encontram o presidente do país Getúlio Vargas, o presidente do clube Saturnino Vanzelotti, João Goulart, o então Deputado Federal e o futuro Ministro do Trabalho no ano da inauguração da obra, Silvio Toigo Filho, engenheiro do projeto.

Segundo Marcelo Ferla (2012), em seu livro “Jogos Monumentais: memórias do Estádio Olímpico”, as negociações que se deram entre o presidente da república e o clube gaúcho resultaram no apoio de 25 mil cruzeiros disponibilizados para a construção do novo estádio. Resultado de negociações e concessões entre a presidência e o clube, cabenos questionarmos o porquê de tal apoio, ou, quais seriam os interesses interpostos entreos agentes desse contexto.

Lembremos que Getúlio Vargas, em seu período ditatorial do Estado Novo⁵⁵, já se utilizara do futebol como amplificador de seu projeto de nação e governo. Tal

⁵⁵ Estado Novo de 1937-1946.

relação o fez se aproximar do esporte.

Com o fim da divisão interna do campo esportivo em 1937, a seleção brasileira pode disputar a Copa do Mundo de 1938 na França com seus principais jogadores. Essa competição deixaria ainda mais evidente a aproximação de Getúlio Vargas com o futebol. Além de conceder uma alta subvenção à delegação brasileira para as despesas com o campeonato, Getúlio tinha sua figura ligada à equipe brasileira através de sua filha Alzira Vargas, madrinha da seleção nacional. Antes do embarque para a França, a seleção foi recebida pelo Presidente da República, que fez questão de cumprimentar os jogadores e deixar claro a importância que o título teria para o futuro da nação. Getúlio Vargas dispensou sua atenção especial à grande estrela da seleção, Leônidas da Silva. O Diamante Negro, era o maior ídolo do futebol brasileiro e uma das figuras mais populares durante a Era Vargas. (DRUMMOND, 2014, p. 136).

A ênfase do trabalho de Drummond (2014) ficou na comparação entre os dois regimes populistas nos anos 1930 na América do Sul. Entre o Brasil varguista e a Argentina peronista, futebol e política andaram lado a lado. Mostaro *et al* (2015) demonstraram também a relação entre o estádio de São Januário, do Clube de Regatas Vasco da Gama, e o discurso do 1º de maio de Vargas para os trabalhadores. Assim, não era impossível imaginar as relações que motivavam o Presidente da República em sua retomada ao poder, agora de forma democrática, olhar com carinho para o futebol. Consequentemente, os dirigentes gremistas sabiam disto e utilizaram este fator.

O novo estádio do Grêmio, apresentado pela cúpula do clube em 1950 ao Presidente, serviria como uma ascensão da cidade que se via moderna e precisava de símbolos que representassem essa nova fase da cidade. É justamente nesses anos que o Aeroporto Salgado Filho⁵⁶ é ampliado, com a proposta de encurtar as distâncias entre a capital gaúcha do resto do país. Novos costumes chegavam nas paragens gaúchas, os interesses e as possibilidades estavam dispostas na mesa.

As transformações sentidas no visual da cidade, com as obras no início dos anos 1950, podem ser entendidas como pertencentes a um conjunto maior de propostas que se encaixavam em uma política de desenvolvimentismo, empregada

⁵⁶ Franqueado ao público, em imponente solenidade, a modelar estação de passageiros do Aeroporto Salgado Filho, Jornal do Dia, 21/04/1953.

pelo governo de Vargas. Jorge Ferreira (2005) nos recorda que a turbulenta década de quarenta no país terminou com uma política externa e interna muito alinhada as pautas do governo estadunidense. Assim, com o retorno de Vargas nas urnas, um projeto de nacional desenvolvimentismo fora tomado.

Consequentemente, muitos estudos acompanham de perto as nuances do período de Vargas no poder, seja nos anos 1930 ou em seu segundo mandato. Os anos de 1951 à 1954, em que esteve à frente do Palácio do Catete na Capital Federal, Getúlio Vargas conviveu com uma política econômica instável, uma conjuntura externa no Pós-Guerra e forças internas que apontavam o desgaste da figura do Líder do Estado Novo.

Durante a campanha eleitoral, como candidato, Vargas defendera exaustivamente a necessidade de crescimento acelerado. Este adviria tanto de investimentos privados, voltados à modernização do setor primário e ao aprofundamento da industrialização – a qual deveria avançar dos bens de consumo para os bens de capital –, quanto de investimentos públicos em infraestrutura, como transportes, comunicações e energia. Mesmo nos estados menos industrializados (cujos eleitores e dirigentes, em princípio, seriam menos sensíveis às “causas da indústria”) defendeu este projeto em síntese o que mais tarde os analistas denominariam de Nacional-Desenvolvimentismo. (FONSECA, 2010, p. 26).

O que Fonseca nos demonstra entre as linhas que pesquisam o segundo mandato de Vargas é o seu enfoque na relação entre indústria e produção. Não podemos deixar de observar como a construção do Estádio Olímpico pode ter favorecido essa campanha política, seja aquecendo a indústria⁵⁷ como, a partir desse esforço desenvolvimentista, servindo para expandir a capital gaúcha naquela região do novo bairro.

Próximo a Getúlio se encontra João Goulart, sorrindo ao ver o projeto, talvez recordando os tempos da juventude quando jogou futebol no rival tricolor, o Internacional⁵⁸. Ele, ao lado do Presidente, significava uma bandeira do PTB e das medidas dos trabalhadores no governo de Vargas. Assim, sua posição no projeto também fora crucial, pois a propaganda construiu alavancaria ainda mais o setor da construção civil em Porto Alegre, o que possibilitaria o fluxo de uma migração

⁵⁷ Lembremos que uma das famílias vinculadas ao clube é a Guerdau uma das maiores da metalomecânica do país e que esteve ativamente na obra do clube.

⁵⁸ Ver: VILLA, Marco Antonio. *Jango: um perfil (1945-1964)*. São Paulo: Globo, 2004.

populacional para ocupar as vagas de trabalho.

Assim, a fotografia em questão acompanha uma série de composições, apresentando um pouco os personagens, retomemos o olhar para a sua montagem. Em plano principal a maquete do projeto do novo estádio estava sendo segurados pelas mãos de Saturnino Vanzelotti e de Silvio Toigo Filho. Ambos permitem apontar para o novo sonho que seria erguido pelo Grêmio. Reparemos que Saturnino está vestindo um blazer com o distintivo do clube que propositalmente aparece na imagem como representante do clube. Em plano principal e com destaque do contraste de cores está Getúlio Vargas, o único na fotografia com roupa mais clara e olhar compenetrado sobre o projeto.

Como bem apresenta Eduardo Araújo (2019)⁵⁹ em seu trabalho sobre as fotografias de Getúlio Vargas na Revista do Globo, a imagem do presidente fora construída e pensada. Uma fotografia oficial nos lembra as imagens dos quadros de personagens políticas e com esse intuito o teatro da imagem adquire contornos perceptíveis. Mesmo que o período analisado pelo autor era composto pelos anos 1930, ainda em 1950 se seguiam as mesmas “regras”. O primeiro plano da paisagem seria composto por aqueles que de alguma forma representavam a obra. Se todos se encontravam com ternos escuros, Getúlio apareceria em tons claros, mais amenos, menos autoritários afinal já não estávamos no Estado Novo, com charuto na mão poderia parecer uma distração se não fosse seu olhar compenetrado na maquete.

Entretanto, podemos dizer que nesta fotografia o presidente da República dividira a cena com outro destaque. O projeto recebera olhares daqueles que estavam na frente da câmera, bem como, das fileiras atrás onde uma verdadeira multidão se expremia para ver a nova casa tricolor. Se Toigo expressa em direção a Getúlio, talvez aguardando sua aprovação, como alguém que apresenta algo que lhe é importante. A expectativa era compartilhada com milhares de gremistas naquele momento, o sonho era possível e o monumental logo ganharia contorno de concreto.

O estádio era um empreendimento de amplo crescimento e se torna importante ressaltar que o Estádio Olímpico não fora, desde o princípio, uma campanha do poder público nacional. Antes disso, ele foi fruto de uma hábil correlação de interesses e oportunidades que possibilitaram a Porto Alegre um crescimento econômico e

⁵⁹ Ver: ARAÚJO, Eduardo Barreto de. *As representações visuais de Getúlio Vargas nas páginas da revista do Globo (1929 – 1937): de gaúcho a chefe da nação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

demográfico. Esse não foi o primeiro momento em que futebol e política alinharam esforços; talvez, esse fio nunca tenha se separado e continue tão imbricado em nossos dias atuais. O futebol como um esporte e um ambiente de sociabilidade, costurou espaços em que puderam transitar as personagens que assinaram o projeto da construção do Estádio Olímpico.

3.2. “Um Monumental Colosso”: quando a hipóbole entra em campo

*“Inaugura-se, em setembro, o monumental Estádio do Grêmio.”
(Jornal do Dia, 29/08/1954)*

*“Feito altissonante do Grêmio ao inaugurar-se o majestoso Estádio Olímpico.”
(Jornal do Dia, 20/09/1954)*

A cidade de Porto Alegre crescia de maneira exponencial na década de 1950, novas estradas surgiam e um aeroporto era ampliado. Além disso, novas fábricas se instalavam na capital gaúcha, assim como um centro movimentado, de ruas cada vez mais agitadas de uma metrópole. Nos outdoors, uma Coca-Cola era oferecida aos jovens passantes das ruas da capital dos gaúchos e como era de merecer, um “colosso” de concreto era erguido nos arredores da Azenha.

De maneira quase profética, a redação do Jornal do Dia descreve uma alcunha⁶⁰, em 29 de agosto, que se incorporaria ao nome oficial da obra como o “Monumental Olímpico”. Tal prerrogativa de grandiosidade não é novidade quando tratamos da narrativa esportiva nas folhas de jornais⁶¹. Filhas dos folhetins, das crônicas citadinas, no futebol jornalistas e literários encontraram um pano de fundo quase perfeito, para Mário Filho ou Nelson Rodrigues, o esporte bretão encontrara em terras tupiniquins um terreno fértil no jogo e nas vivências.

Assim, a grandiosidade da obra poderia significar dois caminhos: um é a tradição já incorporada no cotidiano dos jornais e outro, que os próprios veículos de imprensa apoiavam a sensação de novidade que vivia a cidade naquele momento. Seja

⁶⁰ O termo “Monumental” também fora utilizado por outras redações, como o Correio do Povo. Todas expressavam a magnitude da obra, até então a maior do sul do Brasil.

⁶¹ Ver: SOUZA, Li-Shang Shuen Cristina Silva. *Noticiário esportivo no Brasil: uma resenha histórica*. São Paulo, Lâmina, 2005.

por um ou por outro, ou ainda ambos, os jornais produziram uma rica interpretação dos acontecimentos esportivos ao longo do século XX. As construções de estádios estavam equiparadas aos momentos de grandes campeonatos, sucessos dentro e fora dos gramados impulsionavam a expansão material das instituições, nas décadas centrais do século.



Figura 9. Passeata da Inauguração do Estádio Olímpico, no dia 19/09/1954. (Acervos digitais e Acervo do Grêmio Football Porto Alegrense, Memorial Hermínio Bittencourt).

A Figura 9 mostra a festa de Inauguração do Estádio Olímpico. Projetada muito tempo antes para estar inserida nos festejos do aniversário de 51 anos do clube tricolor, “A Semana Tricolor”⁶² como fora denominada pela diretoria do clube, foi encabeçada por João Luís Daudt, então vice-presidente do clube na gestão Saturnino Vanzelotti.

Estamos preparando uma festa em que todos os tricolores participem. Segundo o programa que estamos traçando, o ponto culminante das comemorações será a inauguração do Estádio Olímpico do Grêmio Porto Alegrense, dia 11 de setembro, quando terá início a “Semana Tricolor”. Todos os gremistas participarão das festas de nossa data magna, desfilarão no colosso de cimento armado. Divididos em gerações, farão a volta olímpica do novo estádio: o passado, o presente e o futuro. Entre os primeiros, situam-se antigos associados, sócios fundadores, atletas, etc...; nos segundos, atuais dirigentes e os componentes de todos os departamentos

⁶² Matéria do Jornal do Dia de 13/08/1954.

do Grêmio e, finalmente, a garotada, filhos de associados, que futuramente serão membros ativos do “clube mais campeão da cidade”. (João Luís Daudt em entrevista para o Jornal do Dia, 13/08/1954.

As palavras do representante gremista reforçam a imagem de grandiosidade da obra, bem como os vínculos que o clube possui, traduzido pelas três temporalidades a se apresentarem no desfile. A própria ordem do desfile não fora por acaso, mas uma manifestação projetada para também transmitir uma mensagem para a sociedade que se encontrava no estádio e para aqueles que acompanhariam os noticiários nos dias seguintes. Há uma intenção de continuidade, vista a partir das faixas que são carregadas, não por acaso a do primeiro plano se relacionando ao fundadores (Grêmio de Ontem), muitos dos quais já se encontravam em idade avançada, a do meio ao grandioso presente que trouxera a vida este projeto (Grêmio de Hoje) e, por fim, no fechamento do desfile, mas quase sem visibilidade, os próximos vínculos a serem seguidos. O dirigente afirma que o futuro prosseguirá o que o presente está produzindo, tendo em suas palavras a certeza de que eles continuariam ativamente dentro do clube.

E foi um acontecimento impressionante e que perdurará por certo, na retina do público, o majestoso e bem organizado desfile que deu início às solenidades.

Via-se, inicialmente, um menino simbolizando o Mosqueteiro, que acompanhava, uma encantadora garota, a qual durante o longo desfile, executava repetidas acrobacias, sob aplausos entusiásticos.

Sob o dístico – O Grêmio de ontem – viam-se as bandeiras nacional, riograndense e do Grêmio conduzidas, respectivamente pelos atletas Ilse Gerdau, Pedro Mayerski e o veterano campeão dr. Augusto Maria Sisson. Seguiam-se os dirigentes gremista, destacando-se os grandes beneméritos da construção do Estádio: Saturnino Vanzelotti, Alfredo Obino e Silvio Toigo Filho, que constituem, hoje em dia, sem favor algum, o “trio de ouro” da família tricolor. (Jornal Correio do Povo – 21/09/1954).⁶³

Relembrando as palavras de Hobsbawm e Ranger (1984), em “A Invenção das Tradições”, para o período inicial do futebol na Inglaterra os símbolos, as flamulas, as bandeiras são artífices para a construção de uma identidade e transmitem, no caso do desfile do Grêmio, a ideia de permanência dentro de um quadro estabelecido. Bruno Rei (2017), se utilizando da ideia de Cordeiro (2015), menciona a articulação entre

⁶³ Contribuição do portal Gremio1983, em matéria do dia 19/09/2012.

passado, presente e futuro numa ótica das manifestações esportivas, durante o período do Regime Civil/Militar no Brasil, em especial o ano de 1972. Apesar de que o desfile de inauguração do estádio do Grêmio tenha acontecido quase vinte anos antes do estudado por Rei, é possível afirmarmos que encontramos aqui uma correlação, pois tanto por parte do poder público como da classe dirigente do clube, essa ideia de continuidade reafirma-se como um fio condutor na própria narrativa que se queira transmitir no desfile tricolor.

Precisamos entender os sentidos que se encontram subentendidos dentro dos próprios festejos da “Semana Tricolor”, projetada por João Luís Daudt e companhia. O Grêmio entrava na década de 1950 como o clube gaúcho a possuir um estádio desta envergadura. A obra por si só motivava o esforço do imaginário local sobre a grandeza do clube. A modernização implantada por Saturnino Vanzelotti impulsionou a instituição nos gramados de futebol mas, também, nos outros esportes. O Grêmio daquela década não era somente uma instituição futebolística, pois tinha seu departamento de remo, talvez herança do jovem Saturnino, basquete, vôlei, ginástica olímpica e atletismo; nesse caso, notemos a importância dada a porta-bandeira brasileira Ilse Gerdau (localizada ao centro na pista, segurando a bandeira, na Figura 9).

Ilse Stuvén Gerdau se destacou, entre as décadas de 1940 e 1950, como uma atleta renomada no arremesso de peso, alcançando recordes nacionais e latino-americanos na categoria. Tendo sua excepcionalidade no dardo, no arremesso de disco e na pista atlética do 4 x 100, foi a primeira gaúcha a quebrar o recorde nacional no arremesso de disco em 1950. Tais credenciais, por si só, a levaram para um posto de destaque no desfile tricolor. Entretanto, a maioria do sucesso esportivo se deu dentro da SOGIPA, outra instituição esportiva da cidade e mais dedicada aos esportes olímpicos. O plano gremista, aparentemente, era de incrementar seu pelotão com atletas laureados em outras atividades, o que nos coloca na conjuntura das relações.

Cabe frisar que os motivos pessoais que levaram Ilse para o Grêmio não podem ser mensurados. Entretanto, não é algo que os estudos históricos de personalidades não almejam, compreendendo que somos permeados por um conjunto imenso de fatores e que estes fatores, conscientes ou inconscientes, nos colocam em constante movimento na vida dos sujeitos. Assim, o apelo que a instituição Grêmio para o seu novo departamento de esportes olímpicos, para trazer uma esportista como Ilse, possa se dar

pela extrema proximidade que sua família tinha com o clube tricolor.

A família Gerdau construiu uma consolidada história entre as empresas rio-grandenses que tiveram sucesso no mundo. Estando imersa em uma lógica colonial, a empresa cresceu no ramo dos materiais com ferro, vergalhões e pregos para a construção civil, tendo ligações muito próximas dentro do Grêmio Football Porto Alegrense. Sendo Ilse uma das netas do fundador da empresa, sua posição de destaque se dava por ser uma esportista laureada e por também pertencer e representar uma das famílias mais importantes no cenário porto-alegrense. Dessa maneira, no estudo das representações, aquela a quem cabia portar e desfraldar a bandeira brasileira e que ficava ao centro do desfile, ou seja, na posição nobre da apresentação, era Ilse Gerdau.



Figura 10. Dirigentes do Grêmio contemplam a construção do estádio em 1953, notem a presença silenciosa do Grupo Gerdau. (Acervo do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, Memorial Hermínio Bittencourt).

No que se consiste uma casa? Ora de sentidos e de significados, ora também de materiais. Assim, a relevância silenciosa do Grupo Gerdau na obra do Olímpico se deu em suas estruturas de base, nas fundações, que sustentava as colunas do Estádio Olímpico. Quase como uma metáfora de um projeto de um Atlas⁶⁴ grego, que sustentava em seus braços o mundo, os vergalhões de ferro mantinham erguidos o concreto e o sonho dos tricolores e do “Monumental Olímpico”.

⁶⁴ Personagem da mitologia grega que possui como função segurar o firmamento.

Na Figura 10, acima, encontramos outra personagem relevante para todo este contexto do Estádio Olímpico, Silvio Toigo Filho. Engenheiro da obra e dirigente gremista, sua participação na “Semana Tricolor” foi crucial para as partidas que ocorreriam no recém-inaugurado tapete verde do estádio.

Com destino a capital uruguaia, seguirá nos próximos dias, o sr. Silvio Toigo Filho, alto prócer tricolor, devidamente credenciado pelo seu clube, o Grêmio Pôrto Alegrense, a fim de concretizar as negociações iniciadas telefonicamente, ontem à noite, para a presença das equipes representativas do Penharol e do Nacional no Torneio Quadrangular, que terá início no dia 19 do mês em curso. (Jornal do Dia, 03/09/1954)⁶⁵.

Recordemos a matéria do Jornal do Dia, de 03 de setembro, que fala de uma ida do dirigente gremista para a confirmação dos convites. Se pensarmos que estávamos a poucos dias da inauguração e a não confirmação dos clubes convidados poderia estragar um ambiente de festa programado pelo clube, alcançamos outro ponto na história deste evento. A trajetória para a vinda do Nacional, de Montevideu e do Liverpool – não o Peñarol⁶⁶ - pode ser entendida também como uma epopeia.

Nas páginas do Jornal do Dia, o periódico de Armando Câmara alinhado com as notícias que envolviam o mundo da Igreja Católica, há uma notícia no dia 06 de agosto que nos surpreende, por ser uma história pouco contada pelo clube tricolor. Refere-se a matéria, que um Irmão da Ordem dos Lassalistas, chamado Edmundo, foi encarregado de fazer o contato com a seleção alemã⁶⁷ de futebol. Em 1954, nos gramados enlameados da Suíça, o selecionado germânico levantava seu primeiro troféu na Copa do Mundo, superando as dificuldades dos gramados, da superioridade da Hungria, sua adversária, de Puskas e companhia e de um país dividido e em reconstrução após a guerra. A conquista no mundial alavancou o país, num sentimento de consolidação dessa nova Alemanha com num todo.

Qual seria essa rede que levaria um membro de uma ordem religiosa na cidade de Porto Alegre até a seleção alemã? O periódico esclarece a trama com uma

⁶⁵ Matéria Penharol e Nacional no Quadrangular Inaugural do Estadio Olimpico, Jornal do Dia, 03/09/1954.

⁶⁶ Utilizo a nomenclatura oficial do clube Peñarol, Penharol com h serão utilizados apenas nos jornais da época que aportuguesavam os nomes de alguns clubes do mundo.

⁶⁷ Alemanha Ocidental, em 1954 devido aos resultados da II Guerra Mundial a Alemanha derrotada fora dividida em duas a Ocidental sob a influência do bloco Grã-Bretanha, Estados Unidos e França e a parte Oriental sob a influência da União Soviética.

proximidade quase arrasadora: Irmão Edmundo era tio da esposa de Fritz Walter⁶⁸, simplesmente o capitão germânico no selecionado campeão mundial. Mesmo que esse jogo não tenha ocorrido de fato, ele nos permite conjecturar o porquê de não parecer impossível um convite desses naquele momento para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Em primeiro lugar, o convite suscita a proximidade familiar de nossa personagem religiosa, o que rememora o quão imbricadas eram as famílias e a questão da imigração alemã e italiana, tanto no século XIX, como no pós Segunda Guerra Mundial.

Esses fortes vínculos entre os descendentes teutos com a terra natal construíram pontes em inúmeras situações. A própria instituição clubística do Grêmio por vezes se aproximava de uma identidade a este grupo, procurando realçar características especiais. Como Ricardo Soares (2014) nos conta em seu trabalho sobre as origens dos clubes de futebol no início do século XX em Porto Alegre, tanto para o Grêmio quanto para o seu primeiro rival, o Fussbal havia tido raízes em grupos sociais de zonas de imigração teuta na capital rio-grandense.

Se na gestão de Satrunino Vanzelotti – um descendente de imigrantes italianos – o clube tricolor conhecia uma “abertura” de sua imagem identitária, ao menos, dentro de seus aficionados a história poderia ser outra. Reafirmar um germanismo, principalmente depois da vitória no mundial, seria importante depois dos anos da guerra e de uma política nacionalista perpetrada pelo Estado Novo. Assim, podemos traçar três linhas para entendermos esse convite: a primeira diz respeito a conjuntura mundial, de uma Alemanha no pós guerra e de sua ressonância nas comunidades de descendentes de imigrantes; a segunda significa as próprias ressignificações que essas comunidades viviam em seus “novos países” e a terceira, os interesses que uma imagem alinhada a um determinado país poderia simbolizar a uma instituição futebolística.

O efeito político do futebol pode ser constatado pela vitória da seleção alemã no Campeonato Mundial de 1954, na Suíça. A euforia nas comemorações do chamado “Milagre de Berna” (Wunder von Bern) pode relativizar, momentaneamente, a posição da Alemanha à margem da comunidade das nações, aliás, justamente no primeiro evento no âmbito internacional em que o país participava após 1945. Pois eventos esportivos,

⁶⁸ Fritz Walter (1920-2002), futebolista alemão capitão do primeiro mundial pela seleção, também atuou pelo Kaiserslautern de 1939-1959.

e em especial o futebol, oferecem uma tela apropriada de projeção para mudanças políticas e sociais no modo de lidar com a ideia de “Nação”. (SCHUBLE & WEHNER, apud CORNELSEN, 2012, p. 77).

Estudando o futebol alemão nos Mundiais de 1990 e 2006, Cornelsen (2012) busca nas raízes dessa ressignificação do ser alemão no chamado “Milagre de Berna”. Aproveitando essa ideia de projeção do esporte, o que Alabarces (2008) e Sarlo (1997) se referiam como uma máquina cultural, a final da Copa do Mundo de 1954 serviu como uma potência geradora de uma revitalização para a sociedade alemã num contexto do pós-guerra. É importante ressaltar que a competição de 1954 fora a primeira a contar com a participação do selecionado germânico, depois do conflito global terminado.

Dessa forma, não somente a participação, numa espécie de retorno às nações aceitas no âmbito mundial, posteriormente a derrota na Guerra. Além de toda uma avalanche de informações sobre os horrores que marcaram profundamente um sentimento conflitante para a sociedade que buscava uma nova recomposição no cenário imaginário e no cenário político mundial. A vitória em campos suíços trouxe créditos inesperados e encheu de novos símbolos uma população em reconstrução.

Dias após a vitória na final por 3 a 2, num virada heroica contra a todo-poderosa seleção húngara comandada por Ferenc Puskas, a seleção alemã, sob a batuta do capitão Fritz Walter, foi recepcionada em Munique por mais de 400.000 pessoas. Uma fotografia que ilustra o artigo de Franz-Josef Bruggemeier, intitulado O milagre do futebol de 1954, e que traz na legenda Euforia Nacional? – recepção efusiva da seleção alemã em Munique, no dia 6 de julho de 1954, revela que homens, mulheres e crianças, formando uma multidão, comemoravam o retorno da equipe campeã com fogos e segurando pequenas bandeirinhas que mal podem ser reconhecidas na imagem. Isso resulta da própria dificuldade em se lidar com os símbolos nacionais no pós- guerra, uma vez que estes haviam sido deturpados e utilizados á exaustão durante o período nazista. (CORNELSEN, 2012, p. 84).

Neste trecho ao qual se refere Cornelsen, podemos verificar como o ambiente conflituoso do pós-guerra produziu uma sensação de “depressão” social aos símbolos pátrios germânicos. A vitória no mundial de seleções produziu um movimento catártico onde toda a pressão externa, a depressão, a vergonha, a humilhação se transformaram em superação dentro e fora dos gramados. Fritz Walter, o capitão, o

líder dessa reconstrução alemã nos gramados, era também para o Irmão Edmundo a ponte que cruzaria o Atlântico e uniria os sentimentos de uma Alemanha novamente restaurada.

Para as comunidades de imigrantes no sul do Brasil a vivência no meio da Grande Guerra ocorreu de forma latente; as restrições dos espaços para circulação, a proibição de se expressar na língua do país materno, uma “nacionalização” forçada por estruturas governamentais marcaram profundamente estes sujeitos. Claro que a memória social, produzida pelo holocausto, construiu um enredo aos que sofreram as perdas na guerra. Mas, do conflito surgiram narrativas, daqueles que a venceram, daqueles que foram derrotados e daqueles que foram interferidos por ela. Assim, apontamos para o continente latino-americano, que um século antes – século XIX – recebera inúmeras levas populacionais das regiões da Europa Central, em especial os que formariam o futuro estado alemão.

Seus vínculos, produzidos por diversas formas, se traduziram no surgimento de associações esportivas, culturais e religiosas nos países em que estabeleceram. E, de certa medida, a narrativa que essas comunidades construíram – a do colono vitorioso e desbravador, protagonista do desenvolvimento econômico e social do país em que chegara – sofre um imenso revés. De modernizador da nação, estas comunidades seriam vistas pelos países em que se estabelecem como o “outro”, aquele de difícil assimilação, em imagens que se expressam de diversas formas durante a guerra. Basta lembrarmos que, neste mesmo trabalho, utilizado anteriormente, no livro lançado na década de 1940 sobre o remo no Rio Grande do Sul, os autores se referiam sobre a facilidade do imigrante italiano na inserção da comunidade nacional, em oposição a uma dificuldade dos teuto brasileiros. Se essa dificuldade era oriunda das próprias comunidades de imigrantes ou de algum fator externo é algo que precisa ser mais bem investigado.

Por si só, a figura de Irmão Edmundo renderia no mínimo um bom estudo. Permeado pela questão religiosa, e, isso lhe é importante, seu destaque no periódico *Jornal do Dia*, de Armanda Câmara, se dá justamente por ser de uma ordem católica. Ou seja, estamos falando de um descendente de imigrantes que atuou sobre esferas sociais da Igreja Católica e oriundo deste círculo familiar, à diferença de outros grupos, como o dos protestantes. Suas ligações familiares podem ser complexas, mas não é objetivo deste trabalho se aprofundar na vida de sua sobrinha mas, podemos

conjecturar qual sua a ligação com o tio. O que se sabe de Italia Walter⁶⁹, ou anteriormente, Italia Bertoluzzi era sua origem italiana e que atuara como intérprete durante o período da guerra, momento em que conhecera Fritz Walter.

Assim, tendo laços familiares na Europa, nosso Irmão Edmundo procuraria convencer da importância de jogar em solo americano a seleção campeã mundial. O período da construção do Estádio Olímpico ocorre uma década antes das populares disputas intercontinentais de clubes, representando uma dificuldade de deslocamento para ambos os lados do Oceano Atlântico. Se para Edmundo, trazer Fritz Walter significaria rever a sobrinha, o que significaria para o clube?

Neste sentido, muita especulação se constrói a partir da imagem de um possível germanismo da instituição do Grêmio. Entretanto, para além de um forte grupo vinculado à identidade teuta, ter a Alemanha Ocidental em solo brasileiro significaria uma força clubística no cenário nacional do futebol. Nos anos 1950, a Taça Brasil é instaurada e confrontos entre as potências estaduais se tornavam cada vez mais corriqueiros. Assim, testar seu futebol com um campeão mundial causaria impactos positivos, desportivamente e politicamente.

Contudo, buscamos refletir algumas possibilidades de uma partida que, ao fim, não ocorrera, ficara somente no plano do convite de Irmão Edmundo. Em informação dada pelo próprio Jornal do Dia, a Seleção Alemã não pudera vir devido ao início do campeonato alemão de clubes, que ocorreria em setembro, concomitantemente com a data de inauguração do Estádio.

Se por um lado, a Alemanha não pode vir a Porto Alegre, outros clubes foram especulados, do Real Madrid da Espanha, cujo estádio também havia sido inaugurado recentemente, aos brasileiros Palmeiras e Atlético MG, mas tiveram negativas aos ensejos tricolores. Restou o Uruguai como última cartada do clube da Azenha, que enviara para Montevideu uma das figuras chaves em toda a obra do Estádio, Silvio Toigo Filho. Imbuído de confirmar a presença dos gigantes Nacional e Peñarol, o dirigente gremista confirma o primeiro. Porém, com a negativa dos Carboneros⁷⁰, o clube aceitou a proposta do Liverpool, sétimo colocado naquele ano do campeonato uruguaio, que levaria em seu plantel alguns atletas da celeste olímpica campeã mundial

⁶⁹ Informações retiradas do documentário em alemão sobre Fritz Walter produzido pela SWR Sport. "Italia: Fritz Walters Schutzschild.

⁷⁰ Carboneros (carvoeiros), apelido dado ao clube Peñarol.

em 1950 em terras brasileiras.

Grêmio, Internacional, Nacional e Liverpool, gaúchos contra charruas, a narrativa da imprensa fora ao delírio com as partidas nos festejos tricolores. Mas, uma obra não se faz do dia para a noite, dos projetos, das disputas pelo terreno, da construção efetivada por inúmeros funcionários. O sonho de concreto dos dirigentes gremistas duraria mais de 60 anos na memória visual da cidade de Porto Alegre, transformando a região da Azenha, criando outros espaços de sociabilidade e permitindo uma outra releitura da cidade, para muito além do futebol. Realmente fora um sonho monumental, que nos anos dourados da cidade soube ressignificar a prática futebolística, unindo interesses diversos e perpetuando no imaginário citadino os espaços das festas dos tricolores no sul do Brasil.

3.3 Sociabilidades de fim de tarde: o estádio mostra a cidade

Se dentro do estádio a torcida comemorava o início de um relacionamento que duraria mais de cinquenta anos, também a cidade passava a se relacionar com o seu novo palco do futebol. Assim, os contornos planejados por Silvio Toigo Filho adquirem vida própria na reinterpretação das assistências nos jogos do Grêmio. Neste subcapítulo procuro observar através das fotografias da inauguração como se comportou, como se mostrou essa torcida para o seu tempo e o seu clube.

Porém, antes de nos jogarmos de cara nas imagens, preciso destacar o ponto das torcidas. Comumente na cultura futebolística brasileira, a conversa de botequim retratada na crônica esportiva por Nelson Rodrigues, ou por Roberto DaMatta na sociologia e vivida no cotidiano por Lupcínio Rodrigues se caracterizou como um espaço do próprio futebol. Uma extensão na alma do esporte, o pré e o pós jogo criavam um tempo próprio, saíam os jogadores, entravam os comentaristas de bar.

Johan Huizinga também já tinha exposto esse caráter extra temporal para o futebol em questão. Ali noventa minutos se alargavam e adquiriam tempo inestimável nas rodas de conversa. Assim, outro caráter associado ao esporte podemos dizer é a sociabilidade, ou caráter de evento social que cada partida de futebol e os seus entornos ganham. E por aqui entendo sociabilidade pelo olhar de Maurice Agulhon.

Sendo a sociabilidade a qualidade do ser sociável, o homem pode ser sociável no nível da espécie – primeira definição, ou em termos do próprio

indivíduo – segunda definição. Mas, pela terceira definição, sociabilidade é a maneira de o homem viver em sociedade, que é suscetível à variação. Nesta definição, como diz Agulhon, “a sociabilidade se aplica a conjuntos mais vastos que a pessoa individual, e menos vastos que a espécie inteira”. A sociabilidade se aplica a coletividades definidas no tempo, no espaço e na escala social. Tornando-se coletiva, variando no espaço e no tempo, a sociabilidade torna-se um objetivo da história. (AGULHON, Apud MULLER, 2010, p. 32).

Muller (2010) ao observar os espaços de sociabilidade em Pelotas entre o século XIX e XX nos trouxe informações importantes de como podemos ler este conceito. Por conseguinte, os autores Muller interpretando Agulhon enxergavam na sociabilidade três estágios, sendo uma sociabilidade mais formal, uma intermediária e uma informal. Quando, abordamos o futebol em seu contexto de jogo a multidão que percorre as ruas do estádio perante uma partida futebolística poderia se caracterizar por uma sociabilidade informal.

Por mais que o jogo já tenha sido previamente marcado, e, que ao longo das competições hábitos de estádio tenham se adquirido, como percorrer tais ruas em detrimentos de outras, entrar em determinados portões, ocupar tais bares não eram ações de todo que não oportunizassem o cruzamento de estranhos cidadãos. Como veremos, os espaços de um clube possibilitam um distanciamento socioeconômico relativo. O próprio estádio com arquibancadas de concreto, cadeiras, cabines de sócios já o define como espaços segregados.

Esta segregação em miniatura ocorre no cotidiano das cidades e que Norbert Elias acompanhou em sua Sociedade de Corte. Os espaços nos ajudam a entender como essa sociedade se vê e como quer ser vista, e qual lugar melhor que o estádio de futebol. O estádio lido pela ótica elisiana pode ser um instrumento de controle social. Como um palco multicultural é também um ambiente que agudiza as relações e as exprime, se, economicamente distancia sujeitos, exprime outros, unindo bairros distantes em fileiras próximas. E atrás de cada gol como no Olímpico Monumental cidadãos, moradores de diversas localidades se encontravam para comemorar as vitórias ou chorar as derrotas do clube.

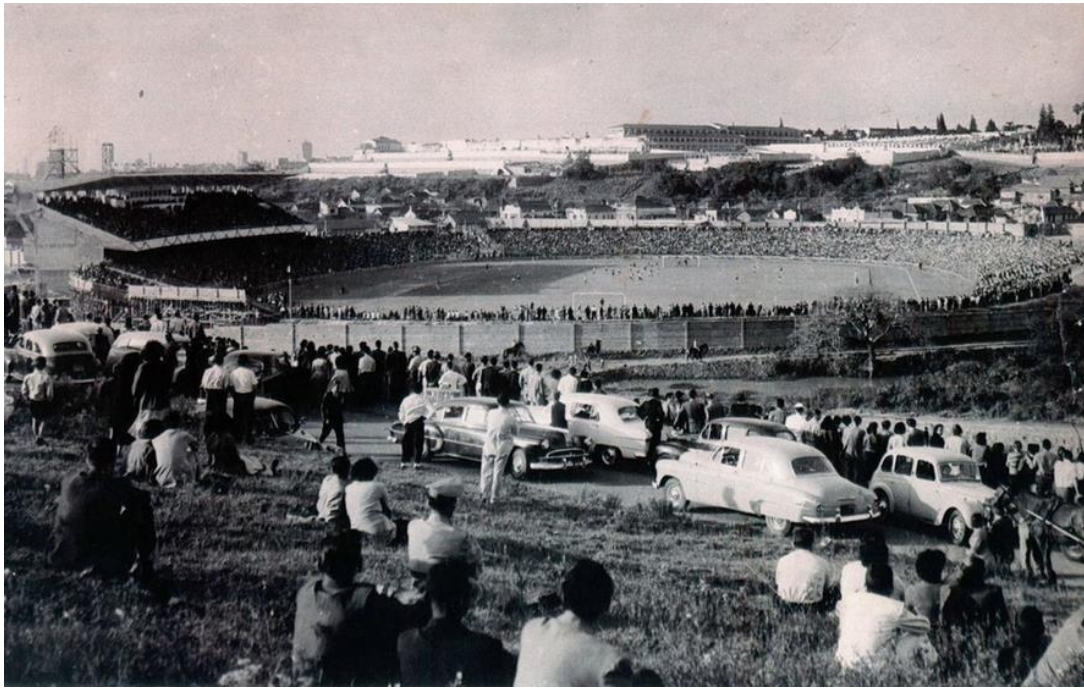


Figura 11. Torcedores assistem a inauguração do Olímpico do lado de fora. (Memorial Hermínio Bittencourt).



Figura 12. Vista interna da inauguração do Estádio Olímpico. (Acervo Memorial Herminio Bittencourt).



Figura 13. Torcedores, trabalhadores e transeuntes acompanham a inauguração do Estádio Olímpico na rua. (Disponível na página @RecuerdosdeGremio).

Assim que, no dia 19 de setembro de 1954, os olhos da cidade e as pernas dos transeuntes só tinham um caminho: os arrabaldes da Azenha. Dessa maneira o epíteto monumental tornou-se uma onda de espectadores que almejavam ver a maior obra do sul do país. Para além das autoridades, aficionados de todas as partes se deslocaram pelas vias urbanas recém instituídas para o estádio.

Nas fotografias acima, conseguimos acompanhar como o público se acomodou para assistir as partidas de estréia. Inicialmente precisamos ter em mente que o mesmo problema das outras fotografias se verifica aqui. Quem são seus autores? Sua circulação é ampla, sendo reproduzidas diversas vezes em inúmeros veículos de comunicação. Entretanto, por tantos olhares que possam ver essas fotografias são poucos aqueles que realmente se preocupam em entendê-las.

O que as fotografias nos dizem? As fotografias das Figuras 11 e 13 apontam para os espaços externos e imediações do estádio. Nos contam daqueles que não conseguiram, por diferentes motivos, estarem nas arquibancadas da nova casa do Grêmio. A fotografia da Figura 12 justamente aponta para o interno. Na Figura 11, o público se encontra acomodado em um elevado próximo ao estádio, numa visão ampla

do campo de jogo.

O estádio estava lotado, entretanto, não sabemos dizer que por vontade própria ou por oportunidades o público se acomodou nos arredores da inauguração. Atrás de um dos gols, entre inúmeros carros, em pé ou sentados o público acompanhava a partida, inicialmente entendemos que o clima atmosférico era propício, como os jornais apontavam era um dia de sol. A obra não se encontrava completamente pronta, tapumes de madeira obstruíam a vista daqueles que não tinham dinheiro de estarem dentro das instalações do clube e demarcavam o espaço entre a rua e a instituição futebolística.

Só conseguimos ver um meio anel superior, o fechamento de todo o anel superior seria visto na década de 1980, praticamente trinta anos depois da primeira inauguração. Ao fundo no canto esquerdo de quem observa a cidade cresce e conseguimos perceber a dimensão da obra olhando o tamanho das casas próximas ao estádio. Essa é uma transformação espacial, nesta vastidão da paisagem o local ganha um ponto de referência, se antes havia uma ocupação, agora ganhava um palco futebolístico.

Mas uma imagem somente ganha vida pelas vidas presenciadas nelas, esse recorte do real, construído historicamente nos revela um mundo.

Dos recônditos da intimidade às praças públicas, a fotografia enquadrou memórias, registrou acontecimentos, capturou imagens de significativa beleza, flagrou personalidades, encampou lutas sociais, dimensionando a história contemporânea em seus múltiplos sentidos. (MAUAD, 2008, p. 145).

Nesta dimensão da história contemporânea a fotografia como diz Ana Maria Mauad alcançou o cotidiano, o dia-a-dia e nas suas mais diversas ações. Pierre Bordieu (2003) nos relata que a fotografia inicialmente na França acompanha cerimônias de casamento, eventos sociais íntimos de um pequeno grupo, assim, a fotografia e a sociabilidade caminhavam desde seus primórdios.

Aguardando o gol do Grêmio todos eram torcedores do clube da capital gaúcha. Porém, quem eram os de dentro e os de fora? Suas memórias estão relacionadas com o seu clube do coração, mas, suas memórias óticas partem de espaços diferentes, condicionados por outras construções diferentes.

Entre as imagens mostradas nas Figuras 11, 12 e 13 uma narrativa se conta; haviam aqueles que conseguiram assistir ao jogo contra o Nacional do Uruguai sentados, sejam nas cabines ou no cimento armado das arquibancadas. Na inauguração os sócios detiveram o privilégio de participar desta festa, eram aqueles do Grêmio de “ontem e hoje” que se orgulhavam dos esforços de Saturnino Vanzelotti. Contudo, o apoio e o amor futebolístico, expressado nos países latinos como *hinchas* vai muito além da participação formal dessa instituição.

Las actitudes del hinchas de fútbol implicaban un espíritu de sacrificio lejano al placer pasivo de otros tipos de público. Sus exigencias respecto de la performance de los actores diferían de las de otros públicos: al hinchas de fútbol se le permitían cosas que habrían sido inadmisibles en otros casos. La actitud del hinchas era activa, con movimientos corporales y manifestaciones orales muchas veces consideradas tabú o fuera de lugar en la vida ordinaria. (FRYDENBERG, 2011, p. 231).

Ser torcedor é o corpo em movimento e a ocupação deste corpo num espaço. Nisso todas as fotografias acima demonstram, de diferentes maneiras os corpos ocupando seus espaços pelo perímetro citadino. Nesta sociabilidade dos espaços, códigos corporais são aceitos entre outros não. Um estádio de futebol e os seus entornos pulsam em dias de partidas. Quando da lotação máxima, isso não impede o movimento humano em direção às imediações, tomando ruas, tornando ambiente próprio, a topofilia efêmera do futebol se expande para não somente o campo de jogo, mas, na região onde será a partida.

Neste sentido, que o termo “casa” adquiriu aceitação na linguagem futebolística. Território e familiaridade produzem memórias, encontros são feitos, ou, ao menos são proporcionados. Quem estavam nessa casa? Na fotografia 12 em grande parcela do que se consegue enxergar, com uma lupa social, são do gênero masculino. Observem as cores, ou a falta de colorido, roupas mais sóbrias acompanham a inauguração. Devido ao fato de ser esta uma partida de formalidade e ou o próprio grupo que se encontrava dentro dos sócios e familiares pertencentes do clube.

Achamos nossas roupas, as nossas roupas nos acham: elas impedem que nos percamos. Confortáveis com o que vestimos, gostamos do tato, da aspereza, maciez, delicadeza, textura, a sensação da roupa que se ajusta ao corpo: esses prazeres servindo o prazer maior de finalmente ser, ou esperar ser, o mais glamuroso ou poderoso possível. Ao vestir, abraçamos uma herança, que pode incluir uma nova personalidade, que acreditamos ser a nossa

“verdadeira” personalidade, revelada ou realizada pelo uso das roupas certas. (HARVEY, 2003, p. 18).

Barthes e Harvey, estudando a importância das cores e do vestir, nos ajudam a observar este público futebolístico. Primeiramente, não irei me aprofundar neste quesito, entretanto, como um recurso de análise para a percepção das fotografias. Assim, dentro do estádio a sobriedade impera no olhar, bem como outro aspecto se sobressalta aos olhos, são em grande maioria brancos. Apesar do reforço étnico ser complicado, a maioria dos sócios do clube durante a década de 1950, e em sua totalidade no conselho deliberativo eram compostos por famílias brancas e socialmente abastadas na cidade.

Médicos, engenheiros, professores universitários, empresários de inúmeros ramos é vasto a lista de ocupações aliada aos costumes de vestimenta daquele momento as roupas sóbrias correspondem a uma formalidade cotidiana deste grupo. Se sobra blazers na Figura 12, são raros na Figura 11; apenas esse pequeno item de vestuário pode ao menos nos apontar uma diferença sócioeconômica. Aqueles que estão na rua são torcedores gremistas, mas, não sócios. Não compartilham a vida nas instalações do clube, não pagam seu carnê da associação e por isso já se correspondem uma diferenciação importante. Talvez, possam ser operários, suas roupas podem também significar o calor que naquele local possa estar acontecendo. Entre os veículos, no canto inferior direito um cavalo com instrumentos de carroça já nos permite observar um meio social diversificado.

Dentre os sentados na campina, verificamos uma pessoa uniformizada, se é um militar e ou um policial aqui é um ponto de dúvida. Ao seu lado vemos casais, crianças e a presença de pessoas negras. Um quadro muito mais multicultural que aquele visto dentro do estádio, a rua como um espaço das vivências oportuniza e se aproxima do futebol. A fotografia da Figura 13 corrobora e une as duas, as pessoas se aglomeram na imediação, atrás justamente do anel superior para tentar acompanhar a partida.

Pouco se construiu sobre a participação negra na construção do futebol de Porto Alegre. Contudo, José Antônio dos Santos (2018) em *Liga da Canela Preta*, magistralmente escreve a história da participação e do futebol negro na capital gaúcha. Os anos 1950 são emblemáticos para essa transição, o Sport Club Internacional já despontava em seu plantel de inúmeros atletas negros. Contrapondo a este ritmo, é em Tesourinha e na administração modernizadora de Saturnino Vanzelltti que esse quadro

iria mudar no Grêmio. Porém, se dentro das quatro linhas o cenário do clube tricolor ainda estava em estágio inicial fora dele o ambiente era outro.

Sendo nas vielas, na Ilhota de Lupi, no interior do Estado, a população negra também tomou para si o ato de torcer pelo Grêmio. Como verificado, o clube das três cores de fato era acompanhado por todas as “cores”. Entretanto, façamos uma ressalva, aqui caracterizada pelo espaço da comunidade negra, ao menos nas fotografias expostas. São os de fora, aqueles que seguem a instituição, mas, não participam de seu seletivo grupo de decisões. Isso fica notório ao acompanharmos o quadro deliberativo do clube até os dias atuais, o que um cenário muito próximo de praticamente todos os grandes clubes brasileiros.

Assim, o aspecto econômico se sabressai na construção do imaginário do clube. Porém, numa transformação silenciosa cada vez mais o cenário futebolístico gaúcho será miscigenado. Talvez, o que salta aos olhos na primeira vista nas fotografias é a falta expressiva de mulheres nas assistências das partidas. Problema este que pode contribuir para pensarmos como era a vida das mulheres e seus espaços sociais dentro da cidade de Porto Alegre em seus anos dourados. Dessa maneira, o esporte nos possibilita enxergar a cidade de várias maneiras e em seus variados aspectos.

Nas ruas, incontáveis pessoas de todos os tipos; dentro do estádio 20.238 pessoas acompanharam o emocionante embate entre os esquadrões tricolores o gaúcho e o uruguaio. E, quantos encontros possíveis, quantas relações feitas. As torcidas vibrantes que marcariam a imagem social do futebol na América do Sul também expressam um recorte social do mesmo. Com a pujança de uma máquina cultural (ALABARCES, 2008) o esporte constrói relações, talvez, maiores do que a sua competidora o cinema ou o teatro. Sendo uma plataforma política dentro da própria associação quanto nas instâncias governamentais do estado o Estádio Olímpico produz imagens que extrapolam o próprio mundo futebolístico.

Mas, a paisagem esportiva de Bale (2003) não se faz sozinha, o estádio, o concreto, está ali no horizonte. Contudo, como apontam as imagens das Figuras 11 e 13, esse cenário é mais delicado do que somente a praça esportiva. A topofilia do futebol se alarga para os arredores produzindo um movimento ao longo do tempo em um surgimento de bares, praças, vias expressas que oportunizem e facilitem o escoamento urbano até o ponto dessas praças esportivas.

Assim, uma sociabilidade esportiva ganha contornos mais claros, em trabalho escrito por Charles Monteiro (2015) ao analisar Nilo Ruschel e sua relação com a Porto Alegre no período observa uma cidade de experiências boemias. Os cafés, os musicais os encontros noturnos onde a cidade se encontra em diversões também pode ser expandida para o esporte. Nas tardes e noites porto alegreense, antes e depois das partidas os encontros são vivenciados.

El juego se aparta de la vida corriente por su lugar y por su duración. Su “estar encerrado en sí mismo” y su limitación constituyen la tercera característica. Se juega dentro de determinados límites de tiempo y de espacio. Agota su curso y su sentido dentro de sí mismo. (HUIZINGA, 2015, p. 27).

Huizinga aponta para uma característica, o jogo como partida se extingue em si mesma. Contudo, o imaginário da partida possui a capacidade de se reproduzir amplamente. Está característica da memória futebolística passível de reinterpretações a longo prazo manifesta a alta complexidade que as relações entre futebol, sociedade e memória se comportam nos ambientes humanos. Foi acompanhando o fluxo de torcedores indo a uma partida que Lupcínio Rodrigues immortalizou o hino do Grêmio. Na letra, jovens iam a pé, num deslocamento como uma romaria até o seu templo principal, o palco do futebol.

Em fala posterior do compositor que melhor expressou a boemia sulina nos anos 1950, a imagem gravada na retina do autor expressava a indignação de um grupo de torcedores que deparados com uma greve do transporte público resolveu se colocar em movimento mesmo com o empecilho urbano. Como as histórias do futebol se misturam com as realidades citadinas as quais pertencem.

A cidade da boemia, a cidade dos músicos, a cidade dos jogadores, a cidade dos dirigentes, a cidade dos operários, a cidade dos políticos, a cidade dos comerciantes, a cidade da juventude várias cidades dentro de uma só. Aspectos que apresentam um espaço urbano sendo entendido de forma múltipla e produzindo interpretações na mesma escala. Dessa maneira também os espaços para ser vivida a sociabilidade. Afinal, no caminho ao estádio de futebol, seja a pé como no hino gremista, seja pelas vias rodoviárias, no encontro dos bares próximos, na confraternização da bebida e da comida, na entrada pelos portões definidos a convivência social produz relações

inumeráveis. Nas cadeiras sociais ou na arquibancada de concreto, muito do lugar dentro do estádio lhe apresenta no mundo social.

Cadeiras elevadas podem significar posições elevadas dentro do clube ou na sociedade, o concreto da arquibancada ao contrário a nivelava entre os vários grupos sociais em questão. No pós-jogo, o futebol transcende o tempo dos noventa minutos, perdura nas rodas de conversa durante a semana, no retorno ao trabalho laboral, nas lojas do comércio, na redação dos jornais. Assim, de fato uma partida nunca termina, ela se eterniza no ato contínuo de revivê-la em cada discussão. Como diria Huizinga, isso é o rito sagrado do futebol.

4. A CIDADE DO FUTEBOL

O resultado de uma partida é decidido dentro de campo, porém, as consequências do futebol irradiam para bem além das quatro linhas. O esporte mais popular do planeta alcança todos os espaços, e, neste sentido, todos mesmo. Ruas viram campos improvisados, terrenos baldios também, o futebol é a religião mais livre do mundo e seus locais de culto podem ser exercidos em qualquer lugar onde se tenha uma bola rolando.

Essa capacidade de imersão no jogo produziu folclores próprios do esporte como a dos potreros na Argentina ou a várzea no Brasil. Importante entendermos que o futebol ocupa espaços geográficos na cidade de todas as formas por isso que sua correlação com o sagrado possa ser tão bem compreendida como a observou Huizinga (2015).

A cidade por sua vez procurará delimitar estes espaços⁷¹, as associações, os clubes, a institucionalização do esporte trará uma divisão entre a formalidade e a informalidade⁷² dos espaços dessa prática. Nas ruas o movimento e a informalidade, o jogo das crianças, dos operários em seus momentos de lazer. Com os clubes ficam a cargo as competições, o aparato tecnológico em dois mundos que funcionam mutuamente e por muitas vezes se retroalimentando.

É dessa maneira que Bale (2003), ao observar as cidades do mundo anglo saxão, nos trouxe a visão da paisagem esportiva. Esse cenário onde não somente se pratica o esporte, mas, se vive em sua essência ocupa muitos espaços que ultrapassam os limites preestabelecidos. Estamos falando aqui de um conjunto complexo de interconexões, o

⁷¹ Gilmar Mascarenhas (2002) ao analisar a problemática dos espaços de futebol no início do século XX na cidade de São Paulo observou como os arrabaldes da cidade criavam um imaginário pejorativo a prática pelos sportsman dos principais clubes. Ver: MASCARENHAS, Gilmar. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. GEOgraphia. Niterói, v.4, n.8, p. 84-92, 2002.

⁷² José Antônio dos Santos (2018) destaca, para a cidade de Porto Alegre nos anos 1930, a relação das diversas ligas de futebol que aconteciam concomitante na municipalidade, a famosa Liga da Canela Preta, na realidade as diversas ligas que não participavam do meio principal do futebol na capital gaúcha por questões sociais, raciais e econômicas. Ver: SANTOS, José Antônio. *Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol*. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2018.

futebol como esporte, como mercado⁷³, como experiência lúdica, e, também, como memória, arte, cultura.

Bale percorreu a Grã-Bretanha, da cinzenta Londres, esfumaçada como Romero (2009) observou, a Glasgow na Escócia ou as musicais Liverpool e Manchester⁷⁴, a velha guarda do futebol e de sua prática. Mas, não foi somente na terra da rainha que o esporte se desenrolou dessa maneira. As experiências latino-americanas são tão ricas como as do velho mundo, produzindo aqui espaços próprios.

Romero já afirmara que diferente das cidades europeias as latino-americanas eram atribuídas à ideia de espaços livres. Talvez, o autor sonegara que essa ideia de vazio a diversos esquecimentos históricos, dado a riqueza da imensidão de povos ameríndios e de uma natureza exuberante próprias do continente. Frutos de uma geografia específica as cidades latinas, seja no Brasil ou nos países de língua espanhola, tinham em suas periferias locais vistos como insalubres e neles residiam os charcos, as várzeas, os terrões, os potreros.

Sede espacial del fútbol informal para niños y jóvenes, los potreros tuvieron distintos escenarios: la calle, el patio de la casa, el de la escuela, el baldío, los campitos de terrenos no edificados. La mayoría hablaba de “la calle de mi barrio”, “los baldíos” o los “terrenos baldíos”. (FRYDENBERG, 2011, p. 153).

Ganhando algumas carinhosas e familiares esses locais reproduziam espaços do lúdico e da sociabilidade no cotidiano da cidade. Assim, o autor argentino nos apresenta uma experiência muito comum ao futebol do Rio da Prata e, também, comumente associado ao futebol gaúcho. O potrero era um espaço da região da Campanha, do meio rural, herança do imaginário da conquista do bioma pampa, pelas sociedades europeias.

Mascarenhas por outro lado contribuiu com estudos sobre o surgimento da várzea em São Paulo, sempre associado em seu início com a criminalidade e a vadiagem de rua. Essa outra cidade, o futebol poderia representar o lúdico, mas, também, a imoralidade. Assim, a narrativa do futebol no espaço urbano se confunde com a própria narrativa dos espaços da cidade. Esse traçado lembrando as palavras de Lepetit (2001) comporta a topografia do local, mas também o sentido que quer se dar a ela. O futebol

⁷³ Sobre a ideia do futebol como mercadoria, os trabalhos de Gastaldo (2009) e Giglio e Rubio (2013) exploram facetas da discussão das ideias econômicas introduzidas no âmbito esportivo e suas implicações.

⁷⁴ Cidades das bandas de rock The Beatles e Oasis.

praticado nos clubes e o futebol das comunidades produziam muito possivelmente as mesmas emoções corporais. Porém, não adquiriam os mesmos sentidos para a urbe.

Porém, a vida de todos estes lugares foi capaz de produzir mitos, heróis sociais do século XX. Talvez, um personagem emblemático seja o caso de Maradona, sobre quem Alabarces (2008) se aprofunda na construção do pibe, como uma imagem das contradições da alma argentina. A superação, o drama e a construção da nação portenha dividem espaço com o ilusório do excepcional esportista. Porém, também tivemos os casos, na ginga relatada por DaMatta (1982), Mario Filho (2003) e Gylberto Freire (2003), o futebol nacional gerava seus expoentes nas contradições de suas periferias em divergência com as elites cidadinas, o futebol também criava a malandragem aceita pelo código social. Perseguidos fora dos campos, mas, impredicíveis para as vitórias dentro deles o esporte expõe os conflitos entre o lúdico e o real entre as sociedades.

Nesses conflitos, nos voltamos para os espaços formais do futebol. Com as associações ganhando mais forma e adquirindo grandeza, começa a destacar-se dentro da própria urbe. Esta distinção social do futebol será sentida na grandeza das obras arquitetônicas, que as definem como locais de jogos. Transformando cenários, os estádios de futebol saem do charco para moldar o traçado geográfico.

A escolha de um campo de futebol não é uma mera coincidência. Afinal o esporte tem como uma de suas potências a identificação com a sua territorialidade. Mesmo que em muitos casos esse processo de identificação tenha sido construído ao longo de décadas dentro de uma região em outros ela surgira praticamente na época da fundação do clube. Ricardo Soares (2014) já dissera em seu trabalho que o batismo do clube o definia no espaço social dos praticantes do esporte. Hobsbawm (1984) e Galeano (2004) observaram nas flâmulas, nas cores, processos oriundos de um movimento mais amplo, o das construções dos estados nacionais.

Dessa maneira que o local dessa prática esportiva funcionava como um catalisador identitário para o clube, as alcunhas ou nomes dos estádios também caminhavam para este ritmo. Observemos o caso do estádio de Stamford Bridge⁷⁵ em Londres, local de partidas do clube inglês Chelsea. Inaugurado ainda no século XIX, em 1877 seu nome rememora uma das batalhas importantes para o reino inglês durante a

⁷⁵ Sobre o estádio inglês ver: <https://www.theguardian.com/football/gallery/2015/jul/04/history-of-chelseas-stamford-bridge-in-pictures>

Idade Média. Essa significação entre fatos históricos, ressignificam o ambiente e o clube, bem como, a torcida e se tornam uma simbiose dos valores nacionais.

Entretanto, esta identificação pode surgir como representação de um topônimo, como apontara Mascarenhas (2002) em seus estudos. Marcos geográficos podem significar identificações como no caso da capital do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, o estádio Beira-Rio. Caso emblemático, seu nome oficial homenageia um importante dirigente do clube⁷⁶, mas a identidade arraigada ao local e a imagem do local deu sentidos para que fosse comumente associado ao espaço geográfico, ao ponto de ser reconhecido por este segundo nome nas instâncias da CBF⁷⁷ e da Conmebol⁷⁸. Nisso se assemelha ao Maracanã (Estádio Jornalista Mário Filho). Muitos dos estádios brasileiros serviram seus nomes a personagens políticos, dirigentes ou outras personalidades, entretanto, seus apelidos foram sempre mais divulgados, o nome formal perdera espaço para o informal. Essa característica de homenagem monumentalista dos estádios brasileiros fora percebida, por Valério e Almeida (2016), no boom da construção dos estádios durante a Ditadura Civil Militar no Brasil. Essas honrarias da memória, como num processo de afirmação estatal, aliava a capacidade esportiva ao poder político.

Já vimos que a tradição dos estádios pode ser buscada em primevas eras das culturas greco-romana. É nesse momento que os monumentos se proliferam na Europa. Assim o estádio nasce também como uma exemplificação da ideia de monumento. Estamos falando aqui do processo que se revela ao longo da história das sociedades. Sendo bem melhor visto e cuidado durante o século XIX, quando os ideais de patrimonialização investem nos locais um sentido de museus⁷⁹ a céu aberto. Entretanto, desde então o estádio ficara relegado a uma obra da modernidade, quase separado de seus ancestrais mais famosos como os teatros gregos ou o Coliseu romano.

Porém, aplamente conquistando territorialidades nas urbes mundiais, os estádios se aprofundam como um aspecto cultural do século XX, possibilitando pensar até quando passarão incólumes aos processos de patrimônio e memória nas cidades. Difícil imaginar a destruição de um Maracanã, porém, assim, também o era o Estádio Olímpico se o fosse perguntado para alguém que vivesse nos anos 1990. Remodelação,

⁷⁶ Nome oficial do estádio do Sport Club Internacional: Estádio José Pinheiro Borda.

⁷⁷ Confederação Brasileira de Futebol.

⁷⁸ Confederação Sul-Americana de Futebol.

⁷⁹ Sobre a História do Patrimônio e a instituição dos museus, ver: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. (Org). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

gentrificação, Copa do Mundo, Mídias e Mercado ganharam força nas últimas décadas do século XX e com eles novas discussões do espaço futebolístico e sua importância na municipalidade.

Por isso, recuamos até os anos 1960 e 1970, período das obras faraônicas⁸⁰ no Brasil, a ideia de espaço transformará biomas e o futebol não passará despercebido pelas governamentalidades. A vida no cotidiano das cidades verá o surgimento e o agravamento das distâncias sociais. Com o avanço das periferias, a estrutura de um país contraditório politicamente, economicamente e culturalmente. O futebol será largamente um pano de fundo para a idealização das práticas de políticas vigentes naqueles anos. A Copa de 1970 e a mágica seleção do Tri Mundial⁸¹ seria uma bem-vinda propaganda de um país supostamente estável. Porém, como todo jogo o também seria um campo de disputa, muito mais sutil do que João Saldanha⁸² ou a Democracia Corinthiana⁸³ nos anos 1980, nem todos dentro dos clubes de futebol concordavam com os momentos vivenciados.

A máquina cultural do futebol fora um instrumento, mas, não um fim. Sua mácula é tão solúvel quanto qualquer outra dentro do período; havia espaços de disputa e os silêncios também ecoavam manifestações. Nossa construção esportiva pagava as mazelas dos anos 1930 e de uma profissionalização sem unificação de uma classe de atletas⁸⁴, favorecendo um ambiente de poucas vozes, fáceis do controle. Por isso, prestemos atenção nos sentidos e significados de muitos atos, a cidade refletirá muitas formas de ver e serem vistas.

⁸⁰ BEAL, Sophia. Obras públicas monumentais, ficção e o regime militar no Brasil (1964 – 1985). Revista Escritos: Rio de Janeiro, 2010.

⁸¹ Sobre os usos do futebol e a Seleção Brasileira de 1970 pela Ditadura Civil Militar no Brasil, ver: GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid F.; MENDES, Bárbara G.; NAIFF, Denis G. M. “Salve a seleção”: ditadura militar e intervenções políticas no país do futebol. *Revista Psicologia e Saber Social*, v. 3, n.1, 2014, p. 143-153.

ROCHA, Luiz G. B. S. P. Os empresários, a pátria e a bola: nacionalismo, organização empresarial e o financiamento da seleção brasileira de futebol de 1970. *Estudos Históricos*, v. 32, n. 68, 2019, p. 655-674.

⁸² João Saldanha, jornalista e técnico da seleção brasileira antes do Mundial de 1970 e assumidamente de esquerda e crítico do Regime Militar. Ver: SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha: uma vida em jogo*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 2007.

⁸³ Sobre o movimento de atletas, encabeçados pelo craque da seleção brasileira Sócrates no Sport Club Corinthians que implementaram uma inovadora prática libertária em tempos da ditadura e que representou uma resistência num dos clubes mais populares do Brasil. Ver: FLORENZANO, José P. *A Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: EDUC FAPESP, 2009.

⁸⁴ Sobre as discussões da temática da profissionalização do futebol, ver: KLEIN, Rafael Belló. *O profissionalismo imoral e a pacificação necessária: imprensa, futebol e política na “crise das especializadas” no Rio Grande do Sul (1937-1938)*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2014.

Ressegnificando os espaços, às vezes os transformando, outras forçando modificações o mundo do futebol influi no mundo real. É na realidade citadina que o esporte vive, entre os espaços de sociabilidade, nos locais de memória, nas praças desportivas, entre as crianças, jovens, adultos e idosos como uma herança familiar. Assim, um dos melhores locutores dessas vivências é o estádio de futebol sendo como sempre o templo dessa religião moderna.

4.1. Entre as águas e a cidade

A cidade de Porto Alegre não vivenciou somente as alegrias do Olímpico e o crescimento do Bairro da Azenha. Em outro lugar gestava-se um projeto de igual envergadura e que modificaria para sempre a geografia da cidade. Tendo sua imagem refletida nas águas do Guaíba, o Estádio José Pinheiro Borda – ou, mais conhecido – como Beira-Rio, se consolidou no cenário visual da cidade, participando de seu cartão postal; a cidade do futebol ganhava seu cenário de filme.



Figura 14. Mirada pelo Guaíba, se ergue a construção do Estádio do Internacional. Década de 1960.

(Acervo Museu Sport Club Internacional).

Entendo o futebol como Alabarces (2008) o descreveu, com sua capacidade de reflexo do social, do político e do econômico. Como um espelho que apresenta não somente as características físicas, mas, através de seu caráter místico (HUIZINGA,

2015),o esporte pode ser lido num contexto maior. Assim, ao observar a obra que levou a construção do Estádio Beira-Rio⁸⁵, alcançamos como a cidade leu a sua relação com o Lago Guaíba⁸⁶.

Para acompanharmos essa relação entre a cidade e suas águas, me volto às imagens da construção do Estádio que se encontram disponíveis no Museu do clube. Cabe ressaltar que muitas outras histórias são contadas e interpretadas pelo clube, imprensa e torcedores.Entretanto, não se constitui objetivo deste trabalho jogar luzes naquilo que já foi tão imensamente trabalhado por outras maneiras de contar. Convido a observar o que pode ser entendido por estar na margem.

Inaugurado em 06 de abril de 1969, a obra colorada fora pensada muito tempo antes e permeada por muitos interesses. Em sua versão oficial⁸⁷, data de 1956 um projeto apresentado na Câmara Municipal de Porto Alegre pelo então vereador e ex-presidente do clube Ephraim Pinheiro Cabral⁸⁸. Porém, sabemos através das leituras feitas no Jornal do Dia⁸⁹ acompanhando a construção do Estádio Olímpico, movimentos entre a classe política regional e dirigentes colorados para a construção de uma nova casa.

Para observar estas linhas, foi necessário recorrer a um recorte histórico um pouco mais amplo, observando o tempo social, político e econômico, inspirando-se em Fernand Braudel (1965). Encontramos ritmos diferentes, entretanto todos compondo o mesmo cenário. Assim, a obra do estádio Beira-Rio finalizada em 1969, pode ser recuada para o início dos anos 1950, ou até propriamente o Mundial realizado no Brasil e que teve como sede, na capital gaúcha, o Estádio dos Eucaliptos, até então morada do Internacional.

Mas, como se deu este projeto? Naquele período, uma onda modernizadora fomentava a sociedade gaúcha; grandes projetos de infraestrutura foram planejados nos anos 1950, encabeçadas pelo governo democrático de Vargas, mas, também, um marco na construção civil brasileira surge entre os anos 50 e 60: ergue-se Brasília e o homem tupiniquim começa a moldar a natureza aos seus caprichos.

⁸⁵ Utilizarei a nomenclatura de Beira-Rio, pois esta é a mais veiculada e popularmente aceita pelos torcedores do clube, imprensa e bem como, dirigentes.

⁸⁶ O Lago Guaíba banha as cidades de Porto Alegre, Eldorado do Sul, Guaíba, Barra do Ribeiro e Viamão desaguando na Lagoa dos Patos.

⁸⁷ Portal do Museu do Sport Club Internacional. Disponível em: www.internacional.com.br

⁸⁸ Presidente do Internacional no biênio 1951-52.

⁸⁹ Jornal do Dia, anos pesquisados de 1951 até 1954, disponível no portal da Hemeroteca Digital.

Brasília se convirtió en el símbolo del gobierno de Juscelino Kubitschek. Remarcando el lema “Cincuenta años de progreso en cinco años de gobierno”, Kubitschek gobernó el Brasil entre 1956 y 1961. Considerado como el primer presidente en la historia del país que basó su campaña electoral en la planificación como solución para los problemas nacionales, se valió de un programa de metas cuyo fin era la modernización a través de la aceleración y la profundización del desarrollo. La meta del traslado de la capital federal, incluida posteriormente en ese programa, formó parte de la propuesta desarrollista de su gobierno y puso en evidencia, sobre todo, la construcción simbólica del Estado nacional: fue la manifestación de la capacidad inventiva de proyectar el futuro mediante la integración del territorio y la construcción de un monumento modernista. (LIMA e VIEIRA, 2016, p. 251).

Esse monumento modernista, que foi Brasília, podemos aplicá-lo aos estádios de futebol, monumentos duráveis de diversos arrojos modernistas durante o século XX, das Laranjeiras do Fluminense, ao Pacaembu da cidade de São Paulo, do Beira-Rio em Porto Alegre ao Mangueirão em Belém do Pará. Com o intuito de refletirem os auspícios de uma “nova era”, esses estádios acompanharam modelos sociais, políticos e econômicos que apontam para os diferentes matizes de “modernidade”, que foram vistas ao largo do século.

Assim, o efeito de Brasília, não somente no plano político, mas, em especial no plano arquitetônico e ambiental no Brasil, foram imensos. Agora, não era somente um projeto de uma estrada ou de uma ponte, mas uma cidade surgia onde antes não havia nada. Uma aproximação à essa realidade se encontra no aterramento do local onde se construirá o próximo estádio. A cidade avançava não agora para as suas áreas verdes e sim, entrava sobre suas águas.

Cabe colocar que este não é um ensaio de História Ambiental. Entretanto, buscamos um pouco dessa abordagem ao pensar sobre como poderíamos apontar os problemas ou entraves numa obra que se propõe a diminuir, em certa medida, um curso da água. Mas os impactos dessa obra vão muito além, pois conseguimos também observar um novo cenário para a cidade, compondo um mosaico com a orla do Guaíba bem como, um desenvolvimento econômico da urbe no local. O que cabe aqui são as linhas tênues que levam a olhar o Estádio Beira-Rio para muito mais do que simplesmente um palco do futebol.

A cidade espetáculo do futebol (PRODANOV e MARONEZE, 2012) é também

a cidade mutante que se altera em seu traçado, em suas vias, em sua população e em sua geografia. Pensar o ambiente sobre uma perspectiva histórica é avançar sobre aspectos ainda numa área em construção e, como refere Camargo (2016), principalmente nos anos 1990 e 2000 a natureza passa a tomar conta da discussão sobre a cidade e sua sociedade. Assim, ao mirar o passado sob essa perspectiva, devemos tomar as devidas precauções, pois é o olhar do presente que observa o passado, se constituindo em uma das problemáticas do historiador.



Figura 15. Orla do Guaíba em 1950, a cidade já começava a expandir-se sobre o trecho fluvial.

Acervo digital disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/217017275764073031/>



Figura 16. Construção do Estádio Beira-Rio na década de 1960. (Acervo Museu Sport Club Internacional).

As duas fotografias acima, apresentadas nas Figuras 15 e 16, abrangem praticamente duas décadas do mesmo cenário citadino. O quão profundas as marcas do tempo se provaram? Na primeira, conseguimos observar uma praia que percorre a margem do Guaíba, onde prédios ao fundo apontam o crescimento do centro histórico da cidade e se pode notar o traçado da Avenida Padre Cacique. Na segunda, o estádio já se constitui no cenário, a densidade dos prédios no centro aumentara e ruas podem ser vistas saindo da Avenida que contorna o estádio.

O geógrafo e urbanista espanhol Jordi Borja (BORJA e MUXI, 2004)⁹⁰ se utiliza do termo *monopólio verde* para explicar como as cidades latinas lidaram com a problemática dos seus ambientes. Ressalta-se aqui que esses monopólios verdes, entendidos pelo autor, significam todas as áreas que são pretendidas e/ou utilizadas pelos poderes público e privado em transformação na urbe. Guardadas as devidas temporalidades de escrita deste autor para o nosso momento, a área do Guaíba e seu monopólio verde se constitui no que Bale (2003) definiria como uma “paisagem esportiva”, ainda que aqui em seu estágio embrionário.

Assim, esse uso do espaço provoca alterações não somente no âmbito econômico – o que em primeira escala são os argumentos utilizados para a aprovação

⁹⁰ Para mais, ver: BORJA, Jordi y MUXI, Zaida. *Urbanismo en el siglo XXI*. Barcelona: Ediciones de la Universidad Politécnica de Cataluña, 2004.

destes projetos – mas também em uma correlação de situações mais explícitas ao longo do tempo. Observando as alterações na geografia, na economia, na política, na sociedade e na natureza do Mediterrâneo entre o século XVII e XVIII, Fernand Braudel capta e costura as linhas de sua teoria da “Longa Duração”, ou seja, o ambiente pode ser mais bem captado ao longo do tempo, pois sua temporalidade de transformação se dá num ritmo determinado por sua sociedade.

Criando uma espécie de simbiose de possibilidades, a imagem e a fotografia no século XX se torna um veículo de luxo para perceber as transformações nos ambientes.

O mundo se torna, parafraseando Benedict Anderson (1991), uma comunidade imaginada que pode ser figurada por uma diversidade de imagens, produzidas em contextos e por práticas diferenciadas. A experiência fotográfica se transforma com o advento das tecnologias digitais, mas não perde a sua dimensão de potencializar memórias, essa cada vez também mais complexas. (MAUAD, 2008, p. 147).

Dessa maneira, temos a fotografia do estádio como um recorte do tempo espacial da cidade. Pensemos agora sobre o que essas imagens podem nos dizer, para quem foram feitas, para onde circularam, se contam uma narrativa – e, se sim, qual a história que apresentam?

Charles Monteiro (2007) nos auxilia ao pensarmos na imagem e na fotografia acompanhando a cidade de Porto Alegre entre os anos 1950 e 1960, justamente o nosso período em questão. As fotografias apresentadas nas Figuras 14 e 16 se encontram no Acervo do Sport Club Internacional e também em diversas plataformas digitais tendo, portanto um grande alcance. Entretanto, é importante dizer que essas imagens fazem parte do Museu do clube, associadas à suas conquistas, à sala de troféus, à galeria dos grandes jogadores, ou seja, constituindo a memória e identidade do clube. Também para jornalistas e torcedores do clube, essas fotografias acompanham uma das etapas de maior relevância na história daquela instituição futebolística. Tornam-se um receptáculo da memória coletiva, seja pela torcida ou pelos moradores da cidade que presenciaram todas as transformações ao qual o espaço citadino passou.

Em contrapartida, a fotografia apresentada na Figura 16 fora feita e pensada para mostrar a cidade num contexto de crescimento de seus prédios. São os anos da

modernidade e de uma pujança arquitetônica explícita, representada em construções cada vez mais verticais, imitando as metrópoles norte-americanas do pós-guerra.

O espaço urbano passava por um processo de verticalização e periferação. As capitais cresciam verticalmente nas suas áreas centrais com as construções de grandes prédios de estilo arquitetônico modernista, movimento que mobilizou arquitetos e urbanistas na reinvenção da arquitetura brasileira, movidos pela utopia de remodelar as velhas cidades transformando-as em cidades modernas, planejadas, funcionais e belas para o desfrute das elites e das camadas médias urbanas. (MONTEIRO, 2007, p. 162).

Frutos dessa mentalidade modernista, tanto a fotografia quanto o próprio estádio contribuem para lermos seu tempo. No campo da arquitetura, talvez o nome mais destacado tenha sido o de Oscar Niemeyer, com Brasília e Belo Horizonte sendo seus principais projetos. No Internacional, o nome de destaque fora o de Rui Tedesco, que projetara a construção do futuro Beira-Rio. O estádio gaúcho não fora o primeiro construído em terreno lodoso e aterrado, pois projeto semelhante aconteceu em 1934 como Monumental de Núñez, do River Plate, em Buenos Aires. Entretanto, difícil é encontrar estádios que tenham as águas como cenário e, nesse sentido, podemos citar o do Feyenoord, na cidade de Rotterdam⁹¹.

Porém, o caso holandês é emblemático, pois a densidade demográfica no entorno do estádio transformou a vista que antes dava para o rio e ganhou um conglomerado de prédios. Já em Porto Alegre, os prédios não “fizeram” o contorno do estádio, deixando-o como um “farol” entre as águas e a cidade. Desde a fundação da cidade de Porto Alegre, sua relação com o Guaíba fora o porto e seu cais. Entretanto, no século XX, em dado ritmo, o Centro Histórico e as largas avenidas acompanhavam o sentido inverso, afastando-se das águas rumo ao interior da cidade e a urbe crescia para suas áreas verdes, para seus outros bairros.

Junto com a Usina do Gasômetro e, agora, o estádio, a orla adquiria tons de um retorno ao seu olhar. A memória portuária da cidade se dá em seu próprio nome, em sua origem; mesmo agora tendo uma região metropolitana pujante, as águas continuam no caráter citadino, apesar das várias tentativas de suprimi-la. Fernand Braudel (1989) cita uma Veneza imaginada, uma comunidade imaginada como coloca

⁹¹ Estádio De Kuip, em Rotterdam, Holanda.

Benedict Anderson (2008), algo de real que se encontra no campo da ótica construída pela sociedade. Assim são feitos os cartões postais, as imagens que irão percorrer o mundo, recortes de um instantâneo, porém, com ressignificações.

Retornando a fotografia da Figura 15, podemos entender o sentido do fotógrafo ao se aproximar não da terra firme, mas, vindo pelas águas, observar um monumento humano sendo erguido. Porém, sua intenção pode ser lida como a representação de um rochedo contemporâneo. Os anos 1950-60 são fecundos para o imaginário desenvolvimentista e, apesar de um cenário de Guerra Fria global, o Brasil começava a vivenciar uma alteração em seu visual citadino. Prédios cada vez mais altos, o concreto ganhando espaço, uma cidade surgindo onde antes era “mato” e o sonho da vitória humana sobre a natureza ainda sendo percorrido e visto a cada dia, nas ruas das grandes metrópoles.

O Estádio Beira-Rio surge como um ícone desta releitura dos espaços; a cidade era enorme, mas o clube, na figura de seu corpo diretivo, não tinha intenção de sair de suas proximidades centrais. Revitalizar a orla seria uma das hipóteses mais captadas no imaginário da cidade. Nas fotografias, fica clara a estética panorâmica que ganha o Estádio. Este mutualismo constrói uma narrativa do ver e do ser visto, bem como do invisível, na urbe (MENESES, 2005 apud Monteiro, 2007).

Neste sentido, podemos refletir também sobre o que está sendo invisibilizado nas fotografias das Figuras 14, 15 e 16, que aponta para o panorama que se descortina – retornaremos a essa ideia daqui a pouco – as pessoas, os sujeitos que compõem uma massa que não é captada pelo fotógrafo; essa camada uniforme de residências e prédios apontam para uma vida drasticamente alterada por uma construção de tal envergadura. Como Camargo (2016) se refere à condição “invisível” da natureza, as imagens não problematizam a alteração na orla, apenas apontam para a transformação. Assim, ser humano e natureza adquirem caráter coadjuvante em prol do Estádio em construção.

Recordemos agora o panorama, que talvez seja o eixo central, que se vê nas três fotografias. Essas imagens recortadas de uma paisagem real produzem na visão, na memória e na narrativa, uma “Imagem de Mundo”. Schmitt (2007), se debruçando sobre a produção, a reprodução e as diversas narrativas da imagem, coloca que esses aspectos tinham sentido durante a Idade Média no mundo ocidental; o Ocidente Medieval percebia a imagem num sentido sagrado, profano, de um mundo superior, pois

a arte interpretaria este mundo a partir do mundo real.

Huizinga (2015) veria no futebol este caráter sacro; seria o estádio de futebol o mais profundo descendente dos templos medievos. A religião profana futebolística, exercida nos 90 minutos esportivos, no pré e no pós-jogo. Assim, como as colunas das igrejas se erguem para alcançar os céus, também as pilastras dos estádios tocam as nuvens imaginárias de seus torcedores. Os templos do modernismo futebolístico recriam imagem do esporte.

Esses mesmos elementos Bourdieu (2003), ao acompanhar a sociedade francesa e o hábito de fotografar durante os anos 1950 e 1960 - o mesmo período cronológico de nosso trabalho - pode observar das primeiras fotografias de famílias, dos eventos matrimoniais, das diferenças entre o interior e a cidade. Dentre as camadas mais abastadas, que possuíam possibilidades do *Flâneur* fotográfico, os ícones citadinos ganhavam força para compor o cenário perfeito a ser imortalizado.

Mesmo que involuntariamente, os estádios começam a compor os cenários das urbes mundo afora. Cada vez maiores e cada vez mais impossíveis de passarem invisíveis para os olhares de indecisos viajantes, os estádios ganham possibilidades turísticas. Agora, não mais somente um Arco do Triunfo mas, também, o palco dos novos heróis da pátria seriam reverenciados. O futebol como um panteão da pátria permitiria essas analogias, como entendia Alabarces (2008).

No início dos anos 1970, Porto Alegre estava passando por uma série de reformas urbanas, que impactaram tanto na paisagem quanto na forma de experienciar o espaço urbano. O período foi marcado pelo crescimento acelerado da população e pela ampliação da área urbana da cidade, que avançou sobre os municípios vizinhos (Viamão, Alvorada, Gravataí e Canoas), integrando-os como áreas periféricas num processo de metropolização. A população de Porto Alegre passou de 394 mil habitantes em 1950 para 885 mil nos anos 1970, tendo a área metropolitana de Porto Alegre passado de 590 mil habitantes em 1950 para 1 milhão e 531 mil em 1970 [FEE, 1976]. Ou seja, a população da cidade dobrou em vinte anos, enquanto a população da região metropolitana quase triplicou. (MONTEIRO, 2015, p. 126).

Durante esses vinte anos de crescimento, a cidade de Porto Alegre voltara-se para seus prédios, porém, entre suas águas estava o Estádio Beira-Rio, para lembrar em seu nome, este cenário. Por anos a cidade irá sonegar suas águas em prol da

modernidade de concreto. Entretanto, como um farol ou um templo antigo, o estádio estaria ali para reconectar, sempre a cada jogo, a sua cidade com as suas águas.

4.2. “Aqui todos seremos iguais”⁹²: futebol em tempos de ditadura

Muito longe das águas do Guaíba uma outra tempestade se avizinhava no horizonte daqueles que viveriam os anos 1960. No cerrado brasileiro, um bioma mais seco do planalto central e da obra de Osca Nieymeier, Brasília⁹³ viveria seus dias de choque. Em 1964 era instaurado o período conhecido como o da Ditadura Civil Militar no Brasil. Para Daniel Aarão Reis *et al* (2014)⁹⁴, ocorreu uma mudança de projeto de Estado Nacional que antes se voltara a ter um caráter nacionalista e populista, típica dos anos 1950, na figura de líderes personalistas como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Essa ruptura desenvolveria uma democracia limitada pelas palavras do autor em que aos poucos também recrudesceria radicalizando os aparatos repressivos do regime político.

No plano econômico o país viveria momentos distintos: durante o período inicial dos governos militares, o foco era um planejamento desenvolvimentista, resgatando um movimento de investimentos parecidos com o do governo de JK. Este favorecia as indústrias pesadas do setor metal-mecânico e as obras de infraestrutura, sendo o marco divisor deste cenário as rodovias interligando o país, nos moldes de uma política de união nacional. No esporte, isso iria repercutir com o investimento massivo dos projetos de um campeonato nacional culminando no Campeonato Brasileiro de 1971⁹⁵, cuja formalização perdura até os dias atuais.

Contrastando com a problemática social Sophia Beal (2010) aponta para uma característica simbólica da construção da imagem e do imaginário do regime, a sua opulência nas obras da engenharia. Tendo como carro chefe a rodovia Transamazônica,

⁹² Frase conferida pelo Bispo Dom Edmundo Kuntz na inauguração do Estádio Beira-Rio

⁹³ Ver: LIMA, Nísia T.; VIEIRA, Tamara R. Brasília: uma cidade modernista no sertão. In: Adrián Gorelik e Fernanda Arêas Peixoto (org.). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. São Paulo: Edições SESC, 2019, p. 207 – 218.

⁹⁴ REIS, Daniel A.; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo P. (org). *A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 2014.

⁹⁵ Ver: FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

a usina de Itaipu e a ponte Rio-Niterói⁹⁶ ambas iniciadas na governança de Médici⁹⁷ (1969-1974) funcionavam como uma vitrine do “sucesso” e da “modernidade” a qual, somente com os militares o país poderia ter sentido. Essa maneira de propaganda tendo como o espaço geográfico como trampolim, como já abordamos, é comumente uma ideia largamente utilizada. Porém, não somente pode ser vistas estas obras no espaço das grandes empreitadas, também, nas urbes nacionais fora o momento de expandir suas obras⁹⁸.

Esse boom intervencionista na paisagem nacional ocorrerá de diversas maneiras e obras, e, claro isso não deixou o esporte mais popular de lado. O futebol tanto dentro quanto fora das quatro linhas fora um veículo a ser explorado pela força política. Um campo de disputas onde o poder vigente conseguia alcançar as massas e, não totalmente claro conduzi-las aos seus interesses. Neste caso, muito explícito fica a cargo do mandato de Médici no Brasil.

Médici, atrelou sua imagem à seleção brasileira. Desde sua posse, a estratégia de popularidade desenvolvida pelo órgão responsável pela propaganda oficial era de quebra da hierarquia e o rompimento de desigualdades que o futebol poderia proporcionar. Isto se materializaria na imagem de Médici, que não só receberia e apoiaria a seleção, como também era torcedor, o que fazia dele um homem comum/igual. Esta construção, segundo Guterman (2004), era reforçada até na explicitação de preferências por jogadores, difundido que como governante ele não poderia ter preferências, mas, como qualquer outro torcedor sim. (GIANORDOLI-NASCIMENTO *et al.*, 2014, p. 148).

Com o exemplo de Médici, alcanço o meu interesse de observação neste subcapítulo; os anos 1960 são riquíssimos para entendermos como a construção do Estádio Beira-Rio se encaixou na lógica nacional. Politicamente, através do alcance relacional, esta cadeia política entendida por Rémond (1999) e Santos (2016) como um mecanismo onde se manifesta diversas ações que desaguam na realidade social. Assim, essa sociabilidade política abrangente do futebol proporciona um tabuleiro muito singular para a construção de uma imagem da política nacional. Entretanto, não somente

⁹⁶ Rodovia Transamazônica inaugurada em 1972 e recorta no sentido horizontal os estados da região norte do Brasil. Usina Hidroelétrica de Itaipu, em conjunto com o Paraguai foi inaugurada em 1984. Ponte Rio - Niterói ligando os municípios cariocas atravessando a Baía de Guanabara inaugurada em 1974.

⁹⁷ Emílio Garrastazu Médici (1905-1985), presidente brasileiro no período do Regime Civil Militar durante o mandato de (1969-1970).

⁹⁸ Jornal Diário de Notícias, Caderno Especial – Realizações do Governo Federal no RGS, 31/03/1969.

da política de estado, mas, também, de suas manifestações opositoras o futebol seria marcado.

Assim, no dia 06 de abril de 1969, numa ensolarada tarde a beira do Lago Guaíba em Porto Alegre, era inaugurado o Estádio José Pinheiro Borda – mais conhecido por Estádio Beira Rio – pertencente à instituição futebolística do Sport Club Internacional. Se no céu a cor azul imperava no gramado a regra era o vermelho, e, dessa feita, as ondas que se viam nas arquibancadas de concreto eram vermelhas encarnadas como o sangue. Porém, contrastava também a essa cor a autoridade sóbria dos ternos da comitiva do poder político presente na solenidade.



Figura 17. Solenidade de inauguração do Estádio José Pinheiro Borda – Beira Rio (Acervo do Museu do Sport Club Internacional).

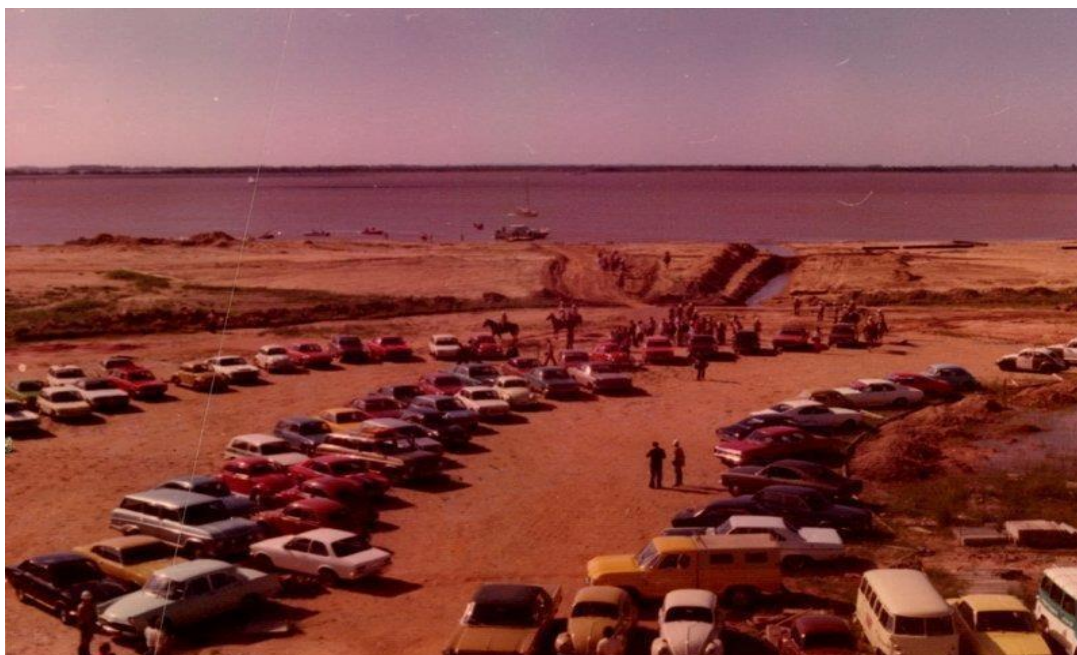


Figura 18. Início das obras do futuro estádio do Internacional década de 1960. (Acervo do Museu do Sport Club Internacional).



Figura 19. Torcida a acompanha a inauguração do Estádio Beira-Rio em Porto Alegre. (Acervo do Museu do Sport Club Internacional).

Primeiro, vamos observar como foi o caminho que nos conduziu até o estádio do Internacional. Uma nova casa para o clube também não era novidade; apesar de que sua antiga morada houvesse recebido partidas do mundial de 1950, os padrões arquitetônicos da década pós-mundial no Brasil reforçavam a ideia de modernização dos estabelecimentos do clube colorado. Ainda mais, pressionados pela construção do Estádio Olímpico, de seu rival citadino, o Grêmio. Nascia, em conjunto a fatores externos e internos, mais uma dose de rivalidade, o planejamento que culminaria na nova praça esportiva.

Dessa maneira, no dia 23 de novembro de 1954⁹⁹ era discutida na Câmara dos vereadores da cidade de Porto Alegre a procura do Sport Club Internacional por uma área na municipalidade que pudesse lhes permitir o crescimento. Dada as circunstâncias, reconhecidas pelos dirigentes colorados, do tamanho considerado pequeno de suas até então instalações, isso motivou a busca as autoridades citadinas e também como a um núcleo de financeiristas dispostos a contribuir na empreitada.

Contudo, fora em 1956 que o clube colorado conseguiu a doação de terreno para a nova construção do estádio Beira Rio. Interessante notarmos a figura de Ildo Meneghetti nas negociações que levaram a doação daquele espaço da municipalidade ao Sport Club Internacional. O prefeito de Porto Alegre e personalidade marcante do clube colorado fora, se não, a peça-chave, pode contribuir com sua influência para o andamento da obra.

Aliás, se colocarmos em uma discussão ética, o futebol moverá muitas paixões e as figuras políticas poderiam se alimentar delas, e em menor escala, a respeitável carreira de Meneghetti que o levou ao governo do Estado, seus mandatos na prefeitura muito se deve também a suas conexões com o futebol. Consciente ou não, tendo a sua imagem vinculada ao clube, o qual, também exerceu função de presidente oportunizaria criar uma rede de vínculos sociais e políticos que se espalharam para além das quatro linhas futebolísticas.

Contudo, a construção da nova casa colorada requiriu atravessar quase praticamente os anos 1960. Partindo de águas democráticas e adentrando sob os auspícios militares. Compreensivelmente, a obra do estádio não teve caráter de exaltação de um regime político dentre outro. Aliás, a exaltação aqui fica a cargo de

⁹⁹ Jornal do Dia, matéria “Novo Estádio para os campeões”, 23/11/1954.

e elevar a moral do clube enquanto instituição desportiva. No mais de sua condução impulsionados por José Pinheiro Borda¹⁰⁰ que liderou a construção até 1965 quando faleceu, sendo homenageado com o nome do estádio.

Nessa empreitada, um dos dizeres na cerimônia de inauguração nos chama a atenção, em discurso o Bispo Edmundo Kunz¹⁰¹, que afirmava: “Aqui todos serão iguais, sem diferenças ideológicas, políticas, religiosas, sociais, todos serão irmãos”.¹⁰² Em princípios, as palavras do Bispo da Arquidiocese de Porto Alegre já respiravam um profundo sentido político, e, por conseguinte, ao recortarmos o momento em que foi dito essa palavras podemos perceber o ato político que o foi se utilizando do véu do futebol.

Ao observarmos a fotografia da Figura 17, em cores, um mar vermelho surge ao olhar; primeiramente são as cores distintivas do Sport Club Internacional, porém, talvez, nas décadas de 1960 e 1970 os únicos lugares onde essa combinação de cores poderia ser utilizada seriam nos espaços esportivos. Em 1968, o governo militar institui seu ato mais repressivo até então, o qual, ficara na memória como aquele que visava extinguir os resquícios democráticos no país. Assim, o Ato Institucional número 5¹⁰³ começara uma campanha de prisões políticas que perdurariam ao longo de todo o período dos militares no governo.

Reflitamos sobre as chagas tão profundas que ainda existem no Brasil devido aos crimes cometidos durante seu período ditatorial e perceberemos o quanto incômodas não deveriam ter sido as palavras de Dom Edmundo naquele 6 de abril. Poderíamos afirmar que ele estava contestando o governo? Se o fizessimos agora o seria de forma leviana e pouco histórica. Por isso, precisamos entender as ligações que o acompanharam até o Beira-Rio naquele abril de 1969.

Uma pequena criança vinda de Venâncio Aires, de uma região de colonização germânica no interior do Rio Grande do Sul, até a Arquidiocese de Porto Alegre, Dom

¹⁰⁰ José Pinheiro Borda (1895 – 1965) foi um grande dirigente colorado que liderou na Comissão de Obras a construção do estádio, falecendo antes do fim da obra, teve seu nome batizando o estádio ao qual, impulsionou a ser realizado.

¹⁰¹ Edmundo Luis Kuntz (1919 – 1988), ordenado no sacerdócio em 1944, alcançando a Arquidiocese de Porto Alegre em 1955.

¹⁰² Disponível no site oficial do Sport Club Internacional: www.internacional.com.br/beira-rio/construcao

¹⁰³ Ato Institucional nº 5, emitido por Artur da Costa e Silva em 1968, suspendeu as garantias constitucionais, bem como, instaurou aquilo que seria conhecido como os anos de chumbo no Brasil, institucionalizando a prática da tortura pelo Estado Nacional. Ver: GASPARI, Elio. *As ilusões armadas: a ditadura envergonhada*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

Edmundo percorreu os caminhos da Igreja ao lado da assistência social. Eram períodos em que se gestionava no continente latino-americano pensamentos mais progressistas¹⁰⁴ no seio da Igreja. O próprio padre Edmundo se mobilizou em participações na Ação Católica¹⁰⁵ e na Frente Agrária Gaúcha¹⁰⁶ quando pode ter contato com as populações necessitadas. E, em tempos de repressão das liberdades de expressão, Dom Edmundo procurava a partir de seus meios uma comunicação mais social com a população.

Vivendo dentro e não ao lado de um mundo em contínua transformação, a Igreja tem a missão de inserir-se nas novas condições desse mundo. Fiel ao Evangelho, compete-lhe não fugir do mundo, mas agir nele como fermento dentro da massa para transformá-lo. (KUNZ, 1987).

As palavras proferidas por Dom Edmundo no ano de 1987¹⁰⁷ expressam uma ideia de ação que o acompanhou durante toda a sua carreira e existência. O que nos aproxima ao sentido de seu discurso proferido no Estádio Beira Rio em 1969. Na casa colorada todos encontrariam um sentido de igualdade, irmandade, quase uma própria alusão a um templo religioso. Porém, o sentido de igualdade exarcebado ali continha à busca pelo direito social reprimido durante aqueles anos.

Um lugar de refúgio onde todos poderiam ser iguais requeria, se expressarem iguais, assim, o futebol, tão amado esporte brasileiro poderia ser também o local do refúgio sentimental daqueles que viviam as repressões durante o governo militar. Muitas dessas manifestações eram de formas veladas, diferente de Dom Edmundo, João Saldanha declararia aos quatro cantos sua oposição às ideias do Regime Civil Militar, bem como, sua defesa as ideias comunistas. O fazendo perder o lugar mais cobiçado por um técnico no Brasil, o de treinador da seleção brasileira, justamente com o plantel que no ano de 1970 sagraria-se Tri Campeão Mundial¹⁰⁸.

¹⁰⁴ Ver: NORONHA, Cejana U. A. Teologia da Libertação: origem e desenvolvimento. *Fragments de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v.22, n. 2, 2012, p. 185-191.

MENEZES NETO, Antonio Julio. A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. *Caderno CRH*, v. 20, n. 50, 2007, p. 331-341.

¹⁰⁵ Movimento criado em 1929 no papado de Pio XI procurava aumentar a participação laica em propostas sociais da Igreja.

¹⁰⁶ Frente Agrária Gaúcha foi um movimento promovido pela Igreja Católica que proporcionou um sindicalismo camponês no Estado do Rio Grande do Sul. Ver: BASSANI, Paulo. *Frente Agrária Gaúcha e o sindicalismo de trabalhadores rurais*. Londrina: Eduel, 2009.

¹⁰⁷ Discurso proferido no programa de áudiofônico *Voz do Pastor*, disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/114365/1986_DEZEMBRO_124d.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso: 02/03/2021.

¹⁰⁸ Ver Nota de Rodapé 75.

Falar ou não falar eis a questão? Jogando com as dúvidas de Shakespeare¹⁰⁹, eram as atitudes vivenciadas naqueles anos. Personagens que em seus círculos procuravam de alguma forma reafirmar posições até certa feita contrárias ao status quo militar. Medo, frustração, angústia e missão talvez sejam as palavras e sentimentos que levaram Edmundo Kuntz a declarar uma esperança de igualdade iniciada na inauguração do estádio Beira Rio. Carlos Fico (2012)¹¹⁰, analisando a posteriori este período e suas consequências tanto no Brasil quanto na Argentina, levanta estas questões; ainda que existam diferenças gritantes entre um regime e outro, a vivência em momentos de opressão pode ser sentida também de maneiras distintas.

Dom Edmundo era um homem que caminhava a partir de preceitos da Igreja, acompanhado com um profundo dever à cumprir. Ligado desde cedo a alas da Igreja que buscavam na superação das desigualdades sociais um paraíso na terra, na reivindicação da reforma agrária e numa distribuição de renda mais igualitária. Sua percepção dos fatos ocorridos à partir de 1964 foram muito mais marcantes daqueles precensados por muitos torcedores que podemos ver na fotografia 19. Aliás o caráter popular das massas do Sport Club Internacional tão intencionalmente¹¹¹ bem utilizado promoveu um singular cenário na inauguração do estádio.

O nascimento de algo é sempre visto como sublime e de repleta esperança. E esse sentimento pode ser verificado e compartilhado por diversos atores naquele Beira Rio de 1969. Entretanto, não quer dizer que suas esperanças eram as mesmas, ali compartilhavam espaços, euforia, gritos de gol, mas, em suas vidas cotidianas levantavam outros projetos, outros sonhos. Assim, a esperança de igualdade de Edmundo Kunz, convivia com a esperança de glórias futebolísticas pelos dirigentes do Internacional, de esperanças mais terrenas como a de uma tarde alegre daqueles torcedores, ou a de um prosseguimento do regime por aqueles que o representavam na cerimônia.

Para um lado ou para o outro essa dança social das cadeiras revelevam atores coadjuvantes que aproveitaram seus poucos minutos para reafirmarem suas crenças. E, para além das palavras nos resta agora as imagens. Coloridas e intensas, o mar vermelho

¹⁰⁹ A frase de inspiração é “Ser ou não ser, eis a questão?” da peça dramática Hamlet (1601) escrita pelo grande escritor da língua inglesa William Shakespeare (1564 – 1616).

¹¹⁰ Ver: FICO, Carlos. *História do tempo presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro*. Varia História, v. 28, n. 47, 2012, p 43-59.

¹¹¹ O clube se autodenominará de “Clube do Povo”.

da fotografia da Figura 17 contrasta com o sereno Guaíba da Figura 18. As areias e o começo do aterro surgem como esplanada de um sonho, um modelo arquitetônico que culminaria no singular epíteto de “Gigante”.

Assim, no dia 6 de abril de 1969, em seu caderno de esportes, o jornal Diário de Notícias começava a chamada dizendo que era o despertar do gigante. Como a um titã da mitologia grega que despertava de seu sono defronte ao Mar Egeu, o gigante vermelho adormecido nas águas do Guaíba despertava para uma vida de conquistas. Dessa maneira, apesar da fotografia da Figura 19 encontrar-se cinza, suas cores estão na paixão demonstrada no tremular das bandeiras coloradas, na miscigenação de suas arquibancadas, de um carnaval social em que o rubro simbolizava a alma de seus aficionados.

O que antes eram veículos de funcionários, dragas de drenagem, concreto, areia, cimento, durante uma década praticamente como um rochedo a ser moldado o Estádio Beira Rio entrou na paisagem citadina. Uma obra demorada, como a ação das águas nas pedras, o nascimento desse Gigante, do celeiro de ases de seu hino promoveria uma mudança no fluxo da urbe. E, faria companhia ao Lago Guaíba junto ao seu cais, numa paisagem de paixão futebolística e de seu por do sol.

A História da cidade guardará, dentre as páginas mais gloriosas das gerações que por aqui passaram, este marco de energia e de beleza arquitetônica que é o “GIGANTE DA BEIRA-RIO”. Jamais será esquecido o esforço aqui acumulado, o símbolo aqui plantado, na incansável ação de tantas horas pela gloriosa família colorada a que, com justo orgulho, pertenço. (Telmo Thompson Flores, Prefeito de Porto Alegre, 06/04/1969).

Assim, nas palavras de Thelmo Thompson Flores¹¹², prefeito de Porto Alegre na época as páginas futuras da história da cidade guardariam na memória o nascimento daquela obra arquitetônica. Guardada as proporções de uma euforia pela cerimônia de inauguração, de fato, futebolisticamente, geograficamente e para a imagem da cidade o Estádio Beira-Rio se fez presente. Pintando de vermelho o pôr do sol do Guaíba, vendo a mudança política, dos militares ao retorno democrático.

Da casa de craques às conquistas nacionais e internacionais, o estádio recebeu em suas arquibancadas inúmeros sonhos, vozes que empurravam o Internacional para

¹¹² Foi prefeito nomeado de Porto Alegre no mandato de 1969-1975.

mais vitórias. Um patrimônio vivo, um verdadeiro lugar de memória¹¹³ no coração da cidade. O Estádio Beira-Rio, ou, José Pinheiro Borda, participou e foi palco de muitas cerimônias, acompanhou o crescimento da cidade nas futuras décadas, e, recebeu um Mundial de Seleções¹¹⁴.

Profeticamente, buscou em seus espaços do futebol viver o que as palavras de Edmundo Kuntz almejaram no final dos anos 1960, a igualdade. Um sonho desejado, de que ao menos em cada 90 minutos de partida conseguiam unir colorados de todas as idades, religiões, movimentos políticos. Por conseguinte, o estádio colorado daria sentido a um templo do futebol, um espaço de sociabilidade da cidade e marcado na memória ótica daqueles que viveriam um novo horizonte do Guaíba a partir dos anos 1970.

Nessa cidade do futebol, a vida cotidiana se mistura às competições, jogadores são apenas uma ponta do iceberg. São as massas, em profusão que fazem do esporte, um dos maiores movimentos do século XX. Se, a fotografia é um recorte do real como diria Monteiro (2016), o futebol seria um outro reflexo, e suas casas do espetáculo o melhor para se respirarem estes sentidos. Afinal, o futebol, não é definitivamente só uma bola rolando, é muito mais, é sentimento e sentidos. Consequentemente, o Beira-Rio escreveria suas próprias páginas no traçado da urbe, como um Coliseu contemporâneo, sendo palco e ator ao mesmo tempo, da vida da cidade.

¹¹³ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, 1993, p. 7-28.

¹¹⁴ Copa do Mundo de Seleções, no Brasil, 2014, no remodelado Beira-Rio.

5. CONCLUSÃO

Foram dois anos de construção desta pesquisa de mestrado, em um percurso ao qual me dediquei a caminhar pelos espaços urbanos e sociais. Entre altos e baixos, uma Pandemia de Coronavírus¹¹⁵ que proporcionou algo raro no futebol contemporâneo. O silêncio das arquibancadas provavelmente nos fará refletir sobre a ocupação de espaços em praças esportivas. Entretanto, é inegável a participação dos estádios nas sociedades humanas.

Contar a história de Porto Alegre, ou de qualquer outra cidade, se torna tarefa árdua por conta de uma miríade de narrativas sobre a cidade. A minha cidade é aquela que procurei mostrar para todos em forma de dissertação. Essa cidade que dialoga intrinsecamente com o futebol. Que a cada grito de gol, pulsa uma nova vida movendo sonhos e histórias e em cada canto onde rola uma bola, um conjunto de pessoas a correr atrás desta circunferência eloquente.

Assim, Pesavento *et al* (2008), Monteiro (2010), Romero (2009), Lepetit (2001) entre outros me acompanharam por esta cidade, por cada rua, inspirados pelo Flâneur de Walter Benjamin¹¹⁶, que sempre está nos convidando a sairmos de nós mesmos e percebermos o espaço ao qual ocupamos. Prédios se erguem, outros caem, o ritmo conhecido como o da modernidade, assusta e abrupta altera a experiência ótica numa velocidade sem precedentes. Talvez, seu contraponto sejam as imagens, recortes, reflexos, sentidos do real e guardiães da memória destes espaços efêmeros.

Entre ruas, palácios e multidões, os estádios de futebol só podem ser comparados aos templos. A cidade de Deus de Santo Agostinho¹¹⁷ encontra a cidade do futebol dos séculos XX e XXI. É nessa interseção que Bale (2003), Santiago (2000), Frydenberg (2011) me ajudam a ampliar meu horizonte argumentativo. São estes autores que arregimentam um esforço teórico para compreender o espaço dessas praças esportivas

¹¹⁵ Tendo o seu primeiro caso diagnosticado na China em dezembro de 2019 o vírus que se espalhou rapidamente pelo mundo colocou em alerta sociedades e até o término deste trabalho não havia permitido o retorno do público aos estádios de futebol, bem como, a uma normalidade na vida cotidiana do país.

¹¹⁶ Sobre Walter Benjamin e em especial sobre o flâneur, ver: BIONDILLO, Rosana. *Walter Benjamin e os caminhos do flâneur*. Dissertação de mestrado, PPGF – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2014.

¹¹⁷ Obra do Bispo Agostinho de Hipona (354 – 430 d. C) (posteriormente canonizado pela Igreja Católica), construiu um modelo teológico intitulado de “A Cidade de Deus” – De Civitate Dei.

na urbe. Espectáculos da engenharia, monumentos da posteridade, casas, teatros, templos o que não faltam são epítetos para os estádios.

Suas narrativas acompanham o crescimento de suas sociedades, entretanto, o futebol teima em querer viver num mundo isolado. Mas, também a ciência corrobora com essa diligência do campo esportivo. Não são dois mundos separados, é o mesmo mundo que se relacionam e produzem uma ideia do real.

Assim, foram analisadas praticamente duas décadas no Brasil, do início dos anos 1950 aos inícios dos anos 1970. Período de uma convulsão política e de um rompimento ideológico. A maneira como o futebol se relacionaria com a política promoveu situações, disputas, e que, contudo, fora seu período de maior expansão em terras tupiniquins.

Se na governança começávamos com Getúlio Vargas, em sua faceta democrática, às portas da inauguração do estádio Olímpico, o estádio Beira-Rio veria Médici e os militares em seu auge de repressão. Porém, ao menos no futebol, e, nas suas construções, a política econômica desenvolvimentista fora largamente utilizada e o discurso modernista fora uma bandeira levantada por ambos os governos. Aliás, são nas narrativas da modernidade que melhor se encaixam as duas obras arquitetônicas estudadas neste trabalho.

Superando o que havia de arcaico no cenário da cidade, da periferia ocupada por casebres da Vila Caiu do Céu e a natureza a ser domada pelo homem do Lago Guaíba. Não importando onde se mira o olhar da cidade, essa Porto Alegre do futebol se expandiu também sobre os escombros dessas outras construções. Romero falava algo parecido ao se relacionar com as cidades europeias, no qual, era impossível escavar sem encontrar vestígios antigos. Porém, nossos vestígios são mais solúveis, mas, não quer dizer que eles não estivessem ali.

Pensar os espaços é justamente reivindicar que a linha temporal nos força compreender que tudo possui algo que veio antes. Se, o moderno destrói o velho, em sua luta ancestral, e nessa guerra imitaríamos o Bogotazo da Colômbia nos anos cinquenta, uma espécie de fênix urbana. Tudo muda, mas, nem sempre essa modificação é bem-vinda. Pensamos e vemos estádios prontos. Contudo, para onde foram as famílias que moravam na Vila Caiu do Céu? Foram para outras periferias, e, como ciganos citadinos ainda seriam vistos no surgimento da Restinga nos anos 1970.

Quem foram os trabalhadores que fizeram essas obras? Moradores da capital gaúcha, ou, filhos do êxodo rural e moradores das novas periferias que cresciam na cidade? Para onde olhamos essa cidade, seu cenário mais histórico é sua relação com o Lago Guaíba, de suas águas aportaram os primeiros moradores, e, de suas águas um monumento era pensado como imagem para a cidade. O futebol me fez pensar e andar pela orla do Guaíba, mas, também, andar pelas vielas das zonas marginalizadas da cidade.

O tempo realmente modificaria ambos os espaços citadinos, bairros cresceram, se modificaram com a presença dos estádios, nem só torcedores seus arredores ficaram cheios. Toda uma rede inter-relacionada de serviços fazendo a cidade ganharem novas caras, novos rostos e outra percepção de urbe.

Quando Bale (2003) olhou pela primeira vez um estádio, o que deve ter imaginado? A paisagem esportiva é um vínculo entre o espaço geográfico, o espaço histórico e o espaço imagético. Ele é uma construção como qualquer outra obra humana. Relacionada com o futebol essa cidade cria pequenos bolsões onde os esportes são reverenciados, sentidos pelas plateias, e ou, praticados. Lembremos que Bass e Gibson (2011) também alargaram o sentido de paisagem esportiva e, assim, em cada escola, praça ou até mesmo as brincadeiras de crianças nas ruas, podem significar espaços da paisagem esportiva.

Consequentemente, são espaços de profunda sociabilidade (Aguilhon apud Muller, 2010), são locais de surgimento de associações, o lazer e o lúdico proporcionam as sociedades humanas o resgate do viver em comunidade. Porém, recria o nós e o eles, uma divisão, um conflito, uma guerra moderna para Galeano (2004). Nesse sentido, os estádios dentro da cidade também são como um tabuleiro de xadrez, com os territórios inimigos a serem conquistados. Nas narrativas esportivas é largamente configurada a denominação fortaleza para a praça esportiva de um determinado clube, e, salão de festas quando o inverso ocorre, quando o clube mandante não consegue exercer o seu “poder” de mando.

Assim, como no caso de Porto Alegre, ganhariam os títulos de Monumental Olímpico e o Gigante da Beira-Rio nomes que apontam a grandeza dos clubes e das casas, nas quais seriam desfilados os atletas do futebol. Já em seus entornos as transformações foram nada sutis, ao longo de duas décadas uma infraestrutura urbana possibilitou a chegada de novas construções para o Bairro da Azenha nos arredores do

Olímpico. Claro, que este movimento viário já havia tido iniciativas anteriores. Contudo, é com o enclave arquitetônico do estádio que o bairro passou a ganhar uma identidade ainda maior. Logo, o que era uma área até de certa forma periférica da cidade passa a ser um ambiente da centralidade da urbe. Casebres serão substituídos, prédios, bares, cafés, escolas, hospitais, casa e praças, o local ganharia outra face impulsionada pelo futebol.

Pensar o meio ambiente em relação com espaço da cidade é conceitos novos, essa preocupação tão forte no século XXI, nos permite jogar luzes para como a imagem do espaço natural era visto e entendido pela municipalidade. Qualquer que seja a interferência no ambiente, uma drenagem de um charco ou o aterramento de uma área alagadiça é uma interferência ao sistema natural do ambiente. Munford (1982) já afirmava que uma das ações de conquista das sociedades humanas com o advento da cidade era sua capacidade de transformar a paisagem geográfica, o que corresponde modificar com os biomas do local.

Relegadas ao imediatismo da necessidade das obras, a transposição de rios, a destruição de matas auxiliares e manguezais modificam não somente a paisagem, mas também, tem consequências nos climas das cidades. Pauta importante na ecologia e que provoca novos estudos na área histórica, pois, como uma ideia largamente aceita a humanidade interfere nos espaços e biomas ao longo de sua caminhada de milênios. Assim, o Estádio Beira-Rio se insere nesse panorama, ele não é de longe a obra mais profunda de alteração de um ambiente, porém, não podemos afirmar que ele não modificou o espaço. Se a obra incorpora-se na paisagem do pôr do sol do Guaíba, o mesmo também a modificou, no fluxo climático para o microbioma da região da municipalidade.

Nesse rochedo de concreto criado pela ação humana, o estádio Beira-Rio nos permitiu ver a dinâmica do espaço em sua concepção ambiental. Contudo, não somente externamente a sua presença fora sentida. Os anos setenta politicamente marcados pelo contexto da Guerra Fria¹¹⁸ e suas irradiações na América do Sul, usar a cor vermelha só poderia ser feito com total liberdade e sem desconfiaças se o fosse dos times

¹¹⁸ Ver: REICHEL, Heloisa Jochims. O “perigo vermelho” na América Latina e a grande imprensa durante os primeiros anos da Guerra Fria (1947-1955). *Diálogos*, v. 8, n.1, 2004, p 189-208.
TOTA, Antônio Pedro. Cultura e dominação: relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos durante a guerra fria. *Perspectivas*, n. 27, 2005, p. 111-122.

encarnados. Uma frase da torcida colorada é cunhada, seu mundo é vermelho. O perigo vermelho dos gramados era o Internacional, que acabará dominando o Brasil na década de 1970 e forçará a pintar o país com uma cor tão apregoada como um dos símbolos do comunismo. Faceta indigesta, a política e futebol dançaram essa valsa do século XX capatando suas alterações, seus declínios, acompanhou guerras e processos de identidade o futebol participou intrinsecamente de seu mundo.

A capacidade da paisagem esportiva precisa ser mais explorada, identificada e compreendida. Afinal, as realidades urbanas são distintas e movidas por inúmeros interesses questionamentos. Mas, se faz necessário olhar para os estádios do mundo, compreender este esporte global e de dimensões cada vez mais profundas na sociedade do século XXI.

Viver os estádios foi o que as diversas pessoas experimentaram em cada uma dessas praças esportivas. Às vezes suas vidas eram profundamente relacionadas com o futebol, como no caso do relato de João Carlos¹¹⁹, que trabalhou durante os anos 1950 no Estádio Olímpico e, ao ser descoberto torcedor do colorado fora desligado do clube tricolor. Mas, nos anos 1970 também foram presença cativeira do gramado do Beira-Rio. Entrevistado no começo da escrita do projeto desta pesquisa que se voltaria a um material de apoio no conhecimento do cotidiano dessas obras. Contudo, a voz de João Carlos fora silenciada no ano de 2020, porém, sua paixão pelo futebol criou raízes, seus filhos continuaram a levar o Internacional no coração como tantas outras histórias de torcedores no Rio Grande do Sul. Sua trajetória compôs uma capacidade de narrativas, daquelas vidas que possibilitaram, presenciaram e viveram essa Porto Alegre do futebol.

Assim, quantos Joãos e Marias frequentaram as arquibancadas do Olímpico e do Beira-Rio? Quantas emoções sentiram, quantos encontros tiveram, quantas amizades feitas e outras desfeitas. Momentos efêmeros de 90 minutos ou mais que promoveram a vida na capital gaúcha. Defenitivamente a experiência das praças esportivas de seus dois maiores clubes da cidade marcaram a história desse município. Fazendo parte de sua imagem e de seu imaginário. Promoveram espetáculos inigualáveis, foram palcos de

¹¹⁹ Devido a Pandemia de Coronavírus, as entrevistas com os sujeitos que participaram da construção dos dois estádios foram interrompidas. Recebi autorização da família para citar a presença deste personagem invisível do futebol, assim como os operários da construção, os jardineiros, os seguranças, todos aqueles que fazem o futebol, mas não saem nas capas dos periódicos. Para eles, o futebol é o seu ganha pão, a sua vida e sustento e, ainda assim, guardam relíquias de sua relação visceral com o esporte.

grandes momentos de alegria e ficaram registrados na ótica e na memória da cidade de Porto Alegre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Org). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Patria*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARAÚJO, Eduardo Barreto de. *As representações visuais de Getúlio Vargas nas páginas da revista do Globo (1929 – 1937): de gaúcho a chefe da nação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2012.
- BAAS, Christopher; GIBSON, Angela. 86° 10" 54" O, 39° 46" 1" N: utilizando sistemas de informação geográfica para documentar paisagens esportivas históricas. *Recorde*, v.8, n.1, 2015, p. 1-16.
- BALE, John. *Sports Geography*. London: Routledge, 2003.
- BASSANI, Paulo. *Frente Agrária Gaúcha e o sindicalismo de trabalhadores rurais*. Londrina: Eduel, 2009.
- BEAL, Sophia. Obras públicas monumentais, ficção e o regime militar no Brasil (1964-1985). *Escritos - Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa*, ano IV, n. 4, 2010, p. 259-280.
- BIONDILLO, Rosana. *Walter Benjamin e os caminhos do flâneur*. Dissertação de mestrado, PPGF – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2014.
- BORDIEU, Pierre. *Un Arte Medio; ensayo sobre los usos sociales de la fotografía*. Barcelona: Editorial Gili, 2003.
- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: A Longa Duração. Tradução de Ana Maria de Almeida Camargo. *Revista de História*, ano XVI, vol. XXX, n. 62, 1965.
- BRAUDEL, Fernand. *Uma lição de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz e PESAVENTO, Sandra (orgs.). *Imagens Urbanas: os diversos olhares sobre a formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.
- CAMARGO, Frank Molano. La historia ambiental: contexto surgimento y contribuciones para el análisis histórico de la ciudad. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, Bogotá, v. 43, n. 1, 2016, p. 375-402.

CARDOSO, A.L. Contextualização/caracterização. In: BRASIL. *Política habitacional e integração urbana de assentamentos precários: parâmetros conceituais, técnicos e metodológicos*. Brasília: Ministério das Cidades, Brasília, 2008, p. 13-46.

CERETO, Marcos Paulo. *Arquitetura de Massas, o caso dos estádios brasileiros. Da Revolução de Vargas ao fim do milagre econômico*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, PPGA, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

CHOMA, D.; COSTA, T. L. A memória é uma ilha de edição: o acervo do Foto Estrela como patrimônio cultural de Londrina-PR (1934-2016). In: Janice Gonçalves. (Org.). *Patrimônio imaginado: fotografia e patrimônio cultural*. São Leopoldo: Oikos, 2017, p. 122-148.

COIRO, José. R. R. *Os anos dourados na Praça da Alfândega*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

CORNELSEN, Elcio L. Sentimento e Política no futebol alemão – construções da “nação” em 1990 e 2006. *História: Questões & Debates*, n. 57, 2012, p. 73-99.

COUTO, André A. G. *Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)*. Curitiba: UFRJ, 2016. Tese de Doutorado em História.

DA MATTA, Roberto. *Universo do futebol. Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DOLAN, Paddy. Space, time and the constitution of subjectivity: comparing Elias and Foucault. *Foucault Studies*, n. 8, 2010, p. 8-27.

DRUMOND, Maurício. O futebol e a política esportiva de Vargas e Perón: um estudo comparado. In: Diego Armus/ Stefan Rinke (eds.). *Del football al fútbol/ futebol Historias argentinas, brasileras y uruguayas en el siglo XX*. Frankfurt am Main: Vervuert 2014.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

ELMIR, Cláudio P. Uma aventura com o Última Hora. O jornal e a pesquisa histórica. *Anos 90*, vol. 19, n. 36, 2012, p. 67-90.

ELMIR, Cláudio P. Os anos dourados de Porto Alegre: a construção do mito da Idade de Ouro na memória da cidade. In: HAGEN, Acácia Maria Maduro ; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. (og.). *Sobre a rua e outros lugares: Reinventando Porto Alegre*. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 1995.

FERLA, Marcelo. *Jogos Monumentais: memórias do Estádio Olímpico*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2012.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista. Getulismo, PTB e cultura política popular (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

FICO, Carlos. História do tempo presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. *Varia História*, v. 28, n. 47, 2012, p. 43-59.

FLORENZANO, José Paulo. *A Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: EDUC FAPESP, 2009.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. Nem ortodoxia nem populismo: o Segundo Governo Vargas e a economia brasileira. *Tempo*, vol. 14, n. 28, 2010, p. 19-58.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, G. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FROSI, Tiago O.; MAZO, Janice Z. O abasileiramento do clube de remo dos italianos em Porto Alegre nas décadas de 1930-1940. *Movimento*, v. 18, n.03, 2012, p. 51-71.

FRYDENBERG, Julio. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: LP&M, 2004.

GASPARI, Elio. *As ilusões armadas: a ditadura envergonhada*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

GASTALDO, Édison. “O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. *Sociologias*, n. 22, 2009, p. 352-369.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid F.; MENDES, Bárbara G.; NAIFF, Denis G. M. “Salve a seleção”: ditadura militar e intervenções políticas no país do futebol. *Revista Psicologia e Saber Social*, v. 3, n. 1, 2014, p. 143-153.

GIGLIO, Sérgio S.; RUBIO, Kátia. Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*: São Paulo, vol. 27, n. 3, 2013, p. 387-400.

GORELIK, Adrián. A cidade e a villa: vida intelectual e representações urbanas. In: Adrián Gorelik e Fernanda Arêas Peixoto (org.). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. São Paulo: Edições SESC, 2019, p. 267 – 282.

GORELIK, Adrián; LIMA, Fernanda A. (org.). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. São Paulo: Edições SESC, 2019.

GRUZINSKI, Serge. *Que horas são lá, no outro lado? América e Islã no limiar da época moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

HARVEY, John. *Homens de preto*. São Paulo: UNESP, 2003.

HATJE, Marli; CARVALHO, Sérgio. Interdisciplinaridade: uma proposta para reunir a educação física e a comunicação social. In: *Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*. Santa Maria: UFSM, 1996, vol 3.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOFMEISTER, Carlos. *Pequena história do remo gaúcho*. Porto Alegre: CORAG, 1978.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Madrid: Alianza Editorial, 2015.

KLEIN, Rafael Belló. *O profissionalismo imoral e a pacificação necessária: imprensa, futebol e política na “crise das especializadas” no Rio Grande do Sul (1937-1938)*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2014.

LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LIMA, Nísia T.; VIEIRA, Tamara R. Brasília: uma cidade modernista no sertão. In: Adrián Gorelik; Fernanda Arêas Peixoto (org.). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. São Paulo: Edições SESC, 2019, p. 207 – 218.

LIMA, Nísia T.; VIEIRA, Tamara R. Brasília: una ciudad modernista en el sertón. In: Adrián Gorelik; Fernanda Arêas Peixoto. (Org). *Ciudades sudamericanas como arenas culturales*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2016, p. 248-263.

MARIO FILHO, Rodrigues. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. *Cidades*, UNESP, São Paulo, 2013, p. 142-170.

MASCARENHAS, Gilmar. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *GEOgraphia*, v.4, n.8, 2002, p. 84-92.

MAUAD, Ana Maria. *Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: EDUFF, 2008.

MENEZES NETO, Antonio J. A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. *Caderno CRH*, v. 20, n. 50, 2007, p. 331-341.

MONTEIRO, Charles. El campo de la Fotografía y las imágenes del Brasil em los años 1970-80: Entre el fotoperiodismo y la fotografía documental. *Artelogie*, n. 7, 2015, p. 1-16.

MONTEIRO, Charles. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. *Métis: história & cultura*, v. 5, n. 9, 2006, p. 11-23.

MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. *Rev. Bras. Hist.* v. 27, n.53, 2007, p. 159-176.

MONTEIRO, Charles. Políticas da Memória: reformas urbanas e polêmicas acerca das

comemorações da fundação de Porto Alegre. In: Possamai, Zita Rosane (org). *Leituras da Cidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2010, p 37-54.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade : a construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

MORIN, Edgar. *O método 4: as ideias, habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOSTARO, Filipe F. R.; HELAL, Ronaldo G.; AMARO, Fausto. Futebol, nação e representações: a importância do estilo “futebol-arte” na construção da identidade nacional. *História Unisinos*, vol. 19, nº 3, 2015, p. 272-282.

MULLER, Dalila. *"Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza": Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870)*. Tese (Doutorado em História), Programa de pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NETTO, Vinicius M. *Cidade & sociedade: as tramas da prática e seus espaços*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, 1993, p. 7-28.

NORONHA, Cejana U. A. Teologia da Libertação: origem e desenvolvimento. *Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v.22, n. 2, 2012, p. 185-191.

PAVONY, Germán R. M. Bogotá: da hipérbole ao mito. In: Adrián Gorelik e Fernanda Arêas Peixoto (org.). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. São Paulo: Edições SESC, 2019, p. 161 – 174.

PESAVENTO, Sandra J.; SANTOS, Nádia M. W.; ROSSINI, Miriam de S. (org). *Narrativas, Imagens e Práticas Sociais: percursos em História Cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades invisíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História – ANPUH*, São Paulo, vol. 27, nº53, 2007, p. 11-23.

POSSAMAI, Zita Rosane (Org). *Leituras da Cidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

PRODANOV, Cleber C.; MARONEZE, Luiz A. G. Futebol, identidade e modernidade: os teuto-brasileiros no sul do Brasil. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 9, n. 1, 2012, p. 1-18.

QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira de. Sobre as origens da Favela. *Mercator*, v. 10, n. 23, 2011, p. 33-48.

REI, Bruno D. Imprensa de educação e ensino e educação física escolar no Brasil (1976-1979): um relato de experiência acadêmica. *Conexões: Educ. Fis., Esporte e Saúde*, v. 16, n. 1, 2018, p. 85-96.

REICHEL, Heloisa Jochims. O “perigo vermelho” na América Latina e a grande imprensa durante os primeiros anos da Guerra Fria (1947-1955). *Diálogos*, v. 8, n.1, 2004, p 189-208.

REIS, Daniel A.; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo P. (org). *A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2014.

RÉMOND, René. O retorno do político. In: Chauveau, A.; Tetard, P. (Org.). *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.

ROCHA, Luiz G. B. S. P. Os empresários, a pátria e a bola: nacionalismo, organização empresarial e o financiamento da seleção brasileira de futebol de 1970. *Estudos Históricos*, v 32, n. 68, 2019, p. 655-674.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ROMERO, José Luis. *La ciudad occidental: culturas urbanas em Europa y América*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

ROSA, Marcus V. de F. *Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940*. Dissertação de Mestrado. PPGH UFRGS, Porto Alegre, 2008.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.

SANTIAGO, Jorge P. *La musique et la ville. Sociabilité et identités urbaines à Campos, Brésil*. Paris: L'Harmattan, 2000.

SANTOS, João Manuel C. M. Como ser um “clube grande”? Arnaldo Guinle e a gestão do Fluminense Football Club (1916-1931). *Revista Pensamento e Realidade*, v. 29, n.1, 2014, p. 1-21.

SANTOS, José Antônio. *Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol*. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2018.

SANTOS, Rodrigo Luís dos. *Nomes, laços e interesses: formação de redes sociais e estratégias políticas de católicos e evangélico-luteranos em Novo Hamburgo / RS (1924 – 1945)*. Dissertação de Mestrado em História. PPGH, UNISINOS, São Leopoldo, 2016.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias. Intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Edusp, 1997.

SCHMITT, J-C. *O corpo das imagens. Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007.

SILVA, João B. L. *Estádio Olímpico Monumental: o templo da imortalidade*. Tese de Doutorado em Ed. Física, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018.

SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha: uma vida em jogo*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 2007.

SOARES, Ricardo Santos. *O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SOUZA, Li-Shang Shuen Cristina Silva. *Noticiário esportivo no Brasil: uma resenha histórica*. São Paulo, Lâmina, 2005.

STEDILE, João Pedro. *A Questão Agrária no Brasil: O debate tradicional – 1500-1960*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

TOTA, Antônio Pedro. Cultura e dominação: relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos durante a guerra fria. *Perspectivas*, n. 27, 2005, p. 111-122.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.

VALERIO, Danilo L.; ALMEIDA, Marco A. B. O estádio de futebol: perspectivas históricas, políticas e econômicas sobre este espaço de prática futebolística. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 3, n.3, 2016, p.100-117.

VANIN, Alex A. A atuação do SPI, do governo do estado, e as reduções de área indígena para constituição de reservas florestais no RS (década de 1940). In: *III Semana do Conhecimento UPF*, 2016, Passo Fundo.

VILLA, Marco Antônio. *Jango um perfil (1945 – 1964)*. São Paulo: Editora Globo, 2004.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Análise da composição racial da população de duas “Vilas de Malocas” no início da década de 1950 e início da década de 1970 em Porto Alegre. *8º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Porto Alegre, 2017.